FLORILEGIO

DA

Poesia Brazileira,

OU

COLLECÇAO DAS MAIS NOTAVEIS COMPOSIÇÕES
DOS POETAS BRAZILEIROS FALLECIDOS,
CONTENDO AS BIOGRAPHIAS
DE MUITOS DELLES,

TÚDO ACOMPANHADO DE UM

ENSAIO HISTORICO SÔBRE AS LETTRAS
NO BRAZIL.

TOMO III.

MADRID:
Imprensa da V. de D. R. J. Dominguez;
R. Hortaleza, número 67.
1853.

PREFACÇÃO

DESTE TERCEIRO TOMO.

O inesperado acolhimento que receberam do Publico os dois primeiros voluminhos desta obra, imperfeita como saiu, nos obrigou tanto, que nos propozemos a melhoral-a, logo que isso nos fosse possivel. E ainda que o meio mais commodo fôra o de fazel-o na futura edição, como é natural que ella (que Deus sabe se chegaremos a emprehender) tarde ainda annos, decidimo-nos a dar á luz este terceiro tomo, e pedimos ao leitor que o receba, senão com tanta indulgència, que bem a necessita, como os dois primeiros, ao menos sem muito desfavor. Ao que for benigno e justo equivale a pedir justiça.

Aos leitores menos benevolos não pediremos nada, nem daremos aqui satisfações; pois estamos persuadidos de que para a maledicencia ellas só servem de alimento. Para prova basta dizer que houve um praguento, Deus lhe perdoe, que poz em dúvida se era da lingua portugueza ou gallicismo (!), o vocabulo—florilegio,—porque casualmente o não encontrou alfabetado no seu canhenho. O termo é originalmente latino; e tanto bastaria para merecer perdão quem ousasse apresental-o; porém

em de latino, é elle muito e muito portuiez, e não só o abonou modernamente Fiito, mas é tão classico (no sentido que cosmamos dar a esta palavra) que o titulo de m livro impresso em Coimbra em 1656 é o guinte:—*Primeira Parte do Florilegio spiritual.*—E este livro de Fr. Faustino da adre de Deus é justamente um dos que a cademia das Sciencias de Lisboa sancciona mo seiscentista de cunho para abonar as alavras de nosso Diccionario, e Moraes o cita a lista dos autores que publica na sua introucção.

Madrid, Dezembro de 1855.

XXX.

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA.

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA *.

Ao Coronel Manuel da Gama Lobo de Almada, Governador do Rio Negro, e Commissario Principal da quarta Divisão das Demarcações.

I.

En quanto a baixa adulaçaõ, sem pejo
Contrafazendo o rosto macilento,
Com vaõs ornatos, com postiças côres,
Em público se mostra;

Em quanto offr'ce corrompido incenso
Nas aras da forçada dependencia,
Com maõ venal e torpes simulacros,
Que vê que estaõ presentes;

* Nasceu Tenreiro Aranha na villa de Barcellos do Rio Negro em 1769, e falleceu no Pará em 1811.—Deixou-nos umas allegorias dramaticas, alguns sonetos, muitas odes, alem de varios discursos em prosa. Das suas composições não perdidas fez seu illustre filho uma edição (Pará 1850) com o titulo de *Obras Litterarias*. E' deste livro que aproveitamos as duas odes que offerecemos neste logar.

Em quanto do vicio prostitue seu canto
O Vate indigno do sagrado Pindo,
Sacrilego turbando as puras aguas
Da limpida Hyppocrene,

Eu celebro a virtude, ao Gama louvo,
Ella só, ella é digna dos meus versos;
Vamos sinceros coroar de louros
De um digno Heroe a fronte.

O' doce Muza, minha casta Muza,
Hoje que isenta das crueis torturas,
Que o plectro teu ás vezes tem forçado,
Sonora e livre cantas,

Hoje, soltando as encolhidas azas,
Entregue unicamente a teus desejos,
Sem fadiga e violencia, vai voando
Serena e socegada.

Debalde intenta o impavido Amazonas
Espumante e feroz embaraçar-te;
A negra hirsuta fronte sacudindo;
Mas tú irás constante,

Apezar das correntes, a despeito
Da graõ distancia, e d'horridos desertos,
Ao Gama illustre offerecer capellas,
No Guajará tecidas.

O' Gama, ó tu d'Heroes nome preclaro,
Em toda a idade, nos oppostos climas,
Este tributo aceita, que á virtude
Se deve em toda a parte:

Bem como o grande lucido planeta,

Que do ceo nos envia a luz brilhante,
Assim mesmo de longe resplandeces,
De lá meus olhos feres.

Mas qual das tuas cantarei primeiro?
Que portentos, que raras maravilhas!
Se qualquer d' ellas fatigar ainda
Verei épica tuba;

Verei, verei, se as muzas luzitanas
Mais justas., ou mais bem favorecidas,
Deixando assumptos vaõs, amor sediço,
Cajados e cabanas,

O divino furor, o plectro eburneo
Em mais nobres empregos occuparem,
E aos altos feitos dos varões famosos
Cantando eternisarem:

Naõ foi o Grego Achilles, e o Troiano
Eneas, Godofrede, nem aquelle,
Que de Ad' mastor dobrou a cerviz dura.
Mais dignos que este Gama,

Ora te veja sobre o patrio Tejo,
Ora nos muros Tingitános, onde
A escolla sempre foi dos nobres Luzos;
Mas tu lições lhe deste:

Tu desde o berço conduzido foste
Pela maõ da severa heroicidade,
Que a clara fama oscurecida deixa
Dos Reg'los e Fabricios:

Foi elle, é elle o que guardando intacta
Da honra, e da palavra a fé sagrada,

Escuta ó Roma;..... mas aqui de assombro
A muza se suspende:

Se a voz do sangue, e a voz da natureza,
Se os horrores da morte naõ te abatem,
Invicto Gama, que poder teriam
Os mesmos da fortuna?

Somente do dever, e só da gloria
Os dictames escutas prompto e docil;
Só buscas a virtude, embora sejas
Feliz ou desditoso;

Embora a vil desgraça te ameace,
Arreganhando os verde-negros dentes,
Crescem, soff'rendo os furacões de Eolo,
Os corpulentos troncos;

Aos grandes homens os trabalhos provam,
Só ao merito ataca a torpe inveja;
Mas, qual firme rochedo, o varaõ forte
Despreza as furias bravas:

Do público louvor a voz sincera
O vinga, e galardoa nobremente,
E do Principe justo a maõ sublime
Os premios lhe prepara:

Já por elle estimado e distinguido,
De um modo singular e relevante,
Te entrega uma das chaves, e a mais forte,
Do paraense Imperio;

Já novos louros a colher te envia
Do Matapi nos campos, onde Marte,
Minerva e Ceres justamente gratos

Louvores te tributam.

Ora inspirado o bellicoso genio,
Ora polindo barbaros costumes,
A abundancia levaste, a qual apenas
La te naõ viu, se ausenta.

Mas onde, aonde te detens, ó muza,
Se em taõ vasta carreira a méta buscas?
Da patria, inda que rude, a vóz suave
Já grata nos convida;

Vamos n'ella cantar Almada illustre,
E a lyra, a nova lyra fabricada
De hum tronco, que nascêra nos seus bosques,
Se bem que desditoso,

Qual devido tributo consagremos
No theatro maior dos seus louvores
Ao genio creador, que torna claras
Do Rio Negro as aguas;

Que os áridos desertos fertiliza,
Que promove a cultura de seus campos,
E dos seios profundos desentranha
Incognitos thesouros:

Olha longas campinas, que té gora
Somente bravas feras habitavam,
De repente (ó que bens aqui diviso!)
Cobertas de manadas;

Olha a madre commum agricultura
Como florece á sombra do seu braço!
A industria, novas fabricas, prodigios,
Quem póde numera-los?

Como em taõ breve tantas maravilhas
Fazer podeste! Mas as densas trevas
N'um momento dissipa a luz brilhante,
Faz tudo um grande genio.

Já da abundancia a cornucopia rica
Derrama ali seus dons; qualquer daquelles,
Que partecipam do teu almo influxo
Os seus effeitos sentem;

Os seus effeitos contam, nas distantes
Remotas praias, as longiquas gentes
De nobre inveja, de alto assombro cheias,
Assim clamar eu ouço:

Povo, que logras tanto bem, tal gloria,
O'povo venturoso, mas cem vezes,
Mais venturoso aquelle peito heroico,
Que a tantos faz ditosos;

Que illustre só nasceu para que fosse
Benigno e virtuoso juntamente,
Que o seu poder com beneficios mostra,
Que manda, sendo amado;

Que o rapido fervor de um zelo ardente
Regula sabio, placido dirige,
Que ao seu principe, e povos igualmente
Sustenta co'as maõs ambas:

Eu vejo, eu vejo o Rio Negro ufano
Empolado e risonho despresando
Tardos soccorros, que de fonte extranha
Pedia e supplicava;

Em si mesmo, ou no peito inhexaurivel

Do seu próvido chéfe agora os acha,
Vale mais que um thesouro um'alma grande,
É GAMA o seu recurso.

Eu vejo, eu vejo... cem leões soberbos
Fugir, deixando o territorio luzo,
Sem desastres e sangue, só ao nome
De GAMA esclarecido:

Quanto fizeste!... Mas naõ deve a muza
Temeraria exceder os seus limites,
Reconditos mysterios divulgando,
Que ao vulgo saõ defezos.

Já sobre as ondas do Uaupés medonho,
E do Chié remoto vai surcando,
Naõ em fortes baixeis de altiva pôpa,
De cem canhões possantes,

Naõ entre fidas, numerosas tropas
De lusitana gente valerosa;
Mas só de poucos, desleaes, seguido
Inertes frouxos peitos,

N'um fraco lenho vai o novo GAMA,
(Est'outro vencedor de nome eterno)
Naõ só por mares nunca navegados,
Desconhecidas terras;

Mas tambem por sertões inaccessiveis,
Horrorosos desertos ensilvados,
Horriveis monstros, indomaveis gentes,
Mais feras do que as mesmas;

Brutos selvagens, que de Adaõ apenas
As feições mal conservam já truncadas,

E que, de humano sangue sequiosos,
A naturesa espantam;

Por varios climas, onde a morte habita
Nos estagnados lagos denegridos,
Que corruptos vapores exhalando
Da Estyge ali rebentam;

Por tenebrosos antros, e profundas
Tétras cavernas, onde a noite reina,
Entre espectros e horrores, rodeada
De lugubres morcegos;

Os mais viventes, té as mesmas feras
Ali naõ chegam; e segundo contam
Antigas tradicções, a poucos passos,
Encontra-se o Cocyto;

Por trabalhos em fim de immensos modos,
No mar, na terra insolitos perigos
Da vida, da pessoa e liberdade,
Alêm dos que naõ digo;

De viboras crueis, de infestas pragas,
Da crua fome, e devorante sede,
Da incommoda nudez, e da maligna,
Mirrada enfermidade.

Tudo venceste, insuperavel GAMA;
Bem como Alcydes e Theséo venceram;
Porem elles naõ viram o que viste,
Horrendas catadûpas;

Scylla e Carybdes naõ merecem nome
Apár d'aquellas, que inda mui distantes,
Sem vistas ser, as carnes arrepiam,

Co'temeroso estrondo

Dos horridos rebombos, que afugentam
Aos seus coviz os brutos espantados,
E os nadadores peixes ao seu centro
Fugindo, asylo buscam;

Milhões de furias do profundo abysmo
Nas agitadas ondas transformardas,
Bem como ardentes legiões que animam
A' fervida peleja,

Nas duras rochas furibundas batem,
Volvem, desfazem rigidos penedos,
Entre bramidos e urros, vomitando
Serras de raiva e espumas,

Que ora parece que escalar intentam
Os altos céos, ou já com força incrivel,
Com rapido despenho revertendo
Até o Averno descem:

Aqui, aqui, ó barbara desgraça,
Que mal, que grande mal nos preparavas!
Se o anjo tutellar do Rio Negro
A patria naõ salvasse;

A figura tomando de hum soldado
Depressa acode ao GAMA esclarecido
Que a largos sorvos na funerea taça
Das parcas já bebia:

Graças te damos immortal vivente,
Por tanto bem, mil graças te rendemos;
E tú, dos Luzos ó rainha excelsa,
De longe estende a vista,

A ver trabalhos, que por ti suporta
O melhor dos vassallos, o mais digno
De sustentar a glória do teu sceptro
Em taõ remotos climas;

Que a tantos males, e perigos tantos
Se expõem por te servir unicamente,
E faria ainda mais por teu respeito,
Se mais querer podesses;

Que descobertas uteis te offerece,
Empresas, que ainda aqui nenhum tentár.
Serviços d'alto preço, se outro preço
Quizera de os ter feito.

Porém que grande inopinada scena
Se mostra agora aos olhos meus suspensos
Que immensa multidaõ surgindo vejo
Desses sombrios bosques?

Dos montes descem já cobrindo as praias
Mil corpolentos vultos bellicosos,
De tangas, de pennachos adornados,
E de urucú tingidos,

Que a brutal desnudez pouco disfarçam
Onde é somente natural o pejo,
Os mais barbaros incolas do globo,
Que cria a zona ardente,

O Mond'rucú feroz, que todos temem,
E se de ouvil-o fica o Mura frio,
A' guerra usado, e ao sangue, que derrama
Dos craneos, em que bebe;

Quaes feros Hunnos innundando a terra,

Ou como alluviaõ de grandes aguas,
A toda a parte, em todo o tempo levam
O susto, o horror e a morte:

Mas já deixada em fim a atrocidade,
Mansos e meigos vejo vir chegando,
E as taquáras fataes, ervadas setas,
As massas e os carcazes

Aos pés depôr com reverente aspeito
Do claro heroe da America, do forte
E raro vencedor, que a lei lhes dicta,
E as almas lhes vencera;

As almas, que tégora naõ podéram
Indomitas soffrer extranho jugo,
Olhando com rancor a trinta lustros
As quinas sacrosantas;

Já, sobre as maõs eterna paz lhe juram,
Leal obediencia; e só por elle,
Por seu respeito, perdoar promettem
A toda especie humana.

Eis, Iuza Soberana, as novas gentes
Que GAMA, o nobre GAMA te offerece,
E ao paraense imperio dilatado,
Já livre de temores,

Uteis amigos, duplicados braços,
Com que extrahir da terra os seus thesouros,
Em cidadaõs pacificos trocados
Os mesmos bravos tigres:

E tu religiaõ do céo mandada,
Que n'esta acçaõ tiveste a melhor parte,

Eis os novos prosélytos e filhos,
Que ao seio teu se aggregam:

Tu dirigiste a maõ, que os conquistára,
Os meios lhe inspiraste de ti proprios.
Sem ferro e fogo, (ó nova maravilha!)
Sem lagrimas, nem sangue,

Que GAMA poupa, só de sangue aváro
Alheio, e naõ do proprio que despreza,
Pois ama os homens, só detesta o crime,
Só teme a Deos, que adora;

A fé guardada a terna humanidade,
Liberal, generoza, inexhaurivel,
Os planos e os recursos do seu genio
Sublime e poderoso,

As armas foram, que vencer poderam
Estes de bronze tresdobrados peitos,
Virtudes, que, sem outras, bastariam
A' gloria do seu nome.

Eu vejo ainda, ó quadro precioso!
Eu vejo o meu heroe co' as maõs benignas
Ir elle mesmo secorrer propicio
A miseros enfermos;

Elle é sensivel, grato e compassivo,
O meu heroe naõ é de pedra dura,
Por humano consegue a melhor croa
Que aos semideoses orna:

Prostrado o vejo aos pés da Divindade
Os seus troféos humilde offerecendo,
Co'a mais sincera e solida piedade,

O mundo edificando.

Modelo em tudo ao resto dos humanos
Tambem de heroe christaõ merece o nome,
Este nome taõ raro em nossos dias
Fataes, tempestuosos:

Tremei, tremei, incredulos profanos,
Almas vis só de estupida materia,
Que de espíritos fortes o vaõ nome
Buscaes no crime e no erro,

Que os olhos fitos sobre o baixo lodo,
Se os levantaes ao céo algumas vezes,
E' só para insultar a maõ potente,
Que o semeou de estrellas;

Insensatos, tremei, que um braço forte,
Um genio vasto, impavido e sublime
Vos confunde melhor con seus exemplos,
Que quanto Huécio prova;

Desta fonte celeste a força tira,
Que o firme passo intrepido lhe guia,
Sem ella naõ conheço heroe completo,
Só ella immortaliza.

E vós divina, singular e illeza,
Immaculada mãi, do empyreo glória,
A quem GAMA, com votos reverentes
Consagra eternos cultos,

Vós, a cujo supremo e doce nome
Este illustre mortal reconhecido
Templos erige, altares off'rece,
Magnifico e devoto;

Patrona digna de um heroe piedoso,
Melhor que as falsas fabulosas deosas
Do filho de Pelêo, do astuto Grêgo,
E do Troiano errante,

Vós prosperae seus dias e successos,
Que sobre as firmes azas da virtude,
Passando além do templo da memória,
Iráõ além dos astros.

Ao Sñr. Joaõ de Mello Lobo, quando naufragou nos baixos da Tijóca, á entrada do Pará.

II.

Em vão dos bravos ventos combatido,
Bramar se vê na praia o mar irado;
As furias naõ abrandam os bramidos
Do donodado Boreas!

Em vaõ quem da desgraça sente o golpe
Geme, clama, lamenta, desespera,
As lagrimas naõ curam a ferida
Do penetrante ferro.

De que serviu áquelle, que os presados
Haveres viu roubar-lhe a fatal cheia;
Da cabana, que os Deoses lhe guardam,
Derribar as paredes?

Se a fazenda se vae, existe o nome,
Se um e outro, ainda resta a doce vida:
Cede todos; porêm, rindo da sorte,
Alma nobre lhe fica.

m ella ficam livres as virtudes,
e o fazem feliz ou desditoso;
ıbora diga o vulgo cego e rude
Aquelle é desgraçado.

ıõ será, certamente, se conserva
leme da razaõ, que da tormenta
guro o tornará, forçando o remo,
Ao porto da fortuna.

'eliz o que a perde, que turbado
s rotas vélas, dos quebrados mastros
; vagas em tumulto se abandona
Dos empolados mares.

vagas das paixões que nos figuram,
ı um mal aparente, um mal eterno,
ando piloto sabes, que sucede
A calma á tempestade,

ıe da rapida roda, o raio ardente,
e rasga, que revolve a dura terra,
õ descança no chão, ligeiro sobe,
E procura outro ponto.

em extrema desdita te ponderas,
pera, amigo, espera nova sorte,
ŏ afflijas os céos, se das maiores
Desgraças naõ padeces.

ıe disseras, se os olhos entreabrindo
ıtre maõs argelinas, vis cadeas,
rdida a liberdade, a patria, o sangue,
Te viras sem amigos?

ı que amizade, a candida amizade

E' santelmo nos mares da fortuna:
Feliz aquelle que, mudando as scenas,
Os amigos descobre.

Não digo que gracejes ao aspecto
Dos pacótes rolando sobre as ondas;
Dos tristes companheiros em derrota,
A ermitões reduzidos.

Nem quero que presumas sirviria
Em sorte igual meu animo de exemplo:
Eu te mostro o caminho, que encuberto
Te tinha cega mágua.

Apára a força da cruel pancada
Em escudo de heroico soffrimento,
Quem de Christo as bandeiras segue firme
Quem por homem se tem;

E qual viçoso delphico loureiro,
Que ora soffra do inverno o sopro frio,
Ora aperte o veraõ, naõ perde a galla,
Naõ murcha, nem abate.

Assim deve ficar uma alma grande
Já nos máos, já nos prosperos successos,
Assim ganhar a crôa relusente
Do mesmo louro feita.

XXXI.

JOSÉ ELOY OTTONI.

JOSÉ ELOY OTTONI. *

Epistola

Ao P. Antonio Pereira de Souza Caldas.

Soprando a chama do aquecido engenho,
Batendo as azas da razão liberta
Desprende o vate a suprimida penna
Da força occulta, que lhe tolhe o rasgo:
Não teme o vento rugidor, naõ teme
A nuvem grossa, que o trovão despeja;
Transpondo o espaço, que ás idéas obsta,
Navega afoito sobre o livre espaço.

Não cuides Lilia qu'eu avance ousado
Alem da meta circunscripta aos vates;
Da patria amigo, o cidadaõ respeito,
Respeito as leis, a religiaõ, o estado
Quando cheio de Apollo ás nuvens mande
Meus pobres versos, da desgraça filhos;

* Nasceu Ottoni na actual cidade do Serro em 1764. Depois de estudar latinidade passou á Italia, donde tornou para Minas a reger uma cadeira de latim. Dahi a alguns annos voltou a Lisboa. — Regressando ao Brazil foi despachado official da secretaria da Marinha, e falleceu a 3 de Outubro 1851.

O mesmo numen, que os inspira e move;
Bafeja e manda, que inspirados devam
Partir de um ponto que no centro é fixo.
Salvando o golfão, que as paixões exhala,
Sem mancha, livre d' infecção, seguro
Do bafo crestador, que a mente empola,
Não sirvo ao premio da lisonja escravo;
Arrasto os ferros que os mortaes arrastam.
Eu amo, ó Lilia, e se o amor é culpa,
De ser culpado não s'exclue quem ama.

Não zombe o sabio de me ouvir; attenda,
Escute o sabio a voz da natureza.
As plantas vivem, porque as plantas amam
Ao tronco unidas, quando os olmos brotam;
Brotam as verdes, trepadeiras heras.
Não curva os braços verdejantes, ergue
Soberba o colo, demandando as nuvens;
A palmeira recebe, acolhe, afaga
Suspiros ternos que a saudade envia
No bafo meigo do amador distante.
Se o fido esposo, que de longe exhala
O suco ethereo, que vegeta e nutre,
Cedendo á força malfazeja expira;
A esposa, logo que a exhalar começa
Do fluido exhausto o deprimido alento,
Sequiosa pergunta, affavel pede
Noticia ao vento, que lhe nega e foge;
Não vive a esposa, quando o esposo acaba;
Perdendo a força nutritiva, perde
O vigor da união, que a enlaça e prende;
E do esposo chorando a perda infausta,
Convulsa treme, solitaria morre.

Reflecte, ó Lilia, nos purpureos gomos,
Fecunda prole do virgineo fogo,

Que accende o pejo da engraçada Flora.
Vê, como a força vegetal rebenta!
A aurora ha muito que bafeja o leito
Da florifera Venus, do engraçado
Formoso Adonis, que em consorcio unidos
Prestavam firmes os solemnes votos,
Qu'exige a prole de brincoens amores.
Depois que a tocha nupcial accende,
O purpureo hymineo dá vida ás flores,
Acode aos gomos, e rebenta o germen.
Não pára o fluido, os filamentos incham,
Rebenta o calis, e os amantes soltam
Do peito o aroma que perfuma os ares.

Oh santa, oh justa, oh sabia natureza!
Como é possivel desligar-se um ente,
Que á mesma especie do outro ente é unido!
Os volateis no ceo, no mar os peixes,
O pequeno reptil, o insecto informe,
Os entes do Universo... ou nada existe,
Ou cada especie á sua especie é unida.
E se um ente mais nobre existe, o homem,
Se uã hydraulica mais sublime o nutre;
Qu'efficaz attracção, que força activa
Dispoem de um ente, que o autor dos entes
Manda que impere aos entes do Universo,
Não por orgulho, sim por excellencia
De um principio, que o move, anima e nutre.

Lyras.

I.

Eu te adoro, meu bem; aos teus altares

Humilde eu mando arabico perfume,
Que em sôlta nuvem de enrolados globos
Ao throno chegue de propicio nume!
Mas ó presagio triste!
O Ceo negro troveja,
Roxo corisco fende o ar nublado:
E o corvo grasna do sinistro lado.

Acode, ó bella, se o teu astro brilha,
Se os nautas clamam — deusa, não te escondas
Náufrago lenho sobre estranho pêgo
Vence atrevido as empolladas ondas,
A quem te implora, acode;
Eu, que assiduo te imploro,
Que os teus altares reverente vejo,
Serei... ó dôr! a fabula do Tejo?

Denso vapôr electrico discorre
Ingrata via sobre os tôrvos arés;
Manda que o meu batel naufrague
A mão, que enfreia e que serêna os mares.
De mal aceito culto
A reluctante chamma
Suffocada dos ais que amor desconta,
Não se apaga, não morre, ao ceo remonta.

Que eu toque a meta do despreso altivo,
Que eu banhe as faces de amargoso pranto;
Tu pódes conseguir; porêm não pódes
Prohibir-me de amar; não pódes tanto.
De orgulhosa vingança
O peso não me opprime:
Se me desprezas, digam se te adoro
Os ais que arranco, as lagrimas que choro.

Este fragil batel, ás ermas praias

Do fulvo Tejo a tempestade lança,
O meu naufragio ao pescador aponte,
Depois de calmo o vento, o mar bonança.
De livido despojo
Os caracteres leia,
Mostrem-lhe o caso de inexperto amante
A rota quilha, o remo fluctuante.

O echo, que o teu nome repetia,
Quando o teu nome ao echo eu ensinava,
Ferindo agora lugubres accentos
Repete o mesmo, que elle então cantava.
E quando entre suspiros
O queixoso amador
—Analia... Analia—diz—vêm a meus braços:
Retumba—Analia—sobre os vitreos paços.

As tagides de pejo confundidas,
De susto o pescador arrebatado,
Ouvindo—Analia—ficaram suspensos,
Qual muda rocha d'outra rocha ao lado.
E mal a negra noite
Estende o manto escuro,
Viram piar ao sitio sobranceiras
Nocturnas aves, aves agoureiras.

Tempo virá, que vendo procurado
Sobre ésta praia algum vestigio humano,
O naufragío de amor dê nome á praia,
Fique a praia do tardo desengano;
E os ultimos fragmentos,
Que á posthuma lembrança
A mão fraterna de piedade ajunta
Irão jazer no templo de Amathunta.

Perdoa, ente de amor, se a formosura

Ingrata sempre ao coração responde;
Ou não existe o Creador influxo,
Ou se o creaste, dize-nos, aonde?
No peito de uma ingrata
Jamais existe amor.

II.

Da innocencia e da candura
Scintilla o foco brilhante;
Arde a tocha fulgurante,
Que symbolisa hymineo:
Acodem risos de Venus,
Em grupo graças e amores
Da terra abrolham as flôres,
Goteja orvalho do céo.

Recostado o rio ameno,
Que fecunda estas campinas
Vai retratando as boninas
Sobre o liquido cristal.
Dos augustos ascendentes
Falta o doce, patrio abrigo!
De oliveira tronco antigo,
Falta o leito nupcial!

Aos ardores com que o sol
Tinge a côr da zona ardente,
Suppre o animo innocente
Do moço braço e gentil:
Banha o lucido cruseiro
Novo gráu de claridade,
Aos effeitos da saudade
Suppre a gloria do Brazil.

Eis a esposa... Como é pura!
Entre as virgens como é bella!
Eis o heroe, que é digno d'ella!
Já brilha a estrella do sul:
Ao vêr o rosto suave,
Que mitiga a Iberia o pranto
Desdobra Thetis o manto,
Bordado d'oiro e de azul.

E' mais bella do que o ramo,
Que jámais as flores perde,
Aonde insecto auriverde
Brilha junto ao caracol;
E' mais gentil do que o cedro,
Quando a casca o germe empola,
Mais innocente que a rola,
Quando geme ao pôr do sol.

Abre o caminho á virtude,
Gradas espigas lhe lança,
Ao regio lado a esperança
Bafeja fructos de amor;
Sente a America o preludio
De movimento suave,
Que nas mãos lhe põe a chave
De imperio culto e maior.

Volvendo os fastos de Lysia
Entre os mysterios, que adora,
Ha muito um riso d'aurora,
Este successo prediz;
O natalicio, que o Tejo
Inda recorda saudoso,
Foi annuncio pressuroso
D'este consorcio feliz.

Na belleza do Universo
Formam as leis da harmonia
Simplicidade, alegria
Que nascem do coração.
A's nupcias da natureza
O mar e a terra assistiram
Todos os entes sentiram
As leis geraes da attracção.

Assim na infancia priméva
Que o pintor do Eden cantava,
Por entre as flores raiava
A innocencia do jardim;
Como um arroio abundante,
O mel e o leite corria,
O genio da paz tecia
Festões de murta e jasmim.

Eis o berço de verdura
E assucêna matisado,
N'este sitio affortunado,
Que o Eden o par descantou!
De ouro e purpura fulgente
A natureza vestiu-se,
. . . .
. . . .

III

Por mais que a lyra eu ajuste,
Por mais que as cordas affine,
A voz da lyra enrouquece,
O som das cordas não tine.

Immortal filha de Jove,
Para que me deste a lyra?
Si o teu vate as cordas fere,
Em vez de cantar, suspira!

Apenas ajusta o canto,
Unido ao som do instrumento,
Treme a voz, e a mão cançada
Manda o som disperso ao vento.

Se á força dos ais, que arraneo,
Solto um ai do peito fóra,
O echo não me responde,
E quando respondo, chora.

Queres que a mente inspirada
Se occupe de amantes queixas?
E o canto alegre dos hymnos
Se torne em tristes endeixas?

Um genio os passos me guie
Sobre campos matisados
De frescos lyrios, que, ao longe,
Pareçam grupos nevados.

IV.

Josino, a Pastora,
Que adoras, é bella?
—Não é tão formosa
De Venus a estrella.—

Os olhos despedem
Viveza e calor?

São mais poderosos
Que as settas de amor.—

Pois ferem, pois matam,
Dizei-me, o que sentes?
—Não matam, não ferem,
Mas são eloquentes.—

Os olhos que exprimem,
Que podem fazer?
—A uns fazem magoa,
E a outros prazer.—

E logo figuram
Dois raios que ferem?
—Figuram brilhantes,
Que fallam, se querem.—

Dizei-me, das faces
A côr é mimosa?
—E' um mixto de neve
Com folhas de rosa.—

Tal vez de artificio
Proceda a mistura?
—Pastora inocente
Não ama a pintura.—

Se as faces desmaiam;
Depois não melhoram?
—Desmaiam de susto,
De pejo se coram.—

A côr de seus labios
Mudança não sente?
—Não mudam de côr,

Rubins do Oriente.—

A boca tem todos
Os dotes precisos?
—A boca é thesouro
De graças e risos.—

E os dentes parecem
De jaspe ou marfim?
—Excedem n' alvura
Da Italia o jasmim.—

Figura-lhe o collo,
E o seio descreve.
—E' um golfo de amores,
Duas ilhas de neve.—

Os braços, que são?
Responde, Pastor.
—Porções de alabastro,
Cadeias de amor.—

O gesto, a figura,
O talhe é garboso?
—Tem mais gentileza,
Que o cedro frondoso.—

Que seja o retrato
Tal, eu não creio.
—A origem não mente,
Do céo é que veio.—

Se o nome lhe occultas,
Eu mais não prosigo.
—Prosegue; o seu nome...
Perdoa, não digo.—

Ao menos impresso
Não tens no cajado?
—E' sobre o meu peito,
Que o tenho gravado—

V.

O ceo,—quem é que não sente?—
Quiz a bem da humanidade,
Que fosse a maternidade
O sacerdocio de amor.
Deu-lhe a voz do sentimento,
Os affectos da ternura,
Deu-lhe o dom de creatura
Semelhante ao Creador.

Se vinga o fructo, que nasce,
De ternos suspiros seus,
Então se assemelha a Deus
Na imagem, que reproduz.
Que dignidade! Estremecem
Os Anjos, a natureza,
Vendo a origen da nobreza
Tão discreta como a luz.

E cabe ao ente mais nobre
No seio de amor nutrido,
Roubar ao recem-nascido
O que a ternura lhe deu!
Assim no embate violento
Que o mundo moral sentia,
Fugiu do centro a harmonia,
E nas trevas se escondeu.

Lá se escuta ao som do vento
Na solidão pavorosa
De uma noite tenebrosa
Um innocente gemer...
Que tigre de raça humana
No maior agastamento
Pode ouvir este lamento,
Sem jamais se enternecer?

N' este recinto innocente,
Onde amor com as graças lucta,
Pois que a miséria se escuta,
Este clamor escutei;
«—De que nos serve a existencia?
»A mão que pode dar vida,
»Se torna sempre homicida,
»Se do interesse faz lei.

»Pequeninos... no regaço
»De calor desconhecido,
»Expostos..! —» E n'um gemido
Esta voz emmudeceu.
Novo clarão de esperança
Que abre o genio bemfazejo,
Por quem chora e vive o Tejo
Sobre o recinto desceu.

Exultai, ó pequeninos,
Aurora de novo dia
De longe vos annuncia
O da existencia prazer.
Sentireis calor tão puro,
Como o sol, quando enche os valles,
A' noite de antigos males
Nova luz vai succeder.

Lyra, si a Augusta Princeza,
Que tu cantas e eu contemplo,
Nos mostra a seu lado o exemplo
De ternura maternal...
Este argumento é mais nobre,
Que o teu som pequeno e rude,
Elle descobre a virtude,
Que liga o bem social.

Sonetos.

I.

Quando o genio de Lysia á foz do Tejo,
Mostrando a espada e loiro aos pés do Throno,
Tropheos de luza gloria arranca ao somno,
Em qu'a Europa jazia, oh dor! sem pejo;

Quando filha de amor, mãi do dezejo,
A saudade em pranto, em abandono
Vendo o berço de heroes, patria, sem dono,
Das cinzas fez brotar valor sobejo;

Quebrou-se o nó, qu'a frouxa Europa atava;
E o Brazil vendo o Principe, qu'adora,
Vem, Princeza, a teus pés depôr a aljava.

Feliz o Tejo então, feliz agora!
Se então era feliz quando gozava,
Agora é mais feliz quando te chora!

II.

Sonhei, Marilia, que comtigo estava
Que o terno Honorio alegre me dizia:
Meu pai! apenas este nome ouvia,
Suspenso nos meus braços o apertava.

Que a pequena Eduviges reparava
No meu semblante: como que sorria;
Que os bracos amorosa me estendia
E que eu chorando as faces lhe beijava.

Antes Marilia, o sonho eu naõ tivera!
Nos braços da saudade despertava,
Porem dor tão pungente não soffrera:

Sonhei, Marilia, o que antes não sonhara,
Pois passando de um gozo ao que não era,
Sem filhos, sem Marilia não me achava..

III.

Marilia, mal formados caracteres
Apenas eu te envio; aus patrios lares
Uma cópia darás de meus pezares,
Um retrato de meus fieis deveres.

Vai oh carta feliz, naõ consideres
Que tens de atravessar soberbos mares!
E quando o paço de Marilia entrares,
Beija-lhe a mão formosa, se poderes.

De mim talvez Marilia se condoa...
Dize-lhe?! eu venho do formoso Tejo
Dize-lhe... oh! dor!.. eu venho de Lisboa!

Quanto! oh carta feliz, quanto te envejo!..
Vai... arranca-lhe um ai magoado... vôa,
Nas brancas azas de um feliz desejo.

IV.

Era um sitio de rosas matizado,
Aonde amor depondo a prenhe aljava,
Da terna mãi nos braços descansava,
Deposta a venda, o arco desarmado.

Apezar da estação, risonho o prado,
Risonha toda a natureza estava,
Por lei de Jove o tempo respeitava
Um dia que era a Venus consagrado.

O mesmo travesso suspendia
Da boca o riso, quando a mãi formosa,
Afagando-o nos braços lhe dizia:

«Faz annos Carolina virtuosa,
«Vamos colher em honra deste dia
«Em Chypre a murta, em Amarantha a rosa.

V.

Portuguezes! A nuvem tenebrosa,
Qu' offuscava a razão desaparece,

Desfez-se o cahos que a discordia tece:
Já se encara sem medo a luz formosa.

Dos erros a progenie maculosa
Baqueando em soluços estremece,
A justiça dos céos ao throno desce,
Marcando os fastos á naçaõ briosa.

Lysia, berço de heroes, oh Lysia, alerta,
Cumpre que os ferros o Brazil arroje
Seguindo o impulso que a razão disperta..

A expressão de terror, desmaia e foge
Graças á invicta mão que nos liberta
Escravos hontem, sois romanos hoje.

VI.

Sinistro agouro do mortal quebranto
No pavez andaluz erguia o brado;
O da Iberia leão, como assanhado,
Rugiu, estremeceu de horror, d'espanto.

Perfidia e susto desdobrava o manto
Que envolve e aquece a purpura e cajado,
O Tejo sobre a urna recostado
Com a mão no rosto viu da Iberia o pranto.

Da virtude as primeiras corrompendo,
Rapido impulso de contagio forte
Em Lysia faz que soe o grito horrendo.

O furor da esplosão ribomba ao norte,
E o Brazil, por salvar-se, a voz erguendo,
Proclama o grito « Independencia ou morte! »

XXXII.

VICENTE DE COSTA JAQUES.

VICENTE DA COSTA JAQUES.*

Memento homo qui pulvis es,
et in pulverem reverteris.

Soneto.

Lembra-te oh homem que és de pó formado!
Fragil materia a quem destroe o vento,
E's homem por effeito de portento,
Sendo homem serás em pó tornado!

Séria experiencia te tem já mostrado,
Que deixas de ser homem n'um momento,
Ou já soffrendo de um longo mal violento,
Ou já de um leve sopro dissipado.

Que resta oh! homem pois? fitar a vista
No quadro, que te offrece a eternidade
E o céo só deve ser tua conquista,

Ama a virtude, detesta a impiedade
Olha que a morte muito pouco dista
E tens nas cinzas as provas da verdade.

* Consta que era natural de Itú. Tanto da poesia, como do individuo faltam-nos informações autenticas.

Gloza.

Creado o céo por Deus, creada a terra,
É separada a luz da sombra escura,
Creado tudo quanto o Globo encerra,
Em obra mais perfeita Deus se apura,
Na substancia de elevada serra
De que Deus organiza a creatura
De humilde barro foi Adão gerado,
Lembra-te oh homem que és de pó formado.

No sopro, que lhe deu o Omnipotente
Espiritos vitaes logo lhe inspira,
O que hapouco era barro, é agora um ente
Com alma racional que o respira,
Mas seduzida Eva da serpente,
Soberbo, ser igual a Deus aspira
Perdendo a graça, fica n'um momento
Fragil materia, a quem destroe o vento.

Esquecido do ser que recebera
Desobedece o homem desgraçado,
Então o bem conhece que perdera
E fica prizioneiro do peccado;
A' graça quer tornar que recebera;
Mas é já differente o seu estado.
Lamenta Adão o teu esquecimento!
E's homem por effeito de portento.

Vês oh homem! o pae, de quem descendes,
Por causa do seu crime suspirando
Que essa materia em que a alma prendes,
Pouco a pouco se vai anniquilando,
Olha os vicios crueis com que contendes,

Que a victoria feliz vão acclamando:
Attende ao teu destino decretado,
Sendo homem serás em pó tornado.

Da desabrida morte a mão mirrada,
Movendo a incurvada fouce dura,
Ou de sangue real a tem mesclada;
Ou do pastor a vida desfigura;
A idade juvenil se vê cortada
Dissipa-se a velhice, que já dura
Que a morte não attende a sexo, e estado
Séria exp'riencia te tem já mostrado:

O sabio, o rico, o ignorante, o pobre
Sujeitos são ás leis da natureza,
Tanto vale o humilde, como o nobre,
Todos são concebidas na fraqueza;
A massa, que nos géra, e que nos cobre
É muito debil, falta de firmeza,
Não te fies na glória, nem no augmento,
Que deixas de ser homem n'um momento.

D'uma pobre membrana produsido
É neste mundo o ente mais perfeito
Que sendo no peccado concebido
Aos males do peccado está sugeito;
Com pezados cuidados envolvido
Combatendo perigo peito a peito
Acaba de repente entre o tormento,
Ou já soffrendo de um longo mal violento.

Infeliz condição, infélis sorte
A culpa original da especie humana,
Seja debil vergontea, ou tronco forte,
Seja planta rasteira, ou arvore ufana
Tudo o tempo consome, assim a morte.

Ao homem tira a vida deshumana;
Ou d'antiga molestia extenuado
Ou já de um leve sopro dissipado.

Mil imagens se offerece cada dia,
Que de caduco sêr te desenganam,
Em ti só póde ser louca mania
Se adoras ainda os idolos que enganam;
Piza aos pés com valor, com energia
Esses objectos via que se profanam,
Alça os olhos ao ceo, pede te assista,
Que resta oh homem pois? fitar a vista.

Desordem, confusão, horror no inferno
No céo prazer e bemaventurança
Ali duros tormentos e fogo eterno,
Aquí glória, que só o justo alcança
Um pai amante, um Deus benigno eterno,
Um demonio que ostenta só vingança
Verás oh homem tanta variedade
No quadro, que te offerece a Eternidade.

Os prazeres mundanos renunciai
Seus bens caducos sua pompa e gloria,
Os bens que são duraveis apreciai:
E risca o que periga da memoria:
Cresce a virtude em ti de dia em dia
Contra o inferno alcançarás victoria
Traze os santos preceitos sempre em vista
E o céo só deve ser tua conquista.

Ostenta nos trabalhos paciencia,
Nos perigos constancia e fortaleza,
Observa, com uma cega obediencia,
O bem que inspira o auctor da natureza:
Não te afastes jamais da continencia;

Vê que ser peccador é vil baixeza,
Com ardor exercita a caridade,
Ama a virtude, detesta a impiedade.

Saude, robustez e mocidade
Illudem muitas vezes ao vivente,
E a lembrança feliz da eternidade
Nos mundanos é pouco permanente:
Não te engolfes oh homem na maldade
Contricto te arrepende; e penitente
Entra de novo a celestial conquista
Olha que a morte muito pouco dista.

O marcial guerreiro que assolára
A ferro e fogo o campo inimigo,
O afouto navegante, que buscára
Diversas regiões por mil perigos;
O philosopho sabio, que ostentára
Os systemas dictar a seus amigos
Acabárão. Mortal! é curta a idade
E tens nas cinzas as provas da verdade.

XXXIII.

FR. FRANCISCO DE PAULA SANTA GERTRUDES MAGNA.

FR. FRANCISCO DE PAULA SANTA GERTRUDES MAGNA.

Encomio poetico do conde dos Arcos.

Que sonoro clamor, que som jucundo
Será este, que atroa e espanta o mundo?
Que aligeira matrona taõ formoza
E' esta que diviso magestosa?
Sobre os euros voando accelerada,
De auriferas perpetuas coroada?
Da linda côr do céo toda vestida,
Com brancas, niveas azas guarnecida?
O rosto alegre, a roupa fluctuante,
E na dextra o clarim altisonante?
Ah! sim, tu és, oh bella, oh cara fama,
Vinde, povos, correi: ella vos chama:
Escutai os louvores, que publica;
Pois a tuba sonora á boca applica
Admirai (vos diz ella em tom valente)
O mimo que vos manda o ceo clemente.
O varão a quem deu com primasia
O regimen excelso da Bahia,
E' um sabio politico profundo,
Bem capaz de reger, dar leis ao mundo,
Um aulico varão de probidade,
Que acceitando das mãos da magestade

As redeas dos governos mais honrosos
Se ostentou em mil feitos gloriosos
Integerrimo, heroico, astuto, activo,
De si mesmo senhor, das leis captivo:
Um constante sequaz da recta Astréa,
Em cujo coração arde, e se atêa
Do bem público o zelo abrasador:
Um prudente, efficaz governador,
Que o feio crime pune com prudencia,
Ouve os tristes gemidos da innocencia,
Quebra a espada homicida, o impio aterra,
Da calumnia mordaz a boca cerra,
Prende as avidas mãos do latrocinio,
Calca aos pés o damnoso patrocinio,
E com altas, sublimes providencias,
As artes estimula, anima as sciencias,
Uteis planos na mente excelsa traça:
Do commercio os canaes desembaraça:
Augmenta as producções da agricultura,
E grangêa ao paiz alta ventura.
E' dos povos um terno bemfeitor,
Dos tribunaes fiel moderador,
Que, regrando a leal auctoridade
Pela recta balança da equidade,
Cinge a corôa á virtude, enfrêa o vicio,
Faz a terra ditosa, o ceo propicio.
E' o conde illustrissimo dos Arcos
O magnanimo, o inclyto dom Marcos.
Aqui a fama a voz tanto forçou,
Que entre as mãos a trombeta lhe estalou.

Mas que genio, que vate sublimado,
Na castalia corrente inebriado,
Cantar póde um louvor assáz honroso
A tam sublime heroe, tam glorioso?
Ah! Que não tenha eu a melodia,

Com que o Tracio cantor penhas movia!
As indomitas feras amansava,
Os troncos e montanhas arrastáva!
Altos muros, cidades erigia,
E no horrido averno suspendia
A tristeza, o terror, a confusão!
Mas se um simples furor, se a indignação
Promptos versos dictou a um Juvenal;
Não fará hoje em mim effeito igual
O justo amor de um merito sublime,
Que da fama o clarim ao mundo exprime?
Sim, afoito a meu plectro a mão lançando,
E sem timido pejo a voz soltando,
Como echo da fama eu principio
Do grande heroe o debito elogio.

Se um prudente varão, que assim governa,
Se faz digno de glória sempiterna,
E ter deve pôr seu merecimento
No templo da memoria um alto assento,
A paz desses heroes, raios de Marte,
Que por terra, ou por mar, em toda a parte,
Animosos, por entre mil perigos,
Arrostrando da patria os inimigos,
Com mavorcio valor os derrotaram,
E com glória o seu nome abrilhantaram:
Se das musas o canto mais pomposo,
E da patria o louvor mais glorioso
Gosar deve um heroe justo e prudente,
Que os povos rege sabia e destramente,
Vós, musas immortaes, estros divinos,
Vinde, vinde inspirar-me excelsos hymnos;
Que engrandeçam, que elevem com espanto
O sublime varão, que eu hoje canto.

E vós, divino Apollo, ardente nume,

Que os vates inflamais no sacro lume;
Vós, auctor da canora poesia,
(Arte excelsa, que em metrica harmonia
Com brilhantes, altissimos conceitos
Dos heroes eterniša os grandes feitos.
E co' magico assento dos seus hymnos
Os caducos mortaes torna divinos)
Prestai-me o vosso plectro harmonioso,
Com que possa cantar o nome honroso
Deste chefe exemplar nos seus governos
Que o ceo já destinou para reger-nos.

Mas que scena brilhante se me offrece!
Que deidade a meus olhos apparece!
Apollo de Camenas rodeado
N'um carro brilhantissimo, tirado
Por valentes frisões, socios de Ethonte,
Lá desce do castalio, excelso monte,
A sacra eburnea lyra temperando:
Sobre o nosso horisonte vem marchando.
Oh como vem tam bello e tam risonho!
Mas que vejo! Que é isto? Será sonho?
Não, não é illusaõ, naõ é engano.
Das Camenas o nume soberano,
Chegando a mim, com gesto gracioso,
Sustendo o veloz carro luminoso,
Me entrega o tetracordo temperado;
E deixando Calliope a meu lado,
Ao Pindo se recolhe velozmente.
Seguindo a lactea via refulgente.
Que dita o sacro Apollo me segura!
Calliope a meu lado.... Oh que ventura!
Vinde, vinde, pacificos Bahianos!
Restos nobres de antigos Lusitanos,
Vinde entoar comigo um novo canto,
Que os dous orbes atroe, encha de espanto;

Eis a lyra celeste, aurea e sonora
Desse Deos immortal, que o Pindo adora:
Ao som de tão melodico instrumento
Cantar o singular merecimento,
Desse conde, exemplar da humanidade,
Do throno arrimo, espelho da equidade,
Da nobresa esplendor, da patria lustre;
Que as virtudes herdou com o sangue illustre
De seus avós preclaros tão famosos,
Dos inclitos Noronhas gloriosos,
Que abrangem por divisa em seus brasões
Arrogantes castellos e leões
Como prole antiquissima e real
Dos monarcas de Hespanha e Portugal,
Stirpe excelsa de heroes recem-laçada
Com a egregia familia celebrada
Nos fastos hespanhoes e portuguezes,
Com a inclyta prole dos Menezes;
Cujo sangue por feitos illustrado,
Nos seculos remotos dimanado
Do alto e regio solio de Leão,
Correndo enlaçado em geração
Com o sangue preclarissimo e real
D'altos reis de Navarra e Portugal,
Ostentou seus influxos poderosos
Nos grandes Marialvas façanhosos,
Como a Hespanha assombrada viu mil vezes
No bravo dom Antonio de Menezes,
Varão inseparavel da victoria,
Que o reino luzo encheu de immensa gloria,
Heroe, a cujo nome poderoso
Teme o Hispano inimigo inda medroso;
Pois mil vezes na horrida campanha
A cerviz abateu da altiva Hespanha;
Já, qual raio veloz devastador,
Rompendo as linhas d'Elvas com valor,

E ganhando a campal, feliz victória
Que seu nome esmaltou de eterna glória:
Já tomando de assalto em árduas guerras
A Valença de Alcantra, e varias terras:
Já c'roando seus meritos preclaros
Na victoria alcançada em Montes claros,
Onde a Hespanha orgulhosa em fim vencida,
Suas armas depoz esmorecida.
Mas em vão, musa minha, as azas bates,
Se numerar pertendes os combates,
Em que as palmas colheram da victória
Estes e outros avós de eterna glória,
Que o tempo assolador aos pés calcando,
E da parca inflexivel triunfando,
Sobre as azas do grande e heroico exemplo
Subiram da memoria ao sacro templo.
Deixa, musa, do conde a glória herdada
Da sua alta ascendencia abrilhantada:
Não, não firmes jámais os teus louvores
Nas façanhas de seus progenitores;
Que o illustre brasão das grandes almas
«Não se deve tecer de herdadas palmas;»
Nem o nobre esplendor do nascimento
Prestar póde immortal merecimento.
A mesma voz da candida verdade
Altamente nos grita e persuade
Que se o nobre por si nada merece,
Quanta mais honra herdou, mais se invilece;
Que sem virtude a egregia fidalguia,
A pezar da vã pompa e da ufania,
Com que a plebe grosseira e rude assombra,
Tem menos realidade do que a sombra;
Esta ao menos é um nada, que se vê;
Parece alguma coisa e nada é;
Mas a herdada nobreza sem virtude,
Que os esquecados celebros illude,

E'um nada enganoso, hereditario,
Só visivel no mundo imaginario.
Embora exaltem outros a grandeza
Dos soberbos fantasmas de nobreza,
Desses grandes do mundo, semelhantes
A'quelles altos montes arrogantes,
Sempre inuteis, estereis, sem cultura,
Que de grandes só tem a enorme altura;
Rudes massas bem dignas de desprezo,
Que a terra opprimem sempre com seu pezo,
E tornam com a sombra infructuosos
Os seus proximos valles espaçosos.
Eu jámais louvarei os brazões futeis
De algum desses varões á patria inuteis,
Que á sombra de seus troncos elevados,
No regaço da inercia reclinados,
As frontes cingem de vetustos louros,
E da patria disfructam mil thezouros;
Graças, titulos, honras e favores,
Merecidos por seus progenitores.
Durmam pois no profundo esquecimento
Os illustres varões por nascimento,
Que devendo deixar exemplos raros
D'altos feitos, de meritos preclaros,
Que resistam da parca ao duro corte;
Não deixam mais que pó nas mãos da morte.
Eu canto um conde illustre, egregio inteiro,
Nos governos heroe, de heroes herdeiro,
Que se grande saiu por nascimento,
Maior se fez por seu merecimento.
Sólta, musa canora, os teus louvores,
Fala: mas não: suspende os teus clamores.
Fale o grande Pará, que inda saudoso
Do seu justo governo precioso,
Inda chora, ou lamenta inconsolavel
A sua infausta perda irreparavel;

Conservando nos gratos corações
Mil bellos monumentos, mil padrões,
Erguidos a tão caro bemfeitor
Pelas mãos do mais grato, ardente amor,
Monumentos mais fortes, mais seguros,
Q'os jaspes, q'os metaes, q'os bronzes duros.
Fale a côrte real americana,
Hoje assento da c'rôa lusitana,
Que ao clarão da lucifera exp'riencia
O viu mover com zelo e com prudencia
A fulminante espada da justiça,
Cortar da horrenda hydra da cubiça
As avidas cabeças pululantes,
Derribar torpes vicios dominantes,
E velar pelo públlco socego,
Mostrando-se em tão alto, honrar o emprego
O mais bello exemplar dos vice-reis,
Eficaz zelador das patrias leis.
Cante em fim seu louvor em tom jucundo
A Lysia, o Portugal, o Novo Mundo,
Onde brilhando voa e se derrama
Sobre as aras altisonas da fama
O nome de um heroe tão exemplar,
Que no governo vem resuscitar
As virtudes heroicas, eminentes,
Que ostentaram seus nobres ascendentes:
O quarto, o preclarissimo dom Marcos,
Sexto conde, com titulo dos Arcos,
Varão douto, politico e profundo
Capaz de dirigir os reis do mundo;
E o nobre dom Rodrigo de Menezes,
Honra e glória dos grandes portuguezes,
Varão digno do credito immortal.
Q' inda tem nesta vasta capital,
Onde restam brilhantes monumentos
Da piedade exemplar, zelo e talentos,

Que tanto no governo o distinguiram,
E de esplendida glória o revestiram.
Alegra-te, Bahia, exalta a frente;
Pois verás em teu seio brevemente
Um heroe, que reune os altos meritos
De tantos ascendentes benemeritos.
Já do trono emanou a escolha justa,
Já o conde osculou a mão augusta.
A Lysia americana o viu saudosa,
Entrar na regia náo, que já vaidosa
C'o thesouro riquissimo, que encerra,
O curvo ferro, guinda, larga a terra,
E já soltando aos euros todo o panno,
Vem sulcando este tumido Oceano,
Que debaixo da curva e ferrea quilha
Co' pezo deste heroe geme e se humilha.
Mas que ouço? Que salvas estrondozas
Retumbam n'estas margens espaçosas?
Alviçaras, Bahia, que é chegado
O teu governador tão suspirado.
Já na barra se avista a náo possante,
E sobre o mastro a flamula volante:
Já os fortes por bocas de canhões
O salvam com belligeros trovões.
Ao crebro trovejar do bronze ardente
Acode alvoroçada a incauta gente.
Que scena já diviso tão vistosa
Nesta vasta metropole famosa!
Exultam com razão seus habitantes;
O prazer resplandece nos semblantes.
Que novo, que geral contentamento!
Tudo vejo em acção, em movimento:
Soam vivas, repiques festivaes,
Ouço caixas, trombetas marciaes,
A cujos valentissimos accentos
Marcham destros, armados regimentos,

Formados em bellissimas fileiras;
Arvorando as belligeras bandeiras.
Já corre o senado com presteza,
O clero, os magistrados, a nobreza
A receber com splendido aparato
O conde excelso em tão plausivel acto.
Já corre o povo á praia furioso
A ver o novo chefe tão famoso,
Que em brilhante escaler já fluctuando
A' ribeira espaçosa vem chegando.
Apenas salta em terra, me parece
Que logo o vicio esqualido estremece;
Que o solido immortal merecimento
Ergue a frente humilhada, cobra alento,
Descobrindo o Mecenas mais zeloso
Nesse chefe illustrado e poderoso;
Que entrando vem com vivas festivaes
Ao travez das fileiras marciaes.
Que alegre comitiva tão pomposa
Adorna a sua entrada gloriosa!
A poz delles empunhando a nua espada
Vem marchando a policia dezejada:
Com ar severo e passo magestoso
Vem Minerva, qual astro radiozo
As luzes da sciencia derramando,
E com vivos fulgores dissipando
Da profunda ignorancia a noite escura,
A seu lado lá vem a agricultura
Coroada com mimosas, lindas flores,
Offertando risonha aos moradores
Doces fructos, que a terra amena cria.
A prudencia, que o conde excelso guia
A palacio já chega: e por cautela,
Qual vigilante astuta sentinella,
A's virtudes entrada livre deixa:
Mas com provida mão as portas fecha

A' lisonja, ao suborno, ao despotismo,
A' mole impunidade, ao fanatismo.
A vil adulação vendo-se expulsa,
Logo ardendo em furor, brava e convulsa,
Dos frivolos adornos se despoja,
E por terra iradissima os arroja.
O suborno, ministro da cubiça,
E fatal corruptor da sã justiça,
A' vista de tão recto e justo conde,
Deixando os tribunaes, triste se esconde.
Astréa, que banida se supunha,
Erguendo a fronte airosa, a espada empunha,
Sustentando na mão com segurança
A legal e rectissima balança.
A solicita industria vigorosa,
Pondo a inercia em fugida vergonhosa,
Desvelada correndo por mil partes,
Uteis fabricas ergue, anima as artes,
Como astuta, engenhosa directora;
Ao som da sua voz despertadora,
O ocio inerte, filho da preguiça
E o somno despertando s'espreguiça,
E gemendo se esconde na espessura,
Deixando os ferteis campos sem cultura.
Tudo toma um aspecto mais brilhante
No sublime governo dominante....
Mas aonde por mão archipotente
Me vejo arrebatado incautamente?
Que nympfa de immortal, gentil belleza,
Na mão levando a nivea tocha acceza
Por entre pavorosa escuridade,
No templo me introduz da eternidade?
Ah! sim, tu és, linda Amalthea,
Sybilla oriental, casta cumea;
Que a meus olhos, rasgando o véo escuro,
Me apresentas no quadro do futuro

A grande soteropole famosa
Gozando a idade d'oiro preciosa,
Cantada por mil vates eminentes,
Em seus versos canoros, eloquentes.
Oh que emblemas no quadro edificante
Diviso á luz da tocha scintilante!
Ali vejo Bellona furiosa,
Preza ao carro da paz victoriosa,
E de um lado a policia dominante,
Conduzindo a pompa triunfante
Pela dextra a risonha urbanidade.
Mais ao longe a brutal barbaridade,
Fugindo de temor com passo incerto
A entranhar-se nas brenhas de um deserto,
De outro lado o commercio enriquecido,
De roçagante purpura vestido,
Entornando com seu robusto braço
Da Bahia no candido regaço,
A curva cornucopia de Amalthea,
Do mais puro, estimavel oiro cheia.
No centro do painel, que se m'off'rece,
Vejo á vivida luz, que me esclarece,
Os Bahianos polidos já contentes
Engolfados em brincos innocentes,
Desfructando a mais doce liberdade
Entre os braços da amavel sociedade.
Uns á sombra dos troncos mais frondosos
Comendo bellos frutos saborosos,
E com liquido nectar deleitavel
Mil saudes fazendo ao conde amavel.
Outros juntos nas placidas campinas
Já tecendo-lhe c'roas de boninas,
Já cantando á porfia os seus louvores,
Levando até ás nuvens seus favores
Sobre as azas sonoras da harmonia
Nos mais vivos transportes de alegria:

Todos abençoando com ternura
O benefico auctor de tal ventura.
Vejo emfim... Mas que velho venerando
Nos penetraes do templo vem entrando?
Com habitos de cynica pobreza,
E na mão a lanterna traz acceza?
Será este o Diogenes famoso,
O cynico arrogante, que orgulhoso
Aos pés calcava o fausto de Platão?
Sim é elle, que o palido clarão
Da esqualida lanterna levantando,
Com estoica irrisão vem contemplando
Dos guerreiros heroes mais valerosos
Os celebres triunfos sanguinosos,
Pintados por destrissimos pinceis,
Nesses amplos, magnificos paineis,
Que guarnecem de pompa respeitavel
As paredes do templo veneravel.
Já perto vem de mim com ar estoico:
Já vê com reflexão do conde heroico
O regimem benefico, espantoso
No quadro do futuro mist'rioso:
Mas apenas do alto do painel
Vê do conde o retrato mais fiel;
Exclama, em alegria transportado,
«Eis o homem por mim tão procurado!»
E curvando a cabeça reverente
De um sopro a luz apaga de repente
Aqui tudo a meus olhos se escurece,
Toda a grata visão se desvanece.
O' bom conde, que bens tão preciosos
Augurais aos Bahianos venturosos!
Oh mil vezes feliz, ditosa gente,
A quem o ceo envia um tal presente!
Tomai pois nessas mãos industriosas
As redeas do governo magestozas,

Não pareis na carreira edificante,
Em que a passos velozes de gigante,
Correis ao sacro templo da memoria
Coberto de brilhante, immensa gloria.
Realisai, pr'enchei os grandes planos,
As bellas esperanças dos Bahianos,
Que sensiveis a tantos beneficios
Lá nos tempos vindouros mais propicios
Taes padrões erguerão á vossa gloria,
Q' immortal vos farão na lusa historia:
E por bocas de egregios oradores,
Da eloquencia espargindo os resplandores;
Levarão vosso nome á eternidade
Sobre as azas da candida verdade;
E se faltam do Pindo altos cantores,
Que vos possam tecer dignos louvores;
A gratidão fecunda dos Bahianos
Crescerá vates destros, soberanos,
Que nas chamas de Apollo radioso
Accendendo o seu facho luminoso,
Farão patente aos olhos das nações
Das suas brilhantissimas acções
O quadro magestoso, e verdadeiro,
Que de espanto encherá o mundo inteiro
Eu mesmo em refulgentes, gratos hymnos,
Vossos feitos de eterno aplauso dignos,
«Cantando espalharei por toda a parte»
«Se a tanto me ajudar engenho e arte.»

A. D. Fr. José de Santa Escolastica, bispo de Pernambuco.

I.

Que nova! que eleição! que regia escolha!
Transportado em prazer já tomo a lyra:
Estros, numes, camenas, inspirai-me;
Fazei que eu hoje destro as cordas fira:
Descei, vinde ensinar-me um novo canto,
Que ao mundo inteiro cause assombro, espanto.

Mas a lyra sem uso em pó envolta
Não modùla, não forma altos accentos:
Trazei, musas, de Apollo a eburnea cythara,
Ou essa de Anfion, que enfrêa os ventos;
Que os troncos arrebata, eleva muros,
Que retumbe nos seculos futuros.

Não canto empresas,
Valor, nem arte
De heroes valentes,
Raios de marte,
Que até no Orco o Cerbero atterraram
E Caronte de susto affugentaram.
De Pallas préso
A sabia mente
Mais do que a Pallas
Armipotente.

II.

Ah! se correr podesse a Laotea via,
Dando um salto veloz de'sfera em'sfera,
Lá desses altos mundos luminosos
Com a voz do trovão gritar quizera,
Desta sorte clamando ao orbe attento

Em favor do mais são merecimento:

Cegos amantes de pomposos nadas,
Cessai de honrar fantasmas da grandeza;
Venerai na sciencia e na virtude
A verdadeira, a sólida nobreza,
Que o meu sublime heróe caracteriza,
E no templo da glória o eterniza.

Assim dos astros
Bradar quizera,
No orbe inteiro
Soar fizera.
Uma regia eleição, um premio justo,
Que honra a sciencia, a virtude, o throno au-
Mas que altos vivas (gusto.
Sólta Ulissea
Que prazer novo
Se patentea!

III.

O'tú, Porto feliz, honra dos Luzos,
Thesouro immenso de talentos raros,
De Jozino immortal patria ditoza,
Canta alegre os seus meritos preclaros,
No brilhante esplendor d'excelsos hymnos
Acompanha os varões benedictinos.

Ordem de heroes, jardim, onde nascêram
Mil flores de virtude egregia e santa,
Mina de tantas joias, que luziram
Sobre a c'roa da igreja sacro-santa;
Festeja, exulta, applaude a feliz nova,
Que a tua glória antiga se renova.

Do alto empyreo
O grande Bento
A fronte excelsa
Inclina attento:
Ao 'splendor, que do numen reverbera,
Fitando os olhos na terrena esfera,
Que alegres scenas
Alli não topa
Sobre o theatro
Da vasta Europa.

IV.

Lá divisa na Roma um filho, um chefe,
Qu'o Eterno escolheu dentro em seus claustros,
Para reger da igreja a barca mystica
No furor das tormentas e dos austros:
Lá vê para outros filhos destinados
Mitras, baculos, purpuras sagradas.

Vê tambem com prazer no luso imperio
Raiar um novo dia luminoso,
Nascer da glória antiga a bella aurora
Na eleição de um pastor, d'um filho honroso,
De quem Bento parece gloriar-se,
Se a glória, que possue, pode augmentar-se.

Ligeira fama,
Ah! voa, voa,
Por boccas cem,
O mundo atroa.
Retumbe nos dois polos com teu brado
O louvor de um varão tão sublimado,
A quem premêa
Com honra justa,
Cingindo a mitra

A mão augusta.

V.

Eu vejo, eu vejo á fama abrindo as azas,
Seu rosto alegre, a roupa fluctuante,
A dourada madeixa aos ventos solta,
E na dextra o clarim altisonante,
Com veloz rapidez cortando os ares,
Voando a Pernambuco sobre os mares.

As praias divizando emboca a tuba,
As faces incha, córa, o brado soa,
Retumba nos palacios e cabanas,
Os campos e cidades despovoa,
Todos correm ao som dos seus clamores,
Assombrados escutam os seus louvores.

Ouvi, (diz ella
Com tom valente)
O dom, que baixa
Do ceo clemente.
O pastor, que vos manda a Providencia,
É o modêlo, o prodigio de eloquencia,
Que espanta, enlêa,
Tudo arrebata
A quem nomeam
* Lingua de prata.

* Assim lhe chamou o serenissimo senhor D. Gaspar, arcebispo primaz, a primeira vez, que o ouviu annunciar a divina palavra, e por este mesmo nome foi d'ahi em diante nomeado, e conhecido em toda aquella provincia, e ainda fóra della.

VI.

Sua voz, nos effeitos espantosa,
É luz das mentes, freio das paixões,
Grilhão do vicio, germe da virtude,
Iman de affectos, norma das acções,
Torrente impetuosa e sal da terra,
Horrisono trovão, que o impio aterra.

O Minho, a Beira, a Lysia, o Reino inteiro
Louva o sabio pastor que eu hoje canto,
Esse regio orador, gloria dos Bentos,
Que jámais desprendeu sem novo espanto
A voz divina, o grito da verdade
Na presença da augusta magestade.

Seu novo emprego
Sua eleição
Foi simples obra
Da rectidão.
Não é, não é mercê, que ao regio ouvido
Dictasse a protecção de algum valido,
Seu proprio merito
Foi o patrono
Que orou por elle
Aos pés do throno.

VII.

De egregios mestres foi o mestre egregio,
Que no quadro geral da naturesa
A's luzes da razão soube indicar-lhes
Da sã filosophia a gentileza,
De ambages escholasticas despida,
E de quimeras vãs desenvolvida.

Sua mente engenhosa, aguda, excelsa,
Qual aguia magestosa aos ceos voando,
Sobre as azas da sacra theologia
No sol de glória as vistas empregando,
Bebeu no seu splendor luzes tão raras,
Que as verdades obscuras tornam claras.

Em vão se cobre
De um véo modesto,
Seus dons transpiram
Seu porte honesto.
Brilha a honra, a candura, a singeleza,
Um sabio sem orgulho e sem fraqueza,
Da ordem lustre,
Da patria amante
Da igreja escudo
Do throno atlante.

VIII.

Um censor, que luctando contra o erro, *
Tem sempre defendido e segurado
Com um braço o altar, com outro a c'roa,
Fazendo perecer junto a seu lado
Aos golpes da censura a má doutrina
Que sem, strondo os ataca e os arruina.

Tão util com a penna ao regio throno,
Como o forte guerreiro com a espada
Da mitra episcopal se faz tão digno,
Quanto é de cingir a banda honrada.

* É incrivel o zelo, e disvello, com que se portou no emprego de censor: sacrificando á tão rude trabalho os dias, e as noites com espanto dos companheiros, e não menos utilidade publica.

O bravo capitão, que na campanha
De esplendido suor as faces banha.

Mais alto emprego,
Canto mais raro
Assáz merece
José preclaro...
Seu nome proferi... que mais intento?
Dar não pode o clarim mais alto accento.
Estalou a tuba
Com tal clamor,
Dar-lhe não posso
Maior louvor.

XXXIV.

MANUEL FERREIRA D' ARAUJO GUIMARÃES.

MANUEL FERREIRA D' ARAUJO GUIMARÃES.

A' morte de D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares.

Epicedio.

Non sibi, sed patriæ vixit, regique, suisque,
Quod daret, inde dives; felix numerare beatos.

HORACIO.

Assim aguia veloz, cortando as nuvens
Vai de Phebo libar o lume eterno,
E dos mortaes os olhos assombrados
Seu trilho não rastejam!

Assim por Boreas bafejado o lenho
O salso campo de Neptuno lávra,
E debalde a saudade mesta espreita
Vestigios de momento.

Maligna inveja, alçando a face horrenda,
Ora entre os immortaes procura o justo,
Contra quem despediu com furia brava
A setta envenenada.

Coutinho sobre as azas da virtude,
Traspondo os astros, por vereda ignota
Á sedenta ambição, ao ocio torpe,
Encara a eternidade.

Com suspiros saudosos Lysia expressa
Da perda ingente o amargo sentimento,
E culpa em sua dor o ceo tyranno,
O ceo que lh'o roubára.

Fatal necessidade! lei soberba,
Que os perversos e os bons baralha injusta!
Que não possa esquivar-se á urna ingrata
O nome de Coutinho!

Levanta o veo, ó musa luctuosa,
Deixa da sepultura as frias margens,
O heroe que merece os teus louvores
Da parca tu defendes.

Deixa á morte os despojos mentirosos,
E em firme mausoleo que o tempo insulte,
Da tua gratidão grava a lembrança,
E do varão a gloria.

Ainda em verdes annos esgotava
Da sciencia os arcanos mais sublimes,
Espantou-se o Mondego dos talentos
Do segundo Bernoulli.

O Pado vê do zelo mais ardente,
E profundo saber nobres ensaios,
Emquanto da nação, da patria amada
Os direitos sustenta.

O Pado e o Doria viram ternos laços

Hymeneo apertar com bons auspicios,
E as chammas que acendeu nos firmes peit.
Jamais se entibiaram.

Ja de Lysia feliz ao vasto imperio
Encosta os hombros com valor prestante,
Qual o robusto Atlante o globo immenso
Sustenta denodado.

Caudaloso Amazonas, Indo, Ganges.
Quantos do claro Tejo as leis recebem,
O collo inclinam ao monarcha excelso,
E o ministro respeitam.

Intrepida marinha arrostra os p'rigos,
Debella os inimigos, vence Eolo,
E de João á dextra entregaria
De Neptuno o tridente.

Mas não bastava que de Pitt a estrada
Trilhasse gloriosa: novo Cesar,
Emquanto algum rival vencer lhe falta,
Nenhum vencido julga.

Colbert, Richelieu, fracos modelos
Á sua imitação inda prestavam
O amigo de seu rei, mais que ministro,
Sully é seu exemplo.

Em fervidas procellas, entre escolhos,
Por miseros naufragios infamados,
Guia o ufano baixel seguro e forte,
As ondas não recêa.

Nuvem ligeira esconde agora o sabio,
Que brilhava, qual Phebo entre as estrellas,

Aos livros volve, aos livros companheiros
 Na muda soledade.

Assim de Roma nos viçosos dias
Pequeno campo cultivava ledo
Illustre senador, que as leis dictára
 Ao orbe amedrontado.

No clima que elle preza, clima ingrato,
O amor da patria desenvolve extremo;
Da inteireza escudado e da verdade,
 Que o berço lhe embalaram.

As sciencias que fogem de Mavorte
Ao sanguinoso estrepito, se abrigam
Do throno de João sob os auspicios,
 No Brazil venturoso.

As vedadas prisões quebra ao commercio,
Salta barreiras que a ambição defende:
Por vez primeira caudalosos rios
 Sob a quilha se curvam.

Minerva e Pallas, em abraço eterno,
Juram da glória transportar á estancia
O ministro immortal que o bem do estado,
 Não o proprio, desvela.

Mas onde, ó phantasia, onde te engolphas?
Onde da gratidão te eleva o fogo?
Ao pranto volve, ao pranto, que é devido
 Ás cinzas de Coutinho.

Eu não temo pisar acesas brasas,
Quando á virtude o elogio teço:
Receio, sim, que as vozes da amizade

Suspeitosas pareçam.

A inveja deixemos triste peso
Da sua confusão, do seu opprobrio,
O rubor que lhe tinge a baça frente,
Louvor é mais seguro.

A ausencia de Armia.

O campo viçoso,
De flores juncado,
Em sí esmaltado
O riso trazia,
Agora despido
Sem fresca verdura,
Só pinta a amargura,
Retrata a agonia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

O rio engrossava
Em agua abundante,
Soberbo, arrogante
Das margens sahia,
Agora em segredo
Monfino ja corre,
Parece que morre
A sua alegria.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

O gado formoso

Alegre brincava,
Ligeiro buscava
A relva macia,
Agora espantado
Nos montes errando,
Tristonho balando,
Pavor desafia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia?

As settas funestas
Lançava Cupido,
Nem Paphos, nem Guido
Mais ledo o não via.
Agora encerrado
Em ermo retiro,
Saudoso suspiro
Aos ares envia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Zombava da sorte
Elmano ditoso,
No seio mimoso
O prazer bebia.
Agora aos suspiros
Succedem os ais,
Em ancias fataes
Aborrece o dia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Ha pouco de um bem,

Que adora constante;
O bello semblante
O gosto infundia.
Agora em tormentos
Exhalando a vida,
A morte convida,
A morte tardia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

XXXV.

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO.

'RANCISCO BERNARDINO RIBEIRO.

Epistola.

ıatura nos seus passos uniforme,
chega ao topo quem não sobe a escada.

uia pequenina, quando quebra
o debil biquinho a casca do ovo,
ume se appresenta á mãe cuidosa;
se ergue logo ás ingremes alturas
ırmamento azul; nem desce á terra,
ı raio ardente arrebatar a preza,
rancar-lhe co'as garras a existencia.
co'o tempo forças, abre as azas,
l rio que correndo engrossa as aguas,
prega os vôos apoucados ora,
subidos, fita em Phebo as vistas,
ənta remontar-se até o Olympo,
; arde Jove ao lado, e arrebatar-lhe
novo Ganimedes: tal o vate
ıra Albano é, depois Elpinos.

não commeces, Montaury, como usa
ıte de Lysia: quadras namoradas,
ıpidas canções, crueis idilios,

Magro soneto, cortesans bucolicas
São todo o esmero dos trovistas nossos.
Imita o Anglo excelso, o Gallo astuto,
E fitando na glória audazes vistas,
Canta a nobre virtude, acções preclaras,
Amor da patria, destemidos feitos;
Na lyra entôa não ouvidas vozes,
Sublime inspiração do estro divino.
Ou se o mundo real, tudo o que existe,
Te não esperta a mente, inflamma o espirito,
Da longa fantasia os campos ara;
Cria dourados palacios, frescas sombras,
Aprasiveis regatos, verdes campos,
Jardins amenos, deleitosos bosques;
Ahi rindo do mundo e das desgraças,
Que rebentam da terra, a par dos fructos,
Abre teu coração a novos seres,
E novas sensações gratas acolhe;
Zomba de invejas, de ambições, de fastos.
D'essa alma, que affeições doces formaram,
Verte rios de gosto, de delicias,
E de sensibilidade amavel, terna;
Esmalte o universo das bellezas,
Em que a mente borbulha; não, não pereças
O germen que plantára a natureza.

Ahi tens o bello, o encantador Ovidio,
Que te dirija o passo, ahi tens o Ariosto,
Byron, Sterne, Garrett honra dos Lusos;
Segue seus traços, colhe seus exemplos,
São d'aureas ficções mestres peritos,
Oh! como ideiam n'alma mil venturas,
Glórias sem conto, innumeras delicias,
Oh! Como abandonando estes martyrios,
Que no mundo real nos atormentam,
Buscava benignos, placidos prazeres,

A que Urania gentil só nos convida!
—Que ditosos que são os que se entrega
Aos impulsos da mente, oh! quão felizes
Os que em delirio seus desejos passam!
Ri para elles o universo inteiro,
Suave sôpro de perpetuo zephiro
Consola os dias, refrigera os ares,
Limpa de nuvens carregada vida,
Descobre no horisonte sol doirado,
Manto de rosas pelo ceo desdobra.

O' fantasia, ó doce encanto do homem!
Enlevo d'alma placido e contente!
Quem pudesse gozar quanto nos mostrás
Com tuas magas variadas tintas!
Triste realidade da existencia
Quão longe estás de tão amenos sonhos!
Tu nos pintas quaes somos, quaes passar
Esta vida de angustias e tormentos,
Que com ardentes lagrimas começa,
Que com saudosos prantos se termina!

O Algoz.

Eu vi um homem!... Ou me illude a me
Que horror que eu sinto!.. Homem!.. não,
Tranquilo fratricida,
Como podeste, ó monstruo,
Aridos olhos attentar na victima,
Desfallecida, exangue?

Como podeste impavido roubar-lhe
Miseranda existencia co's redobres
De angustias repetidas,

Sem o brado ouvires,
Que dentro d'alma rompe e clama—É homem
É homem desgraçado?—

Como o podeste sem arripiar-te
As carnes frio horror? Sem vêr diante
Squalido fantasma
Habitador dos tumulos,
Co'a mirrada mão prender-te os braços,
E' teu irmão!—Clamar-te?

Que é d'esse coração, que o sêr te alenta?
Inda palpita? Não. Quente de crimes
O sangue infeccionado
Dispara só arrancos,
E cada arranco ordena um attentado.
Deixaste-te de sêr homem!

E's aborto do inferno, ente perverso!
Nasceste apenas para sêr vergonha,
Opprobrio da existencia;
E' mais que tu ditoso
Aquelle, que arrojaste á sepultura,
Que suas mãos cavaram.

Esse ostentou furores desastrosos;
Mas não mostrou á face do universo,
Que surdo á natureza,
Já saciado tigre,
Em paz—com as garras meneava a mort
Para extinguir humanos.

BERNARDINO RIBEIRO.

As letras.

Genio da patria terra,
O'Musa do Brazil, canções me inspira!
Embebe esta alma em chammas,
A lyra americana me encordôa;
Ouçam meus versos posthumas edades!

Que espectaculo novo
Os confusos sentidos me alvorota!
Correm rios de sangue
Após volvendo corpos semi-mortos,
Cadaveres sangrentos arrastando!

A guerra ainda conquista
Para n'ermas terras, palmo a palmo,
Os echos, que rimbombam,
São ainda hoje os gemidos da desgraça,
Os barbaros clamores da victória.

Não, que avidos meus olhos
Em vão procuram marciaes phalanges,
Que a morte commandava;
Em vão a fantasia encara horrores,
Que uns aos outros na mente se atropel

Diamantino cravo
Fixou o tempo á roda impetuosa
De antigos desvarios;
Sob a campa do olvido ferrolhadas
C'os crimes jazem gerações infames.

Eras d'atra memoria
Nem eu as já distingo; o baço lume

Que protegia o crime,
Ennuviou o sol da liberdade,
A cuja luz pimpolhos tenros brotam.

Eu os vejo, que surgem;
Audazes vistas para a glória erguendo,
Intentam conquista-la,
Despedaçados ruem baluartes,
Rompem d'aqui, d'alí, elle se rende.

Como os louvores ganhados
Em vez de sangue, só respiram honra,
Que lagrymas não custa!
Quão diversos que são tropheos de Apollo
Dos estandartes rotos de Mavorte!

Quando tuba guerreira
Os bellicosos animos incita,
As carnes se arripiam:
Contente folga a natureza, quando
Os sons das lyras ferem as estrellas.

Mas oh! que as palmas fogem,
Que a glória arrebatastes: sem constancia
Perde-la-heis para sempre:
Avante p'ra o combate, não percamos,
Os bellos annos, que ora desabroxam.

—Constancia—assim clamava
Quando rasgava o pavoroso abysmo
O Genovez ousado;
Quando a morte se erguia do Oceano,
De raio, de procella armado o braço.

Tambem ardor, constancia
Lhe abriu as portas do universo novo

Que d'agua á flôr rebenta,
A vaidosa cabeça aos ceos alçando,
A patria nossa, de Colombo a terra.

Sede novos Colombos,
Marcai nos fastos da Brazilia historia
Uma era memoranda;
Abri do immortal templo a porta augusta,
Arcanos descerrai té qui vendados.

Em vão se morda a inveja,
Em vão co'as proprias mãos lascere as viscer
Dispare atroz arranco;
Bafos de peste só corrompem corpos
Onde o veneno gyra pelas veias.

XXXVI.

LUIS RODRIGUEZ FERREIRA.

LUIZ RODRIGUEZ FERREIRA.

A' morte do senhor D. Pedro I.

rto, oh dor! o Duque de Bragança,
ador do brazileiro Imperio!
rpo em paz no tumulo descança,
sua alma lá no assento ethereo.
em quanto os alicerces lança
rdade em um e outro hemispherio;
duram seus feitos na memória,
os pela propria mão da glória.

iros! mostrai nos peitos vossos
os corações e não ferinos;
quem vos quebrou os grilhões grossos,
ou melhorar vossos destinos.
assim a seus illustres ossos
os de respeito d'elle dinos,
a Lysia tocou, que os guarda e acata,
a de os cobrir de terra grata.

é que assim tão generoso abdica
corôas da ambição na idade!
e! a quem sobrava a que lhe fica,
de dar aos povos liberdade:

Mas na morte alcançou outra mais rica,
Porque tanta virtude e heroicidade,
A devia ter só no ceo sublime,
E não na terra, habitação do crime.

Oh alma illustre! pois tantos cuidados
Cá na vida estes povos te deveram,
Roga a Deos, que remova os negros fados
Que os aguardam, depois que te perderam:
A fim de que vejamos conservados
Os dous thronos irmãos, nos quaes imperam
Tuas leis, para glória dos dois mundos
Com Pedro e com Maria, ambos segundos.

Glosa.

A Saudade.

Solatium miseris socios habere.....
VIRG.

Que é isto Portugal! envolto em pranto!
Errante moves titubiantes passos!
Hirsuta a barba! e as cans soltas em tanto
Flactuando nos tristes hombros lassos!
Tu, coberto de luto! e com espanto
Cruzados sobre o peito os froxos braços!
Ah! já sei a razão desta mudança:
* É morto, oh dor! o Duque de Braganaça.

Oh vós tágides tristes! vós camenas,
Que prezidís ás nénias luctuozas;
Vós, que provais o fel das rudes penas,
Que atassalham as almas desditozas;

Vós que em Lysia contestes * dessas scenas
De dor, e d'affliçōes nunca extremozas;
Ajudai-me a chorar neste hemispherio
* O fundador do brazileiro imperio.

Patria minha, oh Brazil! chora comigo
Esta perda fatal! sim, Pedro é morto!
Perdemos n'elle um pai, um terno amigo,
Orfãos todos estamos, sem conforto.
Em quanto o mundo inteiro um firme abrigo
Da Liberdade, n'elle encara absorto,
Sua alma arfando em glória aos ceos avança,
* Seu corpo em paz no tumulo descança.

Cessem quantas acções e nobres feitos,
Praticaram varões, que aponta a historia.
Quem rapido ganhou milhões de peitos
Por milhares de acções de fama e glória,
É mais digno por certo dos respeitos,
Que nos deve inspirar sua memória.
Seu nome vence cá da morte o imperio:
* Folga sua alma lá no assento ethéreo.

Talhado pela mão da Providencia,
Para feitos de glória nunca ouvida,
Na breve, que gozou, curta existencia,
'ez quanto se faria em longa vida.
eu-nos leis, fóros, patria, independencia,
inda mais, constituição subida;
, da luza e brazilia segurança,
Viveu, em quanto os alicerces lança.

to de tantos reis famigerados,
m o deslumbra o solio, nem grandeza:

Sic.

Só anhela por modos combinados
Os fóros vindicar da natureza.
Mas querendo entre povos illustrados
Os desvios conter da realeza,
Eis que o pendão arvora com criterio
Da Liberdade em um e outro hemispherio.

Confessa pois, Brazil, quantos cuidados
A seu peito deveste generoso,
Quando frustra esses planos negregados,
Que Portugal te urdia cavillozo.
Satisfeito com teus futuros fados,
Em seus braços te aperta carinhozo:
Isto só bastaria á sua glória:
Porêm duram seus feitos na memória.

Nos campos do Ipiranga a voz atrôa,
Que altiva brada—Independencia ou Morte;—
E o ribombo da voz ingente sôa,
Desde os angulos do sul té os do norte.
Então de boca en boca o nome vôa
De Pedro e Liberdade com transporte,
E mil nobres transumptos colhe a historia,
Gravados pela propria mão da glória.

»Eis aquí, Brazileiros! o momento
»De vossa liberdade, então exclama,
»É tempo de expirar o aviltamento
»Que ha tres sec'los garboso vos infama.
»Que se extinga um tão longo soffrimento
»A razão e justiça hoje reclama:
»Mas de firme constancia são exforços,
Brazileiros, mostrai nos peitos vossos.

»Do luzitano sólio inda que herdeiro,
»Por vós eu o desprézo de bom grado:

»Prézo mais ser aqui Pedro primeiro,
»Que ser em Portugal quarto acclamado.
»Mostrar quero á Europa e ao mundo inteiro
»Que o Brazil deve ser emancipado;
»E que tendes, por lei d'altos destinos,
»Humanos corações e não ferinos.

»Mesmo impavido irei á vossa frente
»Debellar as phalanges bellicozas,
»Que temerarias venham hostilmente
»Insultar nossas praias venturozas.
»Morra embora; porêm vendo contente
»As liberdades patrias gloriosas:
»Se na luta expirar, entre os destróços
»Chorai quem vos quebrou os grilhões grossos.

»Só aspiro, por premio das fadigas
»A que me vou expôr por vossa glória,
»Que vos não lacereis com vis intrigas,
»Que seja em tudo grande a vossa historia,
»Eu só quero que um dia oh Brazil! digas:
»—Ditosos filhos meus! tende em memoria,
»Que é Pedro quem vos fez da patria dinos,
»E buscou melhorar vossos destinos.—

»Fôra ingrato e meus filhos deshumanos,»
Lhe tornou o Brazil dando um suspiro,
»Se taes bens e favores soberanos
»Olvidar nos fizesse o tempo diro.
»Magoados soluços, ais insanos
»Te daremos no teu final retiro:
»E a justiça dirá com pranto aos nossos
»—Pagai assim a seus illustres ossos.—

»Mas lagrimas que são a quem fez tanto!
»A quem tocou da glória a méta extrema!!

»A quem com braço hercúleo e por encanto
»Os éllos nos rompeu da férrea algema;
»A quem nos resgatou do vil quebranto,
»Fundando o liberal, dôce systema,
»Não só cabem humanos, mas divinos
» Tributos de respeito, d'elle dinos.

»Se as cinzas dos heroes que pugnárão
»Em defeza das patrias liberdades,
»Assellam nos paizes que as guardaram
»Eternos monumentos de saudades;
»Se estes restos mortaes perpetuaram
»Ali honra e valor e heroicidades;
»Vanglorie-se Lysia altiva e grata,
» Já que a Lysia tocou que os guarda e acata.

»Inda ufanos, senhor, no paiz d'ouro
»Teus venerandos ossos guardaremos:
»Mas teu nome e teus feitos sem desdouro
»Gravados em nossa alma encerraremos.
»Ah! se o ceo nos privar deste thezouro,
»Feliz aquelle sólo (nós o cremos)
»Que tiver com vangloria, a mais sensata,
» A honra de os cobrir de terra grata.»

Já da torpe discordia a voz se escuta,
Ressurgida dos antros lá do averno,
Que interrompe com manha arteira e bruta
Do Brazil o discurso amigo e terno.
»Assim te entregas, diz-lhe, á mão astuta,
»Que te prepara um outro jugo eterno?!
»Tanto zelo.... e bondade.... pois, que indica?
» Quem é que assim tão generozo abdica?»

Com sobeja razão hoje pasmando,
Ficaria de certo o mundo inteiro,

Si houvesse tal blasfemia vomitado
A discordia no sólo brazileiro;
Pois que estava sómente rezervado
Ao grande, ao immortal Pedro primeiro,
Desprezar, por amor da Liberdade,
Duas coroas da ambição na idade.

Eu de novo te invoco, oh Muza!
Tu me aponta se acazo houve na historia
Heroe que iguale a este, ou quem produza
Deslumbre inda o menor a tanta gloria!
Dezistir da brazilia e c'roa luza,
Como se fôra cousa transitoria,
Só Pedro, cuja glória em vão se explica:
Só elle a quem sobrava a que lhe fica.

Na verde primavera de seus annos,
Quando infrene paixão nos predomina,
A ser grandes, do mundo os soberanos,
Com prodigios de assombro então ensina,
Todos quantos forjados, negros planos,
Naquelle e neste pólo, contramina:
Deixando a saciar sua vaidade,
Glória de dar aos povos liberdade.

Eis com negra ambição, damnada intriga,
Com nefanda artimanha, insolentes
Transvertem, como acção, da patria imiga,
Suas puras acções mais innocentes.
Mas Pedro, que não quer que mais prosiga
Essa horrivel facção d'incautas gentes,
Larga a c'roa, que em vida o mortifica,
Mas na morte alcançou outra mais rica.

Cercado de amarguras neste ensejo,
Deixa o Brazil, a patria que adoptára;

Mas receando ver a extremo arquejo
Esta plaga infeliz que tanto amára,
Lhe entrega os filhos seus, pois seu dezejo
É ver salva a nação que libertara.
Como pois combinar tanta bondade! ?
Porque tanta virtude e heroicidade!?

Ao pezo enorme da britania quilha,
Já se curvam longiquos, crespos mares,
Quando junto á consorte e cara filha,
Grandes planos revolve salutares.
Mas em quanto a anarquia esmaga e trilha
Das leis e bons constumes os altares,
Foge-lhe a paz; porque na dôr que o opprime,
A devia ter só no ceo sublime.

»Ficai em paz, exclama, oh insensato
»Que assim vos conspirais contra um amigo!
»Embora requinteis vossos maos tratos,
»Que eu não mudo do norte em que prosigo:
»Bem tarde sabereis os sceleratos...
»Que vos promettem dar paterno abrigo,
»Pois só viso no céo premio que anime,
E não na terra, habitação do crime. »

Já na Gallia e Britania se aprezenta,
D'ambos povos bemquisto e bem acceito:
E qualquer dos monarcas mais se ostenta
Nos meios de lhe dar maior respeito.
Então o grande plano se fomenta,
Que deve em Portugal ter pleno effeito;
Eis a c'roa de teus propicios fados,
Oh alma illustre! pois tantos cuidados!...

A' testa de seus bravos companheiros
Vem juntar á Terceira os mais soldados:

E já com nacionaes, já estrangeiros,
Do Porto affronta os portos destinados.
Salta: e logo os rebeldes, que primeiros
Ao encontro lhe sahem, são derrotados.
Salvou-se o Porto: e os louros que colheram,
* Cá na vida estes povos te deveram.

Com força escassa ataca a força immensa,
Que em favor de Miguel resiste forte;
Provincia já não ha breve ou extensa,
Que a victória não custe estrago e morte.
Salvou-se Lysia alfim, quando não pensa
Tão depressa mudar de estado e sorte;
Pedro exulta: e dos povos desgraçados,
* Roga a Deos que remova os negros fados.

Desassombrada Lysia, e o monstro expulso,
Dias etesios para os Lusos nascem:
Maria empunha um sceptro, inda convulso,
Que suas mãos talvez nunca empunhassem.
Sem ti, Pedro immortal, sem teu impulso,
Talvez que ainda os povos arrastassem
Esses férreos grilhões que já soffreram,
* Que os agoardam, depois que te perderam.

Mal se firmava ainda a liberdade,
Quando approuve ao supremo archipotente
Premiar ao heroe da nossa idade
Com a palma immortal da glória ingente.
Mas Pedro, que ao vigor da enfermidade
Seu corpo fallecer de todo sente,
Fixa um bello porvir a seus estados,
* A fim de que vejamos conservados.

Lutando já co'as dores, já co'a morte,
Se despede de todos seus amigos;

Ora abraçava a filha, ora à consorte,
Pedindo até perdão a seus imigos.
Eis sua alma abandona o peito forte:
Seu corpo resta nos lethaes jazigos:
As leis tremem de horror, e estremeceram
* Os dous thronos irmãos, nos quaes imperam.

Já marcha de Queluz p'ra São Vicente
A pompa funeral: ceos! que tristeza!!
O pranto corre em jorro, e se não sente
Mais do que ais e soluços por fineza!!
Aqui o orfão geme amargamente,
Ali o ancião e a viuveza:
Mas adoram-te, oh Deos! na dôr profundos,
* Tuas leis para glória dos dous mundos.

Em paz descança, oh alma glorioza!
A par de um ser, que a tudo e sobranceiro,
Que eterna gratidão vai pressurosa
Gravar em tua campa este letreiro:
» Aqui Jaz quem fez Lysia venturoza:
» Quem fez livre o Brazil, Pedro primeiro:
» Quem a glória firmou d'ambos os mundos
* Com Pedro e com Maria, ambos segundos.» *

* Não desconhecemos que algumas destas estancias teem pouco merito, e que ha nellas versos prosaicos e até incorrectos. Como porem está composição é hoje rara, preferimos reproduzil-a por inteiro.

Deu-se para glosar o seguinte

Mote.

Heroe na vida, mais que heroe na morte.

Glosas.

I.

Languida voz, no peito reprimida,
N'um peito de mil penas escoltado,
Mal póde articular em som magoado
De Pedro o nome e fama tão subida.

Este heroe que com glória nunca ouvida
Dous sceptros desprezára de bom grado,
Em prol da liberdade ora immolada,
Acaba de exhalar a doce vida.

Manes de Jefferson; de Penn ditoso;
Manes de Laffayete sempre forte;
De Washington e Franklin saudoso;

Surgí das frias campas lá do Norte;
E admirai em Pedro, o mais famoso
HEROE NA VIDA, MAIS QUE HEROE NA MORTE.

II.

Aqui da estancia amêna aonde habito,
Eu te saudo, oh Lysia venturosa!
Lysia, patria d'heroes, hoje saudosa,
Teu nome com respeito aqui repito.

Tu, que ao maior heroe do orbe inclito,
De haveres dado o ser eras vaidosa,
Hoje triste lhe encerras, mas ditosa,
As cinzas no materno seio aflicto.

Cesse a vanglória pois de Grecia e Roma;
De Sparta e Macedonia o vão transporte,
Que nova direcção a historia toma.

Enxuga o pranto, oh Lysia! e exulta forte:
Pois d'entre os filhos teus Pedro te assoma,
HEROE NA VIDA, MAIS QUE HEROE NA MORTE.

III.

Se um Tito ainda hoje é apontado,
Qual modello dos reis e dos humanos;
Se fizeram a glória dos Romanos
Antonino, e um Trajano decantado:

Se um Frederico foi de Prussia olhado
Capaz de dirigir os mais sob'ranos;
Se um Pedro, o grão Czar dos russianos
Tem renome na historia sublimado:

Esse, que ao povo luzo e brazileiro
Deu patria, e liberdade d'alto porte,
Nos fastos das nações será cimeiro.

Pois da Parca não soffre o duro corte,
Quem é como qual foi Pedro primeiro,
HEROE NA VIDA, MAIS QUE HEROE NA MORTE.

XXXVII.

FRANCISCO FERREIRA BARRETO.

FRANCISCO FERREIRA BARRETO.

O primeiro homem.

Depois de mil mundos
De immensa grandeza,
Que falta? Inda resta
A maior empreza.

Silencio!... Silencio!...
Céos! ouvidos dai!
Cahos! eternidade!
Abysmos! pasmai!

Deus em suas mãos
A argilla tomou:
Argilla! o que és tu?
»O homem já sou.»

Homem! quem seria,
Que assim te formou?
»Aquelle que os astros
»E a argilla creou.»

Eis a nossa origem,
O que somos nós.

Plantas! escutai-o,
Tem vida, tem voz.

Meio-barro ainda,
Entrou a agitar-se:
Existe!... mas como?
Não sabe explicar-se.

Um suor ligeiro
Então lhe apparece:
Tem vida, elle sente,
Respira, conhece.

¿Inda mal seguro,
A custo surgiu:
Um pé vacillante
Na terra imprimiu.

Attonito, os olhos
Nos céos embebeu,
E aos campos, aos montes,
Depois os volveu.

Olhando-se então,
Reflecte, imagina;
Seu ser, o seu todo,
Contempla, examina:

Excita-se, e logo
As forças prepara:
Caminha umas vezes,
Outras vezes pára.

»Quem sou existindo!
»(Suspenso bradava):
»E antes de ter vida,

»Quem era? onde estava?

»Meus olhos se abriram...
»A luz me cercou...
«Seres! ensinai-me,
»Dizei-me: quem sou?

»Quem poude, dizei-me,
»Dar ao nada essencia?
»Como é, que passei
»Do nada á existencia?

»Ouve, Natureza!
»Escuta este ser
»Que achou-se em teu seio,
»Sem nunca o prever!

»Eu não me recordo
»De ter vida outrora,
«Mas eu estou certo
»De que vivo agora.

» Palpita-me o peito:
»Oh! não, não deliro!
»Não sei dizer como;
»Mas sei que respiro.

»Eu sinto e conheço...
»Como se fez isto?
»Se conheço, penso;
»Se penso, eu existo.

»De que modo pude
»Pensar e sentir?
»Quem foi que me disse
»O que era existir?

»Palpita-me o peito
»Oh! não, não deliro!
»Não sei dizer como,
»Mas sei que respiro.

»Meus olhos se abriram
»A luz me cercou...
»Seres! ensinaime,
»Dizei-me: onde estou?

»Da razão a chamma,
»Fulgurando, lavra,
»E ao meu pensamento
»Liga-se a palavra.

»Discorro e alcanço,
»Combíno e prevejo,
»Mil sons articúlo,
»Dou nome ao que vejo.

»Mil sons articúlo!
»Que prodigio immenso!
»Como póde a lingua
»Dizer o que eu penso?

»Quero: o meu querer
»Traz-me a liberdade:
»Como ésta depende
»Da minha vontade?

»Meus olhos se abriram,
»A luz me cercou...
»Seres! ensinai-me,
»Dizei-me: quem sou?

»Se intento mover-me,

»Basta o meu intento:
»Súbito da inercia
»Passo ao movimento.

»Eu movo-me, e logo
»Dezejo parar;
»Depressa me sinto
»Immovel ficar.

»Oh! nuvens! oh! astros!
»Oh! céos! oh! fulgores!
»Oh! montes! oh! rios!
»Oh! campos! oh! flores!

»Meus olhos se abriram,
»A luz me cercou...
»Falai, instrui-me,
»Dizei-me; onde estou?

»Vejo-me abysmado
»Nas trevas, na luz,
»Traz o dia a noite,
»A noite o conduz.

»Falai, arvoredos!
»(Eu nunca vos vi)
»Falai, instrui-me:
»Quem me trouxe aqui?

»Quem poude crear-me?
»Respondei-me quem?
»Ninguem me responde,
»Não ouço ninguem.

»Busco a minha origem,
»Indago o meu fim,

»Ninguem me responde,
»Não sei donde vim.

»Meus olhos se abriram,
»A luz me cercou...
»Seres! ensinai-me,
»Dizei-me quem sou?

»Prodigios que eu vejo,
»Sois vós illusão?
»Existís acaso?
»Ou mente a visão?

»Eu fecho meus olhos,
»Tudo se esvaece:
«Eu abro-os, e logo
»Tudo me apparece.

»Fecho-os outra vez,
»Tenho tudo ausente;
»Se de novo os abro,
»E' tudo presente.

»Prodigios que eu vejo,
»Sois vós illusão!
»Existís acaso?
»Ou mente a visão?

»Na escalla dos seres
»Tudo tem seu par:
»Serei solitario?
»Serei singular?

»Entes mil povoam
»A terra, e os ares,
»Voltejam os peixes

»Nos seios dos mares.

»O fulvo leão
»De garbo se arreia,
»Ao lado da socia,
»Rugindo, campeia.

»A zebra listrada,
»E o gamo veloz,
»Tem seus similhantes,
»Não existem sós.

»No campo os soffreos *
»Canções vão tecendo,
»E as rôlas no bosque
»Respondem gemendo.

»Dois melros gorgeiam,
»Dois pombinhos rulam,
»Lá marcham dois tigres;
»Dois cordeiros pulam.

»Suaves accentos,
»E graves ruidos,
»Ligeiros penetram
»Meus fracos ouvidos.

»As flores de dia
»Matizam os campos,
»De noite os esmaltam
»Subtis perilampos.

* O soffreo é um lindo passaro, vestido de preto lustrozissimo, com amarello muito acceso, e as azas matizadas de branco, que exprime em seu canto a palavra *soffreu.*

»Vi todos os seres
»Não vejo o meu par,
»Serei solitario?
»Serei singular?

»Nem vive nos vales
»Nem vive nos montes,
»Nos mares não vive,
»Não vive nas fontes.

»Na escalla dos entes
»Tudo tem seu par:
»Eu sou solitario,
»Eu sou singular.

»Prodigios, que observo,
»Não sois illusão!
»Vós sois existentes,
»Não mente a visão.

»Portentos tão grandes
»Quem obra? quem faz?
»Oh! causa! oh! principio
»Quem és?... onde estás?

»Origem! luz! força!
»Norma! vida! ser!
»Ordem! graça! termo!...
»Que posso eu dizer?

»Quem és?... Se me animo
»A romper teus véos,
»Na terra te vejo,
»Descubro nos céos.

»Tens a natureza

»Prostrada aos teus pés,
»Conheço que existes;
»Não sei quem tu és.

»Quem és?... » E de novo
Os céos contemplou:
Perdido no espaço,
De assombro parou.

,,Quem és?.. (disse ainda)»
O Empyreo se abriu,
E a face do Eterno
Clarões espargiu.

Humilhai-vos, montes,
Ao summo Adonai!
Tocados de espanto,
Mares! recuai!

Recebe-o nas azas
Velóz cherubim,
E vence de um vôo
Espaços sem fim.

Regiões immensas,
De ardentes faróes,
Com elle atravessá,
Boiando entre sóes.

Do Genio a plumagem,
Que enleio produz!
Fuzilam nos ares
As tranças de luz.

O ser infinito,
No transito seu;

De globos fulgentes
Os ares encheu.

Da face dos olhos,
(Fontes d'esplendor)
Cahiam-lhe estrellas,
Tudo era fulgor.

Librado nas pennas
Do Genio velóz,
Nos campos do Eden
Soltou sua voz.

Abatei-vos, montes!
Ouvindo Adonai!
Florestas! curvai-vos!
Mares recuai!

,,Os céos (diz ao homem)
,,Do nada criei,
,,A terra do nada,
,,Do pó te formei.

,,Eu sou do que existe,
,,Primeiro motor:
,,Não ha outra origem,
,,Nem outro senhor.,,

Disse: de improviso
Foi tudo tremor,
E os ares respondem
,,Origem!... Senhor!...,,

As penhas retumbam:
(Que horrivel fragor!)
,,Origem...,, repetem,

Repetem... «Senhor!»

Do Tartaro as portas
Rangeram de horror;
Bradaram... » Origem!...
Bradaram... «Senhor!... »

Soltando estes eccos,
Dobrou-se o terror,
E ainda tres vezes
«Origem!... Senhor...»

Das trevas o Archanjo
No abysmo tremeu,
E Deus entre os astros
O Rosto escondeu.

Os montes escutam
Tudo o que elle diz,
E ondeiam medrosos,
Na vasta raiz.

Abatei-vos, montes!
A' voz de Adonai!
Florestas! curvai-vos!
Mares! recuai!

Attonito o homem,
Assim que o ouviu,
Co'a face por terra
Submisso cahiu.

Reflecte em silencio
Na vóz do Immortal,
E adora dos seres
O ponto vital.

Montes! abatei-vos
Ao Summo Adonai!
E' tudo obra d'elle,
Mares! recuai!

Primeira mulher.

Não acha o homem
Seu par no mundo;
Traz-lhe o desgosto
Somno profundo.

Deus, que o penetra,
Triste o não quer:
E do homem fórma
Logo a mulher.

Já se arredonda
Celeste rostro....
Que alto desenho!
Novo composto!

Mimos e graças,
Do céo resumo,
Pulam ao toque
Do dedo summo.

Que maravilha
Da mão supréma!
E eis a primeira
Belleza extrema!

Quantos prodigios!
Mas que importava!

Tudo sem vida,
Sem côr estava.

Então o sangue
Se revolvendo,
No peito, em ondas,
Corre, fervendo.

Ao forte impulso
O coração
Recebe e soffre,
Grave impressão.

Já se comprime
(Pasmoso effeito!)
Já se dilata
Dentro do peito.

Fraco ao principio,
Lento palpita,
Depois mais forte
Bate e se agita.

Do sangue ao gyro
Surge o vigor,
Tudo tem vida,
Tudo tem côr.

O corpo treme
Ligeiramente;
E pouco a pouco
Se anima, e sente.

Ligeiros n' alma
(Quantos portentos!)
Fervem e pulam,

Os pensamentos.

Logo os cabellos
Se desenleiam,
Negros se tornam,
Crespos ondeiam:

Cobrem avaros
A neve pura
Do peito, aonde
Vive a ternura.

Longos, espessos,
Brilhando avultam,
E as outras fórmas
Assim occultam.

Brunida testa
Vai branquejando,
E as sobrancelhas
Negras ficando.

O azul suave
Que os céos ornou,
Nos meigos olhos
Vivo brilhou.

A claridade
Veiu feri-los,
Ella fechou-os,
Mal poude abri-los.

Faces de neve
Se avermelharam.
Rosas purpureas
Então ficaram.

Então os labios,
Calor tomando,
Rubís ardentes
Se vão tornando.

Sostem altivo
Belleza tanta
Collo de jaspe
Que a vista encanta.

Intactas ficam
Mil outras graças:
Basta, paremos,
Tintas escassas!

Jamais profane
Sombra grosseira
Castas delicias
Da mãi primeira.

Longe, bem longe,
Lasciva côr
Da obra prima
Do Creador.

Sublime esforço
Das mãos de Deus!
Mancham-te os mimos
Os pinceis meus.

Homem! desperta
Do somno amargo,
Recobra as forças,
Deixa o lethargo.

Ah! porque dormes!...

Tibio! desperta!
Estende os braços,
A esposa aperta.

Ah! porque dormes!..
Ei-la a teu lado:
Elle abre os olhos,
Como assombrado.

Subito a encontra,
Cheia de vida,
Sobre a viçosa
Relva florida.

Julga verdade...
Julga illusão:...
Timido, incerto,
Lhe estende a mão.

A face, o peito,
Brando palpou:
Ella existia,
Não se enganou.

Então absorto,
Sem movimento,
Na esposa engolfa
Seu pensamento.

Na que é de graças
Vivo modello,
Viu outro elle,
Porém mais bello.

Contempla as faces,
Meigo suspira;

Attende aos labios,
Quasi delira.

Olhos... cabellos...
Nada perdôa:
Co'à idéa errante
Ligeiro vôa.

Cheio de assombro,
Tudo regista:
Não sabe aonde
Repouse a vista.

Com taes encantos,
Tal perfeição,
De gosto arfava
Seu coração.

Reflecte ainda
Suspiros sólta,
Vai-se um instante,
Rapido volta.

Seu par formoso
Tornando a ver,
De vê-lo sente
Novo prazer.

Jámais o pejo
Seu rosto opprime,
Pois que a vergonha
Nasceu do crime.

Era de graça,
De luz ornado:
Quem tem remorso,

Sem ter peccado?

Simpleza é todo,
Todo é candura:
Não é mais virgem
A flor mais pura.

Não era a culpa
Contra o pudor:
Era a innocencia,
Sentindo amor.

Não o delicto
Junto á belleza.
Tu, simpathia!
Tu, natureza!

Viu-a, e amou-a,
Deu ternos ais:
Sabe só isto,
Não sabe mais.

«Já solitario
»(Diz-lhe) eu não vivo:
»Tu me pertences,
»Doce attractivo!»

Os froxos lumes,
Eis que o ouviu,
Fitou no esposo,
Terna surriu.

Co'a voz a idéa
Procura unir
E ella forceja
Por se exprimir.

Logo os seus labios
Vão murmurando
Um tom macio,
Confuso e brando.

Quando de todo
Desprende a fala,
Grato perfume
De dentro exhala.

»Se te pertenço,
»Tambem és meu »
Disse. Elle torna:
»Sim, eu sou teu.

»Não nos separe
»Momento algum:
»De dous que somos,
»Sejamos um.»

XXXVIII.

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA.

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA.

Lyra.

Tudo é silencio no bosque!
Que solitaria mansão!
Sabiá, cantando amores,
Só povôa a solidão,
Em debil ramo, saudoso
Descanta, geme e suspira.
    Ah! Junta, cantor plumoso,
    Junta aos sons da minha lyra
    Teu canto melodioso...

Tua musica suave
É doce como a lembrança
Que em desabrida tormenta
Forma o nauta da bonança:
Dize, tu cantas zeloso?
Ou feliz amor te inspira?
    Ah! Junta etc.

Livrem-te os céos do ciume,
Meu querido passarinho;
E que a tua amante ingrata
Te menospreze o carinho.

Mas tu não cantas queixoso,
Amor teus versos inspira.
Ah! Junta etc.

Que accento que escuto agora!
Repete-o por piedade,
Alenta meu peito amante,
Mitiga minha saudade;
Esse nome harmonioso
De novo estes ares fira!
Ah! Junta etc.

Dize-o agora—oh!—não me occultes
Quem meus amores te ensina,
Cantaste a belleza, as graças,
Pronunciaste Ocarlina;
Viste-lhe o rosto formoso,
Onde risonho amor gira!
Ah! Junta etc.

Ou viste-lhe o seu retrato
Na aurora purpurea e bella?
Na rosa as faces mimosas,
Os olhos n'alguma estrella?
Se a já viste, és desditoso,
Comigo em zelos delira!
Ah! Junta etc.

Mas ai! A linda Ocarlina...
—Porque seu nome disseste?—
Não me attende, e a funda chaga
Abrir de novo quizeste!
Vi seu rosto gracioso...
E oh! nunca o rosto eu lhe vira!...
Ah! cessa, cantor plumoso,
Discorda dos sons da lyra.

Teu canto melodioso!

Se estimas o teu descanso,
Não lhe repitas o nome;
Teme o fogo do ciume,
Que este meu peito consome!
Vive em paz, d'ella te esquece,
Mas lembrem-te estes meus ais,
E chora os desgostos meus...
Ah! basta, não cantes mais,
Adeus, passarinho, adeus!

Ode.

O Carrasco.

Eia, Musa, desçamos
A ensopar o pincel na côr do Inferno!
O coração que é d'homem
Fuja de ouvir-me, trema d'escutar-me...
São puro horrôr meus versos denegridos.

Ao som de surda grita,
Por entre a multidão espavorida
Vinha o réo ao patibulo!
Cumpra-se a lei!—que fez?—....

. . . .

Que transportes que eu sinto!!
Tumultua-me o sangue pelas veias:
Meus olhos cubiçosos,
Anhelando o espectaculo nefando,
Empanam-se, medrosos de encontra-lo!

Ei-lo que móve os passos,
Um por um que o coração lh'os veda!
No seu rosto convulso
Pintada a morte com visagens feias
Aggrava mais e mais o horror do transe.

Que montão de fantasmas
Se ergue de toda parte ao desgraçado!
No funebre ataúde
Negreja a imagem do futuro ignoto,
Que no escuro dos tumulos se aplaina.

Um só momento apenas
Da eternidade lhe separa o tempo!
No cimo do patibulo
De atropellar-lhe a vida d'um momento
Sentada a morte está sorrindo anciosa!...

Mas que força violenta
Do cadafalso me retira os olhos?
Que mais horrores faltam
Que nova atrocidade para o quadro?
—Não vês! lá tens o horrido carrasco!

Descae mão de segure
Sobresaltada de vapor á morte!
Precipita-se em terra,
E de longe volvendo o rosto esqualido,
Encara o monstro e pasma d'avistal-o!

Eu o vi sem turbar-se
Da victima infeliz galgando os hombros,
Com frenesi não visto,
Aridos olhos, o semblante alegre,
Contar suspiros, numerar-lhe as ancias!...

E's monstro mais que um tigre,
Que a natureza não produz carrascos—
Esse peito de bronze
Essas ferrenhas, asperas entranhas
Ai! só póde formar a mão dos homens!

A musa horrorisada
Não póde proseguir,—das mãos me arranca
A criminosa lyra:
E fazendo-a pedaços, foge e brada
Que finde aqui com lagrimas meu canto.

Cantata.

O retrato.

Debalde o jazmim no valle,
E o mimo da natureza
Abre o rociado seio,
Mostra as graças e a belleza,

Debalde viçosos nascem
O lirio, o cravo e a assucena,
Ao choro da linda aurora
Em madrugada serena.

Para retratar as faces
Do meu bem, dos meus amores,
Não valem rosas, não valem
Os jasmins e as outras flôres.

A brilhante estrella d'alva
Os olhos mal lhe retrata,
A redonda lisa testa

Excede a brunida prata.

Os labios, os roseos labios,
Por onde fala a candura,
Não pintam a romã partida
No meio de neve pura?

D'estas aureas fontes, lindo
Pistillo da formosura,
Pendentes mil cupidinhos
Lhe estão chupando a doçura.

Se te visse o mesmo Jove
Encantado te adorára,
E gozos do Paraiso
No teu semblante lográra.

Então que muito, ó Marilia,
Que eu de amores gema e chore?
E que dentro do meu peito
Te erija um templo e te adore?

XXXIX.

GASPAR JOSÉ DE MATTOS PIMENTEL.

GASPAR JOSÉ DE MATTOS PIMENTEL.

Cantico ao 7 de Setembro.

E' p'rigozo soltar meu estro ousado,
Quando a patria nação off'rece ao globo
Novos quadros, que a lei reprova e risca;
Nem soffre que o poder, com dextra armada,
No seu vasto recinto, irado toque;
Compete em temporal ao rijo nauta,
Os mares afrontar, salvando a vida,
Em noite de pavôr, que raios vibra,
Sobre a nação pendente, entregue aos ventos.

Eis-me em meio do crime e da virtude,
Encarando o terror da atroz calumnia;
E vendo a sam virtude atropellada,
N'este horrivel painel de negras côres;
Vejo o monstro infernal, d'aspecto horrendo,
Volbendo d'entre horror do escuro averno,
Somente adulador, perjuro, infame.

A patria, que offuscou de Roma o brilho,
Só curte, em desprazer, tristonhos dias,
Que a discordia brutal está traçando,
Para o mando empolgar na patria minha!!!

Já de Bueno não vejo a sombra amiga;
Nem encontro o fulgor do phebeo nume,
Que dourava a extensão de um povo livre:
Tudo murcha o fatal, horrendo monstro,
Que só folga em traições, em crimes folga.

Serenas virações, soprando espalham,
Negros vapores que enlutavam Iris
Oh que campo immortal Jove apresenta,
Tendo em alto padrão gravado o dia
De Setembro sete, p'ra a patria honrozo;
Em vinte dois segura astro brilhante,
Que a luz encrava no Piranga ameno;
E para confuzão de horriveis monstros,
Erga-se o pano e seus contrarios olhem.

Lá vejo preparada esquadra immensa,
Arrostrando o furor da luza força!
E tendo a bordo seu mavorcios peitos,
Que Cokrane, animava em altos brados;
Sabendo com valor mandar ao Lethes
O monstro, que insultava a independencia!

Já sobre o Maranhão tremúla ovante
Bandeira que firmou a liberdade!
Militares heróes á patria deram
Exemplos de heroismo ao mundo inteiro!
Marchava de laureis na fronte sua
Labatut immortal, que igual a Jove
As furias sepultou no cahos infando!

Adoptivos varões, tambem fizeram,
A prol da independencia, bons serviços,
Offertando á nação baixel * soberbo!

* Alguns brazileiros adoptivos, negociantes do

Não me esqueço dos Limas, que souberam
Ás luzas legiões mandar os tiros!
Nem tão pouco heróe, famoso Taylor,
Que soube defender brasilio povo!

Se Nobrega morreu, na patria vive
Seu nome escripto, em corações gravado!

Eis em meio do povo o velho honrado,
Que faz ver ás nações da antiga Europa,
Que seu patrio paiz manda e não serve!
O grande, o sabio, o magestoso Andrada,
Que soube o imperio unir n'um só momento;
E a independencia alçar segura e firme;
Que a caterva brutal rangendo o dente
Não poude com punhaes inda arranca-la
Dos ternos corações que a patria adoram.
Póde inveja feroz, ardendo em ira,
Póde ingrato infiel roubar-lhe a vida,
Mas não póde roubar-lhe a fama e honra,
Porque Jove bradou a fama dice
Abri, verdade, abri teu aureo cofre
No serio ponto. que illusões não softrer

O Brazil contra a discordia. *

Nunca, monstro cruel, teu throno infame
N'este ingente paiz verás firmado!

Rio Janeiro, off'receram uma fragata para sustentar a independeneia do Brazil.
* Scena quarta do *Drama Allegorico* ao dia 7 de Setembro.

Obstaculos sem fim, que tu traçaste.
Estorvando a carreira magestoza
De nossas sacras leis, que um Deos affaga,
Que vigora, abrilhanta, e apaga o faxo
Da discordia infernal, que em crimes folga,
Onde impera o feróz Plutão horrendo
Em throno acêzo de terriveis fogos,
Ao lado tendo a tetrica consorte,
De negro manto recamada, e cheia
De feias côres, de medonho aspecto,
Promulgando a brutal, horrenda furia,
Que vá roubar a glória, os mil thezouros
Que os povos do Brazil no throno assentam:
Escuta as santas leis, que Jove escuda
Em ferros vivirás, malvado monstro!
Se Lyzia quebra do Hespanhol soberbo
Um jugo infame que lhe aponta a historia,
Se do norte o terrão livre se aclama
Do Britano poder no golfo inmenso;
Minhas vozes soar, ouve perversa,
E vê de Jove a justiceira dextra!

XL.

MANUEL ALVES BRANCO.

MANUEL ALVES BRANCO.

A' Liberdade. *

(Em 1820.)

Genio das solidões, em quanto curvo,
Calcado aos pés do fero despotismo
Geme o Universo, no teu sacro asylo,
Venho ampliar minha alma;
O monstro aqui não temo,
Nem os seus vis satellites bifrontes:
Só nos rodeiam n'estas soledades
Os Arabes errantes,

* No momento em que colligimos as duas seguintes odes deste poeta, bem como todas as composições do seguinte, vivem um e outro para a patria e para o mundo; e pedimos a Deus os conserve por largos annos. Como porem não pertencem elles, na condição de poetas, á epocha actual (da qual contamos occuparmo-nos em outro volume), e como ambos, segundo nos afirmam seus amigos, já se despediram de todo das musas, e por conseguinte não é natural que reformem as poesias que publicamos, e como, finalmente, nos abstemos de julgar seu merito por agora, decidimo-nos a incluir aqui essas composições, certos de prestar com isso um serviço dos amadores da boa poesia.

Do homem primitivo o só modêlo...
O deserto é seu templo, ao Sêr Supremo
D'onde oblações enviam.
N'estes aridos plainos sem limites,
N'estes combros de areias movediças,
N'este, de horrores estendido abysmo
Habita a foragida liberdade.

Ei-la doirando
D'este ermo as trevas
Com seus influxos:
Arma-lhe a dextra uma afiada espada,
Punição de tyrannos;
Á sinistra a balança,
Penhor do sancto dogma da igualdade,
Tem a seu lado a rigida virtude,
A cujo seio desce
Dos ceos cadeia d'aço sempiterna.
O primeiro fuzil Zenão sustenta,
E Lycurgo severo;
Na branca simples veste a deusa enxuga
O sangue, que dimana das feridas
Do intrepido Catão, Seneca illustre,
De Traseas, de Peto venerandas.

Martyres da virtude, eu vos saúdo!
Eu vos adoro, divinaes portentos!
Por vosso honrado sangue, e pelo ferro
Que essas veias rasgou, dai que rebentem
Na amada patria emulos da gloria,
Emulos vossos, que atro despotismo
Nas furnas infernaes sedento ruja,
E o mundo, que accurvou, console Themis.

Como é da deusa o solitario asylo
Magnifico na sua singeleza!

Dos bronzes, nem dos marmores o orgulho
Este alcaçar profano
Seus atrios não respiram
Do Oriente a molleza affeminada,
Sob o relento, sob o ceo patente
Ouve as queixas do probo,
Do oppressôr envenena os passatempos,
Pune a avareza do juiz iniquo!
Lá me acena, e me aponta
Para o quadro dos tempos resgatados
Das mãos do esquecimento; lá me abrem
Seus thesouros, e os seculos aventam
Pela dada sahida atropellados.

Lá se levantam
Em densas turmas
Leões do Caucaso!
Ennoitecem os ceos pulvereas nuvens,
Descora Marathona!
Tisiphone anciosa,
Precursora da morte, batte as azas,
E faminta de estrago, abrindo a bocca,
Crespos dragões vomita.
Misera Grecia, lá se despedaçam
As columnas da tua independencia!
Mas que heroe d'ali se ergue?...
Do elmo fuzilam vividos coriscos,
E' Pallas, se demove os igneos olhos;
E' Coriolano fumegando em ira;
E' Reinaldo no arrojo impetuoso!

Genio sublime, impavido Milciades,
A pinha das cohortes inimigas,
Precedido de horrores, arremettes,
Eis descosidos batalhões serrados;
A floresta de lanças cáe por terra,

Embotadas no escudo d'aço fino.
Triumpha; e sobre a ruina dos tyrannos
Hasteia os teus pendões, ó liberdade!

O destino com cravos de diamante
Fixará infausto aresto inexoravel:
A Pythia o lêra na convulsa tripode.
«—Novo Theseu valente
»—Co'os perigos se affronta;
»—Novos monstros ao duro braço rende.
»—Mas que pranto, que ululado se ouve,
»—Se alonga em toda a Grecia?
»—Vergonhosa auricidia os pulsos lhe ata!—»
Ah! Completou-se o oraculo tremendo.
Tu foste, ó liberdade,
Demandar outras plagas mais amigas.
Onde plantasses os salvados garfos,
A cuja sombra acolhem-se as virtudes,
Cujos fructos são sólida ventura.

Eis o terreno
De semi-deuses
E monstros berço,
Onde extremada a natureza humana
Elevou-se até Bruto,
Abateu-se até Nero.
Remontando de novo ao grande Aurelio,
Não vês este horisonte endeusado
Que em derredor o cinge?
Não vês aquella cupola soberba?
D'ali frexando os vôos possantes aguias
Quaes aligeros Euros,
Ou quaes o pensamento o espaço tragam,
As tyrannas cabeças ameaçam:
D'ali dos Scipiões a voz rompia,
Nas azas da victoria aos polos ambos.

O' Roma, alta Princeza das cidades,
Dormitas? Onde os teus antigos brios?
Eia, accorda, eia, arranca denodada
A mascara fagueira d'essas hydras,
Que famulentas, em teu sangue illustre
Anhellam saciar perfidas garras.
Não tens a liberdade em teu amparo?
Ah! que á cobiça franqueaste o peito!

Contemplai, póvos livres, no cadaver
Da soberana de um milhão de imperios,
Chorai sobre estas ruinas magestosas!
          Aqui foi Roma, ó Povos!
          A mudez dos sepulchros,
Onde o Veto troou, tremendo impera.
Será que mais horror á terra opprime?
          Que lugubre alarido
Nos antarticos gelos longo echôa?
O ar se entenebrece, arqueja a terra,
          Ensanguentam-se os astros:
          Rodobrados trovões estalam!
Travam combate horrisono co'as penhas
Enfurecidos mares; ronca rouco
Da tempestade o genio pavoroso!

          Por amplo hiato
          Feias harpias
          O inferno aborta
Entre ondas de espessissimos vapores:
          Tantos grãos não revolve
          No seu bojo o Oceano!
Co'as estridentes, rebatidas azás
Vem sulcando cahoticos negrumes!
          Tu as sentiste, Europa!
Tu gemeste nas trevas enredada.
A santa liberdade espavorida

Desampara teu gremio;
Arvora o ferreo sceptro a tyrannia!..
Ai de ti! miseranda, quantos seculos
Pendem de horrores!.. Ainque a tocha eterna
Da razão tenta embalde alumiar-te!

Por aqui, por alli crepusculavam
De espaço a espaço dias milagrosos
Abafados em sangue mal nascidos!...
Ja quasi fenecia o sancto lume,
Eis que avulta em vigor e aclara os orbes.
É fama que de lobrega espelunca
Troou pesada voz — Somos vencidos!.
Fugi ó filhos; o homem conheceu-se.

Genio que transvoaste destemido
O pego tenebroso das edades,
Apressa-te em libertar no arco sonoro
A setta mais estreme,
E pelo véo que enlucta
Do globo a maior parte, darda os fócos
Onde a luz concentrou-se portentosa.
Olha o genio da America,
Açaimados no Norte os negros monstros,
Como pelo Occidente ao Sul discorre!...
Olha a soberba Hisperia,
C'roada de triumphos mauritanos,
Perseguindo-os na trepida fugida!..
Olha d'heroicas cinzas renascendo
A Italia, e braço a braço co'elles trava!...

Mas d'onde assôma
Novo luzeiro,
Que ressumbrando
Vem das espessas trevas fugitivas?
Enlevado o contempla,

Em extasis profundo,
Um mortal, antes nume, alçando a fronte
Gotejante de um rio caudaloso.
Tremei, filhos do Averno,
Tremei que Lysia accorda do lethargo
Inerte em que jazia, e em brado iroso
Já proclama os mysterios
Gravados co'o cinzel da eternidade
Da natureza no sacrario augusto.
Livres e eguaes nascestes, lusitanos!

Lei, bem commum; decepe-se o que damna
Quão rapido no peito humano se ergue
A natureza ao grito da verdade!...
Quão rapido baqueia a prepotencia,
Que tem por base lagrymas e sangue!
Manes de Freire, venturosos manes,
Cantai, cantai victória; léy tremenda
Não póde a natureza revoga-la,
Vos condemna ao sepulchro — mas vencestes!

Cuidava o monstro suffocar em cinzas
Os sentimentos do homem, reduzi-los
Aos de indignos escravos, que o cortejam,
Ufanos de beijarem
O pó, em que elle pisa!
Cego não via da razão o braço
Estalar-lhe os degráus do altivo throno,
Preparar-lhe alta queda!
Cega não via sua luz divina,
Que já nos horizontes scintillava,
Ameaçando raios!
O' luzos! parabens! No vosso seio
De novo alça a razão seu templo augusto.
Eia! Vamos beber na fonte pura
De seus archivos preciosos dogmas!

Ao dia dois de Julho

(da provincia da Bahia.)

Vereis o amor da patria não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.

CAMÕES.

I.

Genio, que no verde da mocidade
A mente me ascendeste,
E me guiaste ao templo
Do venerando numem
Que ennobrecera o coração de Péto,
De Catão, de Traséas;
Oh Genio! oh meu querido!...
A patria, a cara patria
Ha muito, que ferir as aureas cordas
Da Lyra não me ouviu, em que soberbo
O hymno sonoroso
Cantei da liberdade.

Á patria, oh genio, á patria!...
Antes que a fria idade
De todo me regele a fervorosa
Veia desse estro audaz, que acções preclaras
Alvoraçar sohiam;
Vamos gravar nos corações bahianos
Co' o buril sempiterno da poesia
As memorias da patria; embriaga-los
No favo delicioso de sua gloria.

Quem mais que a patria vos merece, oh genio?!
Que assumpto mais brilhante
No dia venturoso
Do seu grande triumpho?!

A' patria, oh genio, á patria!!..
Ai! Longe della não me é dado agora
Assistir ao festim da independencia!!..
Mas eu a vejo!!... O coração a sente!!
Ei-la perante mim! Ei-la vestida
De riquissimas galas!!
Mil vivas triumphaes os ares rompem!...
Salve, oh cidade da montanha, salve
Rainha das cidades:
Salve, oh Bahia, salve oh minha patria,
Oh sol, oh mar, oh terra hospitaleira
De preclaros varões progenitora,
Do patriotismo e do saber morada.

II.

Que vasto golfão!! Mil baixéis povoam-no!!
Das fluctuantes flamulas
O ar traja mil cores!!..
Aqui do nobre Tamisa,
E do Sena guerreiro, e das planicies
Que os dois volcões abraçam
Com diluvios de fogo:
Aqui de todo o mundo
As variadas producções affluem!!..
Oh maravilha!!. Os homens se irmanaram;
Leis barbaras cahíram
A' tua voz, Commercio!!..

Eis do vosso trabalho
O triumpho, oh bahianos!..

Guarda Ceres aqui thesouro immenso,
O arado venerai. Nos primitivos
Tempos da especie humana
O arado foi de reis honroso emprego;
E romanos heroes d'alta nomeada
Depois de manejarem do governo
O pesado timão; de aos pés calcarem
Da guerra vezes mil as tempestades
Suas mãos vencedoras
Lavrando os patrios campos,
No arado descansaram.

Toma azas, oh minha alma;
Por toda a parte vôa; estanca a sêde
De vida na fragrancia do ar da patria;
No aljofar de suas praias, na frescura,
Na sombra e na esmeralda de seus bosques.
Olha que céo tão puro,
De orientaes recamado, donde chovem
Sorrisos d'alegria sobre os mares,
Que um sol d'oiro povoa
De buliçosos, nitidos brilhantes.
Olha o bello archipelago, entre todas
As ilhas que o povoam, como avulta
A ilha do valor—Itaparica!!

III.

Ouve a voz da alegria nas palmeiras
Do sitio dos prodigios
Encanto das bahianas!!,
Ouve a voz da saudade
Do romeiro da hermida solitaria
Naquella ponta erguida,
Quando em chuva de prata
As vagas arrebatam.

Sobre a cavada, verdenegra penha;
Ou como que do eterno movimento
Cansadas se espreguiçam
Sobre lençoes de perola!..

Eis o primeiro templo
Do Tropico em ruinas!!..
Eis o palacio, a cujo audaz aceno
Todo o Brazil tremendo ajoelhava
No tempo dos tyrannos
Que a patria soube repellir! Oh gloria!!...
Foi dado a nossos paes romper arcanos
Que a fantazia apenas viu de longe
Na illusão do desejo; a nós foi dado
Quebrar do despotismo o ferreo sceptro
E segurar aos netos
Venturoso futuro
De paz e liberdade.

¿Vês aquelle arrecife,
Que do pelago immenso as furias quebra?
Aqui fez-se em pedaços o madeiro
Que nestas praias nunca dantes vistas
A tempestade arremessou primeiro!..
Aqui Diogo intrepido
Viu tragados os membros palpitantes
Dos companheiros seus; aqui tremendo
Do disparado raio
O anthropophago fero as mãos lhe entrega;
Aqui Paraguassú se arroja ás vagas
Após o caro esposo; o ultimo alento
Aqui soltaram as rivaes que a seguem.

IV.

Foi neste sitio, que a primeira pedra

Se lançou da cidade!!..
Usurpada a Diogo
Pelo infame Coitinho
A ti, grande Thomé, cabe esta glória!...
A tua voz rendidos
Os guerreiros das brenhas
A lei de paz recebem;
Pendem da boca do divino Nobrega!!...
A tua voz na c'roa da montanha
Lá se eleva a risonha
Mão do imperio do Tropico?

Feliz, feliz mil vezes
Quem tuas praias, patria,
Jámais perdeu de vista, e alheios ares
Nem um só dia respirou. Cortadas
São d'amargura as horas do desterro
Inda na mór ventura!!...
Ah! Se eu pudera repousar agora
Sob o docel pupureo das mangueiras
Ou do sombrio laranjal nas brizas
Frescas beber oceanos de fragancia,
Quaes me figura a fantazia; a morte,
A mesma morte, oh patria,
Eu não sentira... Alegre
Ao tumulo descera.

Região de delicias
Sêde sempre feliz. Jamais a guerra
Esse aborto dos crimes d'anarchia,
Essa furia que folga, e se deleita
Em devorar imperios te inquiete!!...
Sei que a guerra não temes;
Mas sem a paz da Independencia o tronco,
Da amiga liberdade a tenra planta
Definhará sem fructo!!...

Sobeja-vos a glória dos combates;
Se ella te é grata, basta recorda-la,
E nas paginas d'oiro do passado
Ver mil vezes gravado o vosso nome.

V.

Sobre o alcantil da rocha, onde continuo
As ondas se embravecem;
Em balde ergues o forte
De Coligny soberbo,
Audaz Villegaignon; por mãos bahianas
Lá mesmo as sacras quinas
Tu verás arvoradas!!...
Na visinha planicie
Entre estes morros tem de ser fundada
Do novo imperio a capital. Oh patria!..
A opulenta cidade
E' sangue de teus filhos.

Aymurés e Tamoios
As armas depuzeram.
De teus canhões á vista espavorido
Foge o corsario atroz, que a rica presa
De antemão devorava!!...
O Maranhão te deve a liberdade,
Sucumbiu Rivardière. A Gallia altiva
Aos teus esfórços recuou, a Gallia
Senhora da victória desanima!
Ella pasma de ver seus estandartes
Derribados, e os loiros
Que os seus heroes cingíram
Murchos, despedaçados.

Olha para o horisontes,
Onde pousada aquella nuvem triste

Abafa a luz do sol, e as ondas beija!...
Não vês em baixo aquelles pontos negros
Que ora se escondem, ora no ar se elevam
Ao baloiço das vagas?!...
Elles avançam para nós, e crescem!!..
Será que dos abismos se arrojaram
Novos monstros ao mundo?
Não, não. Sessenta velas prenhes d'armas,
E da flor dos guerreiros, que ao tyranno
Philippe o cruel sceptro espedaçaram
Trazem cadeias para nossos pulsos...

VI

Armas! Armas! Oh guarda da cidade!
Armas! Armas! mancebos,
Correi, cubri os muros!
Mas ¿onde muros e armas?
Os descuidos da paz tudo destruiram'
Mendonça, os teus descuidos!..
Desgraçado Mendonça,
Desagrava tua fama,
Salva á cidade, ou morre. Já nos ares
A claridade pallida,
O estampido das bombas
O horror da morte espalham!...

Ja dois postos occupam!..
Ei-los abandonados...
Os inimigos fogem, precipitam-se!!...
O campo emmudeceu, farta de sangue
Tezifone adormece!!..
Mas ¿que ouço, oh ceos?!. Que lugubre ululado
Nas azas se ergue desta noite horrivel?,...
«Ai! temerarios!! Que fazeis sem armas?»
Clamam as mãis, as filhas, as esposas!!

Pousou na face do Anjo da victoria
Melancolica nuvem;
Irado ei-lo que brada
«Ao Reconcavo, filhos.»

Entra a cidade, Will'kens;
Entra Shoutens, Vandort; entra João Kyfe;
Deserto é tudo; aqui só ha cadaveres.
Mas o dia da colera não tarda;
O dia da vingança do oceano
Traz sons de guerra a briza!!...
Ceos! Que nuvem de pó se eleva ao longe?
Armas brilham!... Legião cerrada avança!...
Ei-los, ei-los que voltam.
Ei-los da patria aos martyres offrecem
Vasta hecatombe... Os manes seus exultam!
Patrid, Nassau, Lichtard, Valduino, em balde
O cahido estandarte hasteian intentas.

VII

A Marcos, a Padilha eterna gloria!..
Aquelle com a palavra
Divina aos combatentes
Deu vigor, deu esforço.
Este co' a espada bahiano raio
A Vandorte derriba,
As falanges devora!..
Mas porque me arrebatas,
Musa, a tempos remotos? Crês acaso
Que em nossos dias nada póde a patria
Apontar de gloriosa
A's gerações vindouras?

Eu vi sobre a cidade
Um monstro pavoroso

Mover milhares de cabeças horridas!!..
Selva de lanças eram seus cabellos,
Incendios os seus olhos....
Cadaveres tragando os duros ossos
Nos dentes lhe estalavam, sangue em ondas
Das fauces lhe corria; não despenha
Tanta agua a cataracta do Niagara!!...
Eu vi tremerem vales e montanhas
Traz volverem os rios
Aos roucos e medonhos
Sons, que em furia soltava...

Amargura de morte
Bebeu meu coração! irmãos ingratos
Prepararam punhaes; irmãos, que ha pouco
Nos promettiam paz!.. Ai! desgraçado
De quem a voz ouviu da boca hypocrita!!..
Os tribunaes cerrados
Rôtas as leis, manchado o sanctuario
Canta o infame triumpho o lusitano!!
Pallida a face arreda
E se cobre de lucto a liberdade!!..
Que trevas no ar! Que gelo sobre a terra!!
Só continuo rengir de linguas ouço...
¿D'homens está despovada a patria?

VIII.

Pela primeira vez desanimados
Eu vejo os seus guerreiros!..
Mas que!.. reinarão sempre
Tredos filhos das trevas
Parto de crimes, parto de anarchia?!..
Não, não. A' tempestade
Succede manhã clara;
E ao longe ja começa

A argenteiar-se o Oriente. A' flor da vaga
Que vai surgir da geração que passa
Tem de ser elevada
A candida virtude.

Que varão venerando
Habita no retiro
Tranquillo, que este albôr feriu primeiro?!..
Crava-lhe o peito a angustia, mas na face
Pousa a serenidade
Brilha d'uma alma pura a confiança...
De guerreiros um circulo o rodea!
Elle lhes fala: «Quem! Quem póde, amigos
«Arrancar-vos das mãos a invicta espada
«Na agonia da patria? Ella nos mostra
«As feridas e os lividos
«Ou morrer ou vinga-la!..

Pires, Brandão e Castro
Guerra juraram; guerra tudo atroa!..
¿Que gente é essa, que das brenhas surgem?
Povo sem armas, quasi nú se arrostra
Co' inimigo coberto d'aço e ferro! !..
Cantará minha lingua
Prodigios de valor? Ceos!!.. Que surpresa!..
Perdeu-se tudo? Fogem? Não. Lá param.
Um heroe os reanima!..
Sobre os canhões a sua voz troveja
A'vante! Avante!.. Lá se precipitam
As falanges!.. Lá cahe ferido Jacome!..
Lá proclamam victória—¿A quem?—A' patria?

IX.

Este dia é sagrado ao teu triumpho,
Bulcão é obra tua...

E porque não assistes
Ao festim da tua glória
Oh patriota, oh cidadão magnanimo?
Aqui receberias
A aureola, que a patria
Por minhas mãos tecera
Para ornar-te a cabeça radiante...
Depois te delatara os attentados
De perversos que a patria
Destruir tentam de novo.

Grande varão, se ouviras
Que o saber, que a virtude
São calcadas aos pés; que ao louco orgulho
Dos monarchas, succede a hypocrisia;
Que a baixeza entumece;
Que a impudencia alardeia; e pela fama
Nobre premio d'heroes só o oiro adoram!!...
Que pelo pó quasi em pedaços roda
A c'roa imperial, e ensanguentada
Curva a nação a fronte soberana.
Como indignado os monstros
Comigo não votaras
A' execração dos seculos!!...

Ai! Tu já não existes,
Tu, columna da patria. Oh dor! Oh magoa!
Sobre os despojos teus fechou a morte
Suas portas de bronze, e em cima dellas
Está sentada a eternidade, a glória!!..
Mas ¿que vejo? Um sepulcro.
A lapida lá cahe; gemem fantasmas!!...
Lá se levanta a imagen veneranda.
«Bahianos, sede unidos.»

«Guarda este dia no futuro grande»
«Segredo e grande bem.» Disse, e furtou-se
Aos braços meus, que o procuravam, como
Sombra de nuvem que nos campos passa.

XLI.

DOMINGOS BORGES DE BARROS,
VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

DOMINGOS BORGES DE BARROS,

VISCONDE DA PEDRA BRANCA. *

Epistolas.

I.

A Paulo José de Mello.

Venturoso o mortal que longe vive
Do tumulto enfadonho das cidades,
Que de Flora e de Ceres dado ao culto,
Nos campesinos bens delicia encontra:
Claros, tranquilos os seus dias correm,
Como a limpida linfa que o sacia.
Mimos da prole, afagos da consorte
Doce lhe tornarão da idade o pezo.

Sem a opressão que o espirito aniquilla,
É no teu seio que do genio as molas,
Mostram quanto vigor lhes deu natura.
As leis que a illustre Roma fez ditosa,
Foi no teu seio que estudou Pompilio.
Vós campos Mantuanos inspirastes,

* Vej a nota da pag. 147.

Ao sublime cantor sublimes versos;
Nas margens do Mondego, ou nas do Ganges,
Foi que Apollo baixou a ter comtigo
Camões, grande Camões, genio divino.
Murcham na frente dos heroes os loiros,
Os monarchas baqueam do alto solio,
Esbroam raios empinadas torres,
Grandezas, honras, titulos acabam;
Mas teu nome Camões transcende o olvido,
Qual as eras eterno, é sempre novo.
A morte destruir não póde o genio,
Porção sagrada qu'emanou do Eterno.
Gostosa solidão da paz morada!
Geram, arreigam n'alma tuas auras,
Virtuosos altivos sentimentos.
Provêm da tyrannia os vicios todos,
E tu da liberdade o estadio off'reces.

De momento em momento um quadro novo,
Mandas risonho captivar os olhos.
E que de vós privado sorte adversa!...
Homens que só de humano a forma tendes,
Entes qu'enxovalhaes a natureza,
Dos fados apezar, hei-de fugir-vos.

Foge ó Paulo d'estranhos climas, foge!
Vai no lindo Maré gosar da vida.
São vistas as demais, vista uma corte.
Por cá verias quanto lá tens visto
D'afidalgados Mydas a cohorte,
Expressões só dos labios, falso rizo.
São tão raros os bons por toda parte
Como por toda parte os máos abundam.

O velho habitador do velho mundo,
Prazeres naturaes tendo esgotado,

Acomode a seus vicios seus prazeres:
Mas quem n'um mundo novo origem teve,
Vá no seu mundo ter prazeres novos.
Viçosa natureza nos circunda,
E velhos hemos ser onde ella é moça?

Afasta ó sabia mestra! ó mãi dos entes!
De mãos ingratas teus perennes mimos;
Arem filhos ingratos terra ingrata.
Inda bem que os deixaste, e o Mundo Novo
O teu querido é, com nosco habita!
Paulo, consulta, lê, medita, estuda,
O livro que ante os olhos tens patente.
Arando as terras examina os sulcos,
Semêa; e da semente segue o curso,
Como rebenta o germen, como cresce,
Que tempo, que terreno mais lhe quadra,
Se o fundo ou flor da terra mais dezeja;
Se linfa te pedir busca regala,
Se o sol lhe cresta a face da-lhe sombra.
Ou da poda, ou do enxerto espreita a quadra,
Do tronco a consistencia e o parentesco,
Quando a flor desabroxa, e em botão fexa!
Consulta da semente a madureza
Antes que da colheita a lida encetes.

Dos novilhos escolhe o mais formoso
O cordeiro o mais forte, e da progenie
O curral povoar pertença a estes.
Como os fructos melhores torna o enxerto,
Amelhora-se a grei cruzando as raças.
Limpeza nos rediz jamais faleça,
Onde abrigados os rebanhos durman.
De plantas nutritivas farta os pastos.
E cuidoso das más busca expurga-los.
Na tosquia a tesoura a pelle evite.

Dos bois o pasto separado seja,
Do pasto em que outra grei tira o sustento,
Ou primeiro que os mais, o boi só pasce.
Males proprios ao clima, á especie proprios
Devem ser estudados junto ao enfermo;
E' do cultor o gado a grão riqueza.
Na pratica verás mais que nos livros.
O velho lavrador consulta attento,
«Pois inda que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.»
As cortes desdenhando, e seus fantasmas,
Na patria herdade assim tranquillo vive,
Quem de cuidados taes prehenche os dias.

Ver novas gerações, melhores outras
Pelos desvelos seus, quem mais cubiça?
De casal em casal seu nome passa,
Com elle correm as idéas suas,
Enriquecendo a patria, a si, aos outros,
Deixa nos corações grata saudade.
Povoação, commércio, artes, sciencias,
Mudam, mudando de cultura a terra.
Dos imperios a sorte está no arado,
Não consiste na lança a força d'elles.
Lagrimas banham da victória o carro,
O triumfo em segredo o heróe prantea,
Luto succede da victória aos vivas.
Essa arte deixa que natura en luta,
Abraça a outra que natura adorna:
Glória, prazeres, paz, ventura encontra
Quem das cortes fugindo, o arado abraça.

Parte para Maré; e seja um dia
A Ilha de Maré de Venus ilha,
Da virtuosa esposa os mimos goza,
A velhice da mãe suave torna.

Espera o Borges que saudoso fica,
E a mão do pai beijar, do amigo as faces,
Em breve tempo correrá contente,
E das cortes mofando, e seus enganos,
No patrio ninho que adoramos ambós,
Dos pais e d'amizade no regaço,
Dias felizes passará com tigo,
Uma vez da ventura o rosto vendo.

Paris, 1806.

II.

Ao Dr. Francisco Elias Rodrigues da Silveira.

Olhos vendados, e bordão na dextra
Co' as doenças jogando a cabra cega,
Certo mordáz pintava a medecina.
Era o empirismo, e o nome confundia.
Como co' a natureza conversava
Hipocrates outr'ora, e Elias hoje,
Se o soubesse, do quadro córaria.

Manes de Boherhave se insultados,
Fostes por charlataens, corre a vingar-vos
O profundo Silveira. Em debandada
Perdido o passo grave, eil-os a trote,
O embrulhado vasconso deslindado
A mascara cahiu, eil-os por terra.

Graças Silveira recipes cordatos,
Tristes doentes livraram da tumba;
Gatos-pingados hão de ter sueto,
E os sinos mudos penderão nas torres.
Mas leva o teu saber á patria nossa,
Onde a luz recebeste, augmenta as luzes,
A natureza virgem mil segredos,

Tem que dizer-te, quer falar comtigo.
Cuidosa semeou com mão prudente
O antidoto efficaz junto ao veneno:
Contem cada paiz quanto lhe cumpre,
Remedios proprios tem, se males proprios
E' do medico sabio o pesquizal-os.
Distila, rala, piza, queima, infunde
Combina, simplifica; não descances,
Por abrolhos se vai da glória ao templo.
Campo ás esperiencias tens fecundo;
Da natureza em flôr doces primicias
Terás, com que teu nome eternizando
D' Epidauro a sciencia enriquecendo,
A vida curta alongarás ao homem.
No Mundo-Novo, novos bens espalha.
Parte, das bellas não te empessa o pranto:
Perder de vista uns olhos feiticeiros,
Um surrizo que o peito queima, custa;...
Mas da fama o clarim alto ressoa
Nas almas, quaes a tua, virtuosas
O patriotismo abafa as paixões todas.
De Gameiro, de Paulo, d' Oliveira,
E aos d'esses poucos mais fidos amigos.
Juntem-se exforços nossos; e da patria
Vamos bem merecer, morrer por ella.

Paris, 1806.

III.

A Filinto.

Veio-me co' a razão o amor da patria,
Aquella enobrecendo, este incitando
O estudo, vereda encontrar busco
Qu'a prol da patria os passos me encaminhe.

Nas plagas de Cabral, meu patrio ninho
Tão louçan, quanto inculta a natureza
Admiro absorto. Aqui longevos bosques,
Com verde espesso manto, insultam, quebram
Do sol os raios, e os erguidos cimos
Vão topetar co'as nuvens: aprumados
As curvas praias ornam, os pés dando
Aos abraços de Thetis, hospedosos
Ferteis coqueiros, que no fructo offrecem
Ao lasso navegante o licor doce,
A saborosa polpa, o azeite, o prato,
E nas fibras do tronco a forte amarra.
Qual Cibeles mamifera entre as Deosas,
E' matrona dos bosque a Jaqueira.
Por entre as luteas flores, verdes ramas
Do patente casulo pende a felpa
Do niveo algodão; bem quaes d'Odino
Nas plagas, os carambanos alvejam.
Os jambeiros Favonio embalsamando,
No matizado prado ergue a corôa
O cheiroso ananaz, o rei dos frutos.
A quente especiaria não falece
Nem balsamos e aromás, e a casca amiga
Da existencia do homem. Mais brilhantes
Sorteadas cores patentea Flora,
De mais gostosos, mais brincados dotes
Pomona aqui se arrea: aqui de Ceres
São prodigos os dons. Mais longe encaro
O Gigante das aguas dominando
Despota sobre os mares: n'estes climas
Em tudo farta a mão da Natureza,
Té nos horrores seus, grande, arrebata.

Porque junto a tão solidas riquezas
As fontes d'esse ouro insultuoso
D'esse empeço da industria, esse que incita

As sordidas paixões, deslumbra estados
Natura poz? Por elle o homem muda
O curso aos rios, desmorona serras;
Por elle de insultada a madre terra,
Mostra na esteril face a injuria sua.

Vingar de Ceres pretendi a afronta,
Deixando os patrios, em alheios climas
Vim luzes grangear: e quando o estudo
Refocilar da lida permittia,
Deleitavam-me as musas. Li teus versos,
E Horacio em luso metro ler cuidando,
A mente, ao coração juntos falaram.
Ah! quantas vezes pranteei teus fados?
Quantas depois aos meus hei dado graças
Porque deram que eu visse o luso vate?

O poetico estadio tu me abriste,
Se um dia em brando ocio, verso digno
Correr da penna minha, a glória é tua.

Sem o incentivo teu, sem teus conselhos,
Como versejarei de ti distante?
Teus versos estudar, louvar teu nome
Em baixa escura proza, eis quanto posso.
Do fraudulento oceano os perigos
Vou de novo arrostar. Vou ver o berço
De Washington, de Franklin... Ficas Filinto,
E eu parto!... Porque o mar divide as terras?
Qual prende as almas d'amizade o laço,
Porque ligar tambem não pode os corpos?
Tal quer a natureza, e tal nos dicta
Na saudade, atracção que o peito arrasta,
Para ao do amigo qu'está longe unir-se.

Se os céos derem que um dia a cara patria

O mui querido pai e amigo veja,
Com nosco viverás Filinto amigo.
No certame poetico teus versos
Nosso farol serão. O Luso idioma
Hemos de aprender n'elles, e comtigo
Relendo-os vezes mil, conversaremos.
E quando junto no amical banquete,
Nos copos espumar festivo Bacho
O primeiro tinir será teu brinde.

Em tanto qual vai ser a sorte minha?
Alheas terras deixo, alheas busco!...
Quando verei os bosques onde infante,
Dei os tenrinhos passos mal seguros?
Quando.,. Filinto, adeos, lembre-te as vezes
O mui saudoso, grato amigo Borges.

Paris, 1810.

IV.

A Manuel Rodrigues Gameiro, Viscondé de Itabayana.

Respira coração! Eis os logares
Qu'em vão buscavas por estranhos climas,
Eis a ventura! Eram arremedos
Quanto longe d'aqui prazer julgavas.
Foi n'estes montes, n'estas matas virgens
Que modelado foste: a vida houveste
D'estas limpidas aguas, d'estas auras.

Sitios amenos, que me deste vida,
Salve! queridos! beijo a patria terra!
Dos meus primeiros jogos companheiro,
Tu, por quem accender-se d'amizade

O fogo começou, no infantil peito,
Recebe os versos meus despidos d'arte,
Filhos da simples Musa que os inspira,
Do meu Jacuipe nas agrestes margens.
Das dilicias, Gameiro, escuta as vozes.

Aqui jamais ardeu d'amor o archote,
Nem tanta força tem brandindo o arco,
Qu'estes outeiros seus farpões alcancem.
Os ais primeiros qu'estes ares ouvem,
Echo as primeiras queixas que repete
Balbuciando mal, são minhas queixas.
Nunca o Jacuìpe viu nas suas aguas
Misturarem-se lagrimas, e nunca
Nas suas margens suspirar a avena.
Os enganos d'amor eu só lamento.

O implumado cantor d'estas florestas,
Da citbara e da frauta ouvindo accentos,
Fingir procura, gorgeando o canto.
Do suspiroso bosque, o inquieto sopro
De Favonio, tranquilla deixa a folha.
O tronco annoso o ancião do bosque,
Para saudar-me os velhos ramos curva:
Á sombra sua foi que os mal seguros
Primeiros passos ensaei na infancia...
Dizei-me oh! brenhas, arvores frondosas,
Dos meus primeiros gostos que fizestes?
Aqui da curta vida não parecem
Longos os dias, nem se estudam modos
De matar tempo, quando o tempo é tudo.
Não constrange as feições fingindo rizo.
Aqui, de acordo o coração e os labios,
Pedir não usam expressões ao engano;
Mudo o artificio, fala a natureza.

Aqui não vem quebrar da guerra os rufos;
A victória não traz de sangue a sede
Que os laços sociaes desata e piza;
Dos idolos mortaes que a tumba some,
A vil adulação aqui não chega.

Desafogado o espirito medita
De Deus nas obras que admira e adora.
A razão dos sophismas escarnece:
Nem se illude a virtude ao pé do crime
Quando diz, seu veneno assucarando:
«Quem mais goza no mundo é mais ditoso,
«Para o gozo alcançar licito é tudo.»
E as leis do céo, da terra vilipendiando,
Vazio acazo supre ao Autor dos mundos.

Ai! que restará ao justo, ao disgraçado,
Gostoso meio de tratar co' Eterno?
Deixa que sobre o tumulo do amigo
Goste o amigo do pranto; dá que o filho
Espere unir-se ao pae, a esposa ao esposo.

N'esta calada gruta, vem Gameiro,
Beber a paz nas aguas do Jacuipe;
Respirar liberdade n'estas auras..
Mimo das musas, generoso Paulo,
Vem, que palacios de Maré se avistam.
Vinde ver como em lidas proveitozas
Sereno passo o tempo, como o homem
Util a si, aos outros prestar póde.

Do mesquinho captivo a sorte illudo,
E de cuidados, de attenções em premio,
Do cativeiro disfarçando o tedio,
O homem que comprei, ha de querer-me:
D'elle amado hei de ser, se ha qual nos nossos,

A gratidão no coração do escravo.
Tenho affeição do pae, se o filho afago,
Tenho a do infermo que aligeiro as dores
A justiça o respeito me grangêa,
E já como em familia vivo entr'elles.
A terra que jamais seus dons recusa
A quem suor lhe dá, promette franca
D'arvore que plantei sapidos fructos.
Como a roza de Zephiro beijada
A cultura, surrindo, me agradece!
Como o cabrito afoito insulta o p'rigo
Da ponta do penhasco pendurado!
Como no prado curvetea o potro!
Como farto o rebanho cabriola!...
Sitios amigos, porque imigos fados
De vós por tanto tempo me afastaram?

Mas la chega o colono venerando!...
Porque de nós fugiste, me pregunta?
Não vos matou saudade? e a memória
Não vos era afflictiva companhia?
Qual estrangeiro sois aos filhos nossos;
Lá que foste buscar? e o amigo certo
Com quem na verde idade meditavas
Quaes os caminhos de salvar a patria,
Do ferreo jugo que nos poz a Europa,
Onde eras? que fazeis? a patria geme!
Que foste lá buscar? terras d'Europa
De vicios cento, de sobejos damnos,
N'estas agrestes innocentes plagas,
Pelas que nos separam vastas aguas,
Já não vos cança que chegar vejamos,
Carregados navios arrojarem?
Que mais nos querem, d'essa Europa as gentes?
Não mais o velho! basta, não me mates.

Pinúm, 1812.

Ao chegar á Bahia.

Salve ó berço onde vi a luz primeira!
Risonhos montes, deleitosos ares!
Eu te saúdo ó patria!

Como no peito o coração festeja!
Todo me sinto outro: são delicias
Quanto em torno a mim vejo.

Tem outro ár o ceo, outro estas arvores!
Por onde adeja Zefiro embalsama!...
Dá que te beije ó terra!

Deste que só tu dás prazer, tres lustros
Privado, qual proscrito arrasto a vida
Em forçados errores.

O' quanto da ventura o ledo aspeito
Das passadas disgraças a lembrança
Nos aprezenta viva!

Não houvera prazer se a dôr não fôra;
Perenne facil gozo, toma a essencia
Da fria indifferença.

Aqui foi que eu nasci, devo a existencia,
Devo tudo o que sou a ti ó patria!
Eis-me: é teu quanto valho.

E' nos trabalhos que no peito ferve
O nobre patriotismo: o braço, o sangue
Aqui te entrego ó patria!

1811.

Improviso.

Deixei o pai, irmãos, deixei amigos,
As arvores, os sitios que indeleveis
Traços no coração gravam na infancia.
O cara patria! para dar-te em mimo
Luzes fui mendigar. Affrontei vagas,
Outros climas soffri, e alheias manhas.
Da luza Athenas co' as lições não vastas,
Minerva me apontou a patria illustre
Do immortal Lavoisier, sabio Olivière;
Lá respirei o ar que respiraram;
Ouvi de seus alumnos seus preceitos.
Do Batavo incançavel os milagres
Vi; e lavrada a Belgica por Ceres.
Do pousado Allemão parei nos campos.
Os povos visitei que a França habitam,
Desde o fofo Gascon, ao Breton rude,
Uns mais qu'outros brincões, crianças, bravos.

Tendo p'rigos, e mares vagueado,
De VVashington, de Franklin visto as plagas
Gratas á liberdade, aporto ás minhas.
A seu paiz, seu rei, ó quanto é bello
Lustros quatro ofr'ecer d'estudo e penas?
E crivel póde ser!... ó Rei! ó Patria!
Os ferros oiço qu'annunciam crime.
Qu'umPaulo,qu'umGameiro,honradoshomens,
De longe me prometeem de que vale?
Da tyrannia os ferros nos separam.
O' generoso Paulo, a nossa pátria,
Que! dos desvelos meus a terra é esta?...

Dizei dos crimes tenebrosa estancia,

De quanto vilipendio o patriotismo
N'estes lugares insultado vistes.
Dizei... mas o que admiro? por ventura
Os homens não conheço? o que queria?
Caricias, premios? Insentato! os premios...

Arrastar podem a innocencia aos carceres,
Mas de constancia armado o varão justo,
Co' pezo de seus ferros não se curva,
Se ao crime opprimem, a virtude adornam.
Bahia (estando prêso) em 1811.

Aos amigos.

Qual entre açores vive exposta a pomba,
Em risco o homem bom vive entre os homens.
São mãos os homens, máos os seus costumes.
Porque a misantropia reprehendemos?
Ella ser deve do prudente a guia.

Lá nos estranhos climas os trabalhos
Soffria, por mentiras de esperanças
De mimos (que talvez me dava a patria),
Doces mimos d'amor, não da fortuna.
Do vencedor da Europa affronto a sanha,
Illudo os Argos seus, desdenho offertas,
Entrego a vida a congelados mares...
Nenhum caminho para a patria é longo,
A quem a patria adora nada a terra.
Honra, constancia, e vós ó patriotismo!
Sois vans chimeras?... quanto m'enganastes!

A familia dispersa, os bens perdidos,
Perdida a cara mãe! resta-me a patria

Essa de meus disvelos digno objecto,
Ao ve-la disse, sem fitar, a ingrata
Ferros lança nos braços que lhe estendo,
Seu regaço é prizão, seu mimo insultos!...
Mas foi a patria? não, que a patria geme...
Quando o feliz refluxo d'essas ondas,
Que a nossas praias arrojaram crimes...
Quando?... Fugi meu pai, Gameiro, Paulo,
Pois libertar a patria não podemos,
Qu'ao menos longe d'ella nossos olhos
Não firam quadros, que dão mate ao brio.
Pois que em nós d'amizade os bens sentimos,
Gozemos esses bens: eia fujamos;
Não venha da verdade a mão terrivel
Qual o outro, este véo despedaçar-nos.
Se tal partido não julgaes acerto,
Se fugir duvidaes, irá comigo
Um desengano mais: Adeus amigos.

1811.

Aos Bahianos.

No dia da abertura do seu novo theatro.

Alteram-se as nações cahindo as eras,
Esta dos vicios solapada expira,
Est'outra crime de seu pezo esmaga.
D'Asia ao mando curvou outr'ora o mundo,
Mas hoje apenas no-lo conta a historia.
Quem hoje habita o Egypto, quem Athenas?
Das cinzas de Carthago surge Roma,
Roma dos reis terror, do mundo espanto,
Patria de Fabios, de Catão, de Bruto,
Ao jugo aventureiro a cerviz dobra.

Anime o patriotismo o rei prudente,
Da victória o não cegue fugaz brilho:
Segue o fausto a victória, ao fausto a queda.
Dos insultos dos paes os filhos gemem,
E a historia leva aos séculos vindoiros,
Enxovalhado nome e a pár os crimes.

Despotico volcão na Europa estoira,
No ar esvoaçando; guerra brama,
Sacudindo a discordia o aceso facho;
E aos roucos sons no ar braveja guerra!
Do bronze aos roncos, ao tenir das armas.
Foragidas d' Europa as artes querem
De Ptolomeu poupar cazo funesto.
Mata a sciencia o halito despotico...
Porem debalde o vandalismo tenta
Fazer retrogradar do espr'ito o curso,
Co'a imprensa Coster segurou-lhe o passo.
Mimosas filhas do celeste Pindo,
Céo mais ameno que o de Grecia ou Roma,
Carinhoso Brazil vos offerece.
Qual a flôr em terreno mais benigno,
Mais viçosa surri ao dia abrindo.
Taes em seu seio brotareis mais lindas.

Um do vosso Diniz ditoso neto,
O caminho vos mostra, eia segui-o,
Do Genio os voos despregai afoitas.

Já de Neptuno a sanha, e a furia insultam
Altivas quilhas tremolando as quinas.
Não dos raios da guerra a dextra armada,
O principe demanda alheios climas.
O que as esferas rege, e os reis domina
Um novo-imperio levantar-lhe ordena.
Quer que nos corações as bazes firme,

Que ao lado da pacifica oliveira,
Estreitadas em doce, eterno abraço,
Embelezem o throno artes, sciencias.

Do Amazonas ao Prata a natureza
A nobre pompa sua patentea,
Todas as regiões aqui se enleam,
Esta do globo magestosa plaga,
Uniu Cabral, do rei a magestade.
Dos que do mar os terminos quebraram,
Os netos são que as portas lhe defendem;
O mesmo brio, e sangue, hoje os anima,
E ao aceno do rei vereis ó povos!
Novos Gamas surgir, surgirem Castros.

Foste a primeira que no Mundo-Novo
Viste, ó Bahia! d'um monarcha o rosto.
Se te deixou, com elle vai saudade.
E d'esse que cuidar de teus direitos,
Mandou, na escolha seu amor conhece.

. . . .

O som de sua voz hoje ó Bahianos!
Dos costumes a eschola as portas abre.
Castigue os vicios aterrando, ou rindo.
Gostem as mãis de Merope os estremos,
E de Medéa ao aspeito os olhos voltem.
Ao ver Atréo de horror o irmão se errice,
Do amigo as faces Pilades alegre.
Amor chore d'Ignez o cazo triste.
Manchando o filho em sangue parrecida,
Mafoma cubrá d'asco o fanatismo,
Do ciume o furor Fayel corrija.

Que o rizo mofador opprima e corra

A hypocrisia, a sordida avareza,
De baixos corações rasteiros vicios,
O gesto, as vozes a poezia adornem,
Que d'armonia os sons o ouvido encantem,
Que magico pincel a vista illuda.

Em ar bisonho e acanhados modos,
No máo pejo a decencia não consiste;
Quadra rosto sombrio ao criminoso,
O refalsado gesto a hypocrisia,
Desenvoltura é marca de licencia,
É grave, é lhana da decencia a face.

Nunca do honesto se transcenda a meta;
Que offendido decoro affronte o pejo.
A punição do crime o criminoso,
E da virtude o premio o justo vejam.
Veja a innocencia da maldade as tramas.

Da boa sociedade o trato afavel,
Costumes espinhosos amaciem;
Patrios feitos na scena, affectos novos
O patriotismo, o coração convidam.

Nua do som didactico a virtude
Melhor ao coração no exemplo fale,
E a mente deleitando, a scena deve
As normas da moral gravar nos peitos.

A uns cabellos.

Bahia, 1813.

Acuzais lindos cabellos
Linda mão que vos cortou,
E de vossos companheiros
Para sempre vos privou.

Elles, Marilia enfeitando,
Tem mais dita, mais beleza,
Mas vós escolhidos fostes
Como penhor de fineza.

D'aquella com quem me vistes
Ser tão feliz, tão ditoso,
Só vós me restaes: de nós
Qual é menos venturoso?

De Marilia a fronte ornastes
Pouzaes no meu coração,
Se perdestes na ventura,
Ganhastes n'adoração.

Sobre o meu peito assim juntos,
Junto a Marilia andareis,
E em quanto o peito existir,
Sobr'elle repousareis.

Mas eu... formosos cabellos!
Como vivo, e então vivi!...
Lembrai-vos que testemunhas
Vós sois do bem que perdi.

A Marilia.

Bahia, 1814.

Debalde, ó roza pudica,
Desabrochas do botão,
Debalde teu cheiro entornas
N'esta morna solidão.

Ternos cantores dos bosques
Debalde as vozes trinaes,
Não ha prazer que me agrade;
Eu só gosto de meus ais.

Sereno claro Jacuipe,
Teu murmurio me importuna,
Se d'elle gostava outr'ora,
Outr'era a minha fortuna.

Nem mais me apraz ver comtigo
Minhas lagrimas correr,
Tu leva-las já não podes
Onde ellas devem ir ter.

Salgueiro! a tua linguagem
Qu'outr'ora eu tanto entendia,
Hoje é muda, não entendo:
Tua conversa enfastia.

Eia! Respondei-me todos
Meus prazeres onde estão?
De meus gostos que fizestes,
Onde está meu coração?

Minha Marilia, onde está?
Respondei-me, ó rio! ó flores!
Se eu sou d'ella, e ella é minha,
Quem me rouba os meus amores?

Céo! se um rival em seu peito!...
Não, não temas coração,
Outros labios mentir podem,
Porem os seus labios não.

Elles disseram-me, eu te amo!
E seus olhos mais disseram,
O meu coração, bem sabes
A impressão que em nós fizeram.

Soffre alguns momentos mais
A saudade, a auzencia, a dor,
Coração, mas não recees,
Tal receio insulta amor.

O juramento que guardas
Formaram os olhos seus:
Não juram como os da terra,
Os olhos que são dos ceos.

Oh! meu bem, apressa o instante
Em que d'Hymenéo nos laços,
Subamos ao ceo d'amor
Eu nos teus, tu nos meus braços.

O Adeus.

Chegou do adeus o instante:
Minha Marilia, adeus!...

Ai! que viver é morte
Longe dos mimos teus.

Meu coração! ai! triste!
Mais gôsto não terás,
E tu, de mim, quem sabe,
Se mais te lembrarás.

Lá por agrestes selvas
Saudosos passos dando,
Irei por ti, Marilia,
Aos montes perguntando:

Um dia e outro dia
Irei passando assim,
E quem sabe se tu
Te lembrarás de mim!

Verei, meu bem, mil vezes
Aquelle sitio amigo,
A onde, ó minha vida!
Fui tão feliz comtigo.

Lembranças, cento, a cento,
Hão-de matar-me em fim;
E tu n'alguns instantes
Te lembrarás de mim?

Ás margens do Jacuipe
Meus pés me hão-de arrastar,
Por mais que fugir queira,
Sei que lá hei-de ir dar.

Com suas mansas aguas
Como hei-de conversar?
Por ti, qu'heide dizer-lhe,

Quando elle perguntar?

Sitio onde amor juramos
No mais ditozo abraço,
Onde o primeiro beijo
Firmou d'amor o laço,

Teu coração te explique
Seu doce palpitar,
E como bem me lembro,
Bem se hade elle lembrar.

Ah! lembrem-te os momentos
Queridos dos amores,
Lembrem-te... tu bem sabes...
Lembrem-te os seus favores.

De ti já não duvido
Sim, tu me amas, sim,
E qual de ti me lembro
Te lembrarás de mim.

Ao rio Jacuipe.

Cançoneta.

Manso Jacuipe
Rio saudoso,
Ouve os queixumes
D'um desditoso.

Viste-me alegre
Ve-me choroso,

Tinha jurado
De Amor zombar,
E nova jura
Venho hoje dar;

Quem viu Marilia
Jura de amar.

Antes de vê-la
O gosto ou dôr,
Qu'em mim sentia,
Não era amor.

Hoje arde o peito
Sou todo ardor.

Hoje é que sinto
Essa ternura
Que só Marilia
Tem na candura,

Mimo dos céos,
Dom d'alma pura.

Já lhe fiz dote
Do coração:
É seu: quer ella
Acceite ou não.

Embora chamem
Erro ou razão.

Morro se d'ella
For desprezado;
Jacuipe amigo
Ahi tens meu fado,

Ahi tens a sorte
D'um desgraçado.

Perdendo a vida
Cessa o penar:
Porem Marilia
Onde hade achar

Quem como eu amo
A saiba amar?

O nome e a jura
Qu'eu a ti digo,
Só a Marilia
O' rio amigo!

Dize, se um dia
Falar comtigo.

E vós Favonios
Que assim brincaes,
Quando ao pé d'ella
Brando adejaes,

Dizei-lhe ao ouvido
Que sois meus ais.

Placida limfa
Que lá vás ter,
No teu murmurio
Convida-a a ver

Lagrimas que ella
Me faz verter.

Ao Tabaco.

Quintillas.

Nulla salutifero se comparet herba tabaco
Viribus hac omnes ex superat reliquas.

J. P. Germarchemius.

Odorifero tabaco
Minha homenagem recebe;
Cante os louvores de Bacho,
Cante amor, quem não concebe
Como alivias o caco.

Se em vez de manhas damnozas
Quaes o amor, o jogo, o vinho,
As vossas ventas ranhosas
Enchesses (gado damninho)
De pitadas saborozas.

De tal uso assoberbados
Os dedos desprezariam
Garrafas tocar e dados,
E inda menos tocariam
Em objectos vedados.

Quando apetite culpado
Tentasse vos assaltar,
Com a pitada occupado,
Ousala-hias largar,
O' tabaquista arreigado?

Nariguda confraria

Séria gente tabaqueira,
Da caixa, sem ironia,
Confessai, de quanta asneira
Vos livrou a companhia?

Naturalista profundo,
Pesquisando a Natureza,
Altos segredos do mundo,
Quando vistes com clareza,
Vistes a caixa no fundo.

Quantas pitadas não sorves,
Mathematico incansavel,
Quando abaixo e a cima volves
Teimoso incommensuravel,
Que sem caixa, não resolves.

Quando remexendo a bola
Busca fugitiva rima
O poeta que se esfola,
Se uma pitada sublima,
Traz-lhe o termo, e o consola.

Não é digno de viver
Quem o tabaco despreza,
Molière ousou dizer;
E do contrario a defensa
Quem ha que possa emprender?

Foi o maior tabaquento
Da Prussia o maior monarcha,
Em armas, letras portento,
P'ra dar de tabaco um arca
Cada anno ao nariz e ao vento.

D'outra guiza preparado

Tambem o tabaco exalta,
Quando miudo picádo,
Pela gente baixa qu'alta,
É no cachimbo fumado.

Não vai afrontar os mares
O marujo sem cigarro,
E fumando os militares
Seguem da victória o carro,
Co' o fumo toldando os ares.

Quando lá de Portugal
A' França Nicot o trouxe
Admiração cauzou tal,
Que Medicis dignou-se
Dar-lhe o seu nome real.

De Jean Nicot vem-lhe o nome
Tambem de Nicociana;
E o de Santa-Cruz obteve
Da Curia sacra de Roma,
Que ao Tejo igualmente deve.

Porque, teme elle o pompòso
Grande nome de Herva Santa?
Porque, em virtudes famoso,
Tem força medical tanta
Que passa a miraculoso.

De cardeal legatario
Mão sagrada, cultivado,
Que planta do campo e herbario
Que vegetal tão honrado,
Foi já n'esse reino vário?

Com metade da honraria

Qu'essa planta mereceu,
Outra qualquer quereria
Ir a nobre, de plebeu,
A patria desprezaria.

Mas elle o nome conserva
Do caro silvestre ninho,
Só fazer bem se reserva;
Qual arbusto campesinho
Vive, ou qual ignota herva.

Sem ti planta precioza
De que servira o nariz?
Desta vida trabalhosa,
Para consolo te quiz
Dar-nos, mão de nós piedosa.

Quando á pitaria unido
Vai-se o teu cheiro espalhando,
Como sabe do sentido
Ir as magoas afastando,
Dar o socego perdido!

E como, quando o prazer
Do coração nos trasborda,
Sabes das ventas correr,
Tocar da dilicia a corda,
E o gozo melhor fazer!

Deixar a caixa querida,
Da morte é bem máo signal,
Porém apenas a vida
Volta, e nos livra do mal,
A caixa é logo pedida.

Minha fiel companheira

Jamais te abandonarei:
E na hora derradeira,
Juro que te guardarei
Junto á minha cabeceira.

E se inda tabaquear
Podemos alem da morte,
Se essa ventura ha sem pár,
Praza aos ceos que eu tenha a sorte
De minha caixa levar.

Cantigas improvisadas.

No mar, indo preso da Bahia para o Rio de Janeiro.

Ingrata patria,
Cruel querida,
Quero deixar-te
Deixo-te a vida.

Ficam parentes,
Fica o amigo,
Só a saudade
Trago comigo.

Em terras d'outrem
Soffrendo damnos,
Foram meus dias
Magoados annos.

Tinha a esperança
Por companhia,
Tudo era pouco,
Por ti soffria.

Hoje sem ella,
Que mais me resta?
Vida assim triste,
De nada presta.

A paz buscava
Nos patrios lares,
Achei por mimos,
Ferros, pezares,

Ingrata patria
Sempre querida,
Quero deixar-te
Deixo-te a vida.

A uma menina.

No dia em que fazia 15 annos.

Fugiu de ti hoje a infancia,
E rebenta a flor da idade,
Co'a infancia fugir não deixes
A meiga simplicidade.

Seus modos dão mais realce
Aos dotes da gentileza;
Não ha bello verdadeiro
Quando falta a natuaeza.

De tua mãe carinhosa
O conselho, o exemplo, aceita
Que te protesto, Climene,
Que sempre serás perfeita.

Odes.

I.

Dia 12 de outubro, 1823.

No incauto povo os crimes embebia
Por labios embusteiros enfeitados,
Maculando a fagueira Liberdade,
Demagogía astuta.

As mimosas feições, as lindas formas
Do viçozo Brazil, já se afeavam,
Sob as sanguentas garras com que ancioza
A ánarchia o empolgava.

As mães choravam já, tremia o espozo,
Os degraos do patibulo a virtude
Contava já, e aos urros da revolta
Jubilava o perverso.

Lá cahe o Imperio de aluidas bases!...
No ameno vale, na floresta virgem,
Lá se estende o ribombo surdo e rouco
Do mugido do crime.

Rasgado o coração!... ai! Pedro! Pedro!
Morre, se tardas, o Brazil, acode!
Defendel-o juraste, o voto cumpre,
Se não, aos ceos insultas.

Onde os punhaes? e o halito empestado,
Que em negra nuvem sobre nós pezava?
Eis o ceo azulado, o ar suave
Que dá vida ás delicias.

Salve! querido brazileiro dia?...
Tu, que em dote ao Brazil seu Pedro deste

No circulo dos evos perguiçozo
Volve puro e risonho.

II.

Dia 22 de janeiro, 1825.

Da glória enlevo não subira a tanto,
Sem a doce esperança dos sagrados
Da fagueira belleza.

Sem os carinhos da adorada espoza,
Suportaveis não foram penas, lidas,
De que se a vida mina.

Alem da tumba que emportará a fama
Se na prole (inda um mimo da consorte),
Não coutinuasse o homem?

Sexo querido, da virtude imagem,
A delicia é comtigo; se não foras,
Fora o mundo um deserto.

Se na choupana estás, lá estão deleites;
E se ao lado do heróe o throno ocupas,
Abrilhantas o throno.

Dado fôra sem ti vestir a purpura
A justiça, o valor, mas não vestira
As graças, a clemencia.

Heróe sem Leopoldina Pedro fôra,
Mas o Brazil o heróe deificando,
Gemera em orfandade.

Da Santa Cruz imperio não tivera

Sem Leopoldina, as prendas preciozas,
Que lhe aseguram seculos.

Nossas tenrinhas flores brazileiras,
Guardai ó Deus!... somente um pai conhecei!
Mas que sagrada aurora!!!

Dando a filha dos Cezares ao mundo,
A realeza meio-mundo deste,
Dia grato aos monarchas!

Lá do Danubio as ninfas te saudavam,
Quando as ninfas bahianas o seu Pedro
A vez primeira viram.

Como lhe envesga os olhos a anarchia!..
Io! de Leopoldina a prole augusta
De Pedro a obra firma!

Io! dia sem par! são obra d'outros
Trophéos e independencia, tua graças,
E a duração do Imperio.

Os tumulos.

Canto I.

Longe risonhos engraçados sitios,
Frescos ribeiros, auras perfumadas.
Esfriou nos meus labios o sorriso,
Nos meus olhos as lagrimas secaram.
Foi-se até de chorar triste consolo.
Gravosa idéa o espirito acobarda.
Quebra-me as forças; já não vivo, existo;

No futuro morri, morrendo o filho.
E' mansão minha o olvido, que vingado
Via em virtudes, que no filho abriam.
Meiga filhinha, virtuosa esposa,
Orfans comigo, iguaes na desventura
Vinde um adeus dizer ao irmão, ao filho.
A' noite cede o sol a etherea via;
Longe de vãos prazeres, vamos juntos,
Por entre sepulturas vagueando.
Amargoso consolo vem, saudade!

Palida fria luz derrama, ó Phebo!
Sentidas queixas, triste gorgeando,
Desate suspirosa philomela.
Mirtos, ornaî amantes venturosos,
Em torno a mim cyprestes mil negregem.

Um ai alheio o misero consola,
Ninguem um ai me dá, ninguem me escuta!...
E compaixão procuro?... anhelo a morte:
A morte é refrigerio da desgraça,
E para o justo a noite d'um bom dia,
A morte espanta só quando pensada,
A morte é nada, a eternidade é tudo.

Cercado estou de tumulos... abri-vos
Reino da morte, abrigo do infortunio!
De chimeras caducas desengano.
Erguei-vos mestas, pavorozas louzas!
Ossos mirrados, lividos despegam,
Fetidas carnes, podres ligamentos.
Que impuros vermes em silencio passem;
Ascosos restos de formosas fórmas.
Eis os profundos admirados sabios,
Os reis altivos, grandes e temidos!
Nem teus visos belleza aqui se estremam.

Igual poeira dão, cajado, sceptro,
Os farrapos do pobre, e a regia purp'ra;
Na sepultura tudo se confunde;
Tudo assim passa, a morte acaba tudo.
Da humana vida aurora e o ocaso tocam.
É como a luz a vida, apaga-a um sopro.
Sabemos vida ter porque sentimos,
Vem de fóra o sentir, a vida é nada.

Após honras serpeai rasteiros entes,
Esse raio apagai que vence a morte,
A virtude: e depois notai os tumulos!

De inconsolavel mãe oiço os queixumes!...
Sombra querida, do querido filho!
»Meu amor, meus desvelos, nada pôde!...
»Meu Deus, tanta oração, tão puros votos
»Tudo baldado foi!... Mais não augmenta
»Um esp'rito celeste a glória tua,
»E perdi no meu filho a glória minha.

»Se mais era que humana a prenda amada,
»Porque o fizeste assim, para roubar-m'o?
»Para todos tão bom, és máo comigo?
»Que mal te fiz meu Deus?... Porém que vejo!
»Oh! quanta luz diviso! vejo as fontes
»Do eterno incomprehensivel!.. eis meu filho!..
»Filho adorado vem, corre a meus braços!
»Olha o seio infeliz de que nasceste,
»Olha estes peitos que te deram leite,
«Conhece aquella voz que os sons primeiros,
»A formar te ensinou, que te chamava
»Para teus jogos; tua mãe conhece:
»Dos teus primeiros gostos companheira,
»Companheira fiel nas tuas dores.
»Quem te beijava quando ao pobre davas,

»Quem te beijava quando o amor da patria,
»Vinha do coração no infantil fogo.
»Quem esquecendo o alimento, o somno,
»Junto ao leito da dôr constante viste
»Quem pela vida tua dera a vida.

»A cada passo um nobre monumento
»Do que serias, filho, vem matar-me;
»O' Brazil! ó Bahia! ó patria nossa!
»Chorai meu filho, que um heróe perdestes!
»Nem o materno amor me cega: digam
»Quantos o viram, qual a nossa perda.

»Dias de angustia assim porque fugistes?
»Vinde outra vez trazei minha esperança,
»Trabalhos mil com ella, embora venham.
»Deus, ou dai-me o meu filho, ou dai-me a morte.
D'um pai nenhum trabalho as forças quebra
Quando se vê na prole continuado.
A filha move sentimentos brandos;
O filho eleva para a glória o brio.
O filho é outro elle, além da tumba
Vê remoçarem as fadigas suas:
Do filho no esplendor, no porvir goza.
Lá vai seu nome de lauréa ornado.
O movel principal de humanos feitos,
O amor proprio, se dilata e farta.

Ah! como foges mentirosa esperança!
O doirado futuro como embaça
O halito da morte! Vãos projectos!
Já da verdade o espelho formidavel,
Mostra o que são da terra os bens caducos.
Que mais aspira o pai, que mais deseja?
No futuro morreu, morrendo o filho!...
Hymeneo que de flores coroado

Sua dita fazia, e seu tormento:
A dôr lhe dobra da consorte as dores.
Fita a querida lamentosa esposa,
Vê do filho as feições, não vê seu filho.

Ali brincava, aqui lia comigo;
Este desenho é seu, eis sua letra!
Cobrem a meza insulsas iguarias.
Junto a mim se sentava... onde! onde!
Ai! como do consorcio o tecto amado,
Cobrindo o casto amor, afflige agora!
Ai! quanto fujo de mirar a esposa!
Leio em seus olhos o que n'alma sinto,
E sei que os meus lhe estão dizendo o mesmo.
Nem eu, nem elle pronunciar ousamos,
Partem do peito os ais, dos olhos pranto.
São ambos desditosos, mais se querem,
E porque muito amam, temem-se ambos:
A saudade os separa, amor os chama.

Tu meu thesouro, filha suspirada,
Da vida alento, que tremendo adoro;
Que transcendes no esp'rito tanto a idade,
Qual teu irmão, precoce!... vai-te idéa!...
Como no frio, no forçado rizo
Com que para alegrar-me, o mal disfarças,
Minha alma punges, com doçura amarga!
Constranjo o rosto a desmentir o peito.
Esse terno cuidado que desvia,
De nossos olhos, do irmão perdido
Os móveis favoritos, os brinquedos,
A custosa attenção com que o não chamas!...
Teu doce agrado me envenena a vida.
Oh! alma, de minha alma, ó minha filha,
Vem a meus braços, vem, chora comigo;
Não temas do irmão dizer o nome;

Eia, de pranto nossa dôr fartemos.
Ainda a vida em flor, innocentinha,
Ignoras o prazer, e a dôr conheces?
Ahi a tens, guardai-a, ó Providencia!
Porque sem ella suportára a vida!
A filha existe... à vida te agradeço;
Agradeço o meu mal, é bem da filha.
Sacrificios humanos não te bastam!
Sacrificio ahi tens com que não posso,
Ahi tens meu filho morto: tenra planta
Longe do clima seu, medrar não pôde.
Patria, longe de ti, por ti soffria,
Balança o amor da patria, o amor paterno:
Que mais querem de mim? mais soffrer posso!
Quebradas forças, animo abatido
S'inda podem prestar-te, anciada patria,
Qual meu vigor te dei, dar-te-hei o resto:
Com que ufania te legava o filho!
O' quanta nelle tu perdeste gloria?
Ouve-lhe a voz extrema e extremos votos;
Elles quebraram junto do meu peito.
«Vinde a mim charos paes, nada de pranto,
«Pouco tenho de vida, ó paes! beijai-me...
«Minha irmã onde está? quero abraçal-a.
«Pois que ao Brazil servir me não foi dado,
«Ao menos saiba que por elle morro.
«O que o Brazil me deu, o Brazil tenha:
«Não, não deixem meu corpo em terra estranha
«Entreguem-me ao Brazil... ultima graça...
«Eu fui bom filho. Adeus!» e um ai! meu filho!
Sombra adorada, assim ó heróe, o justo
No fim de longa vida o mundo admira:
Pia resignação, corage heroica,
Serenidade sempre inabalavel
No soffrimento, e mesmo até desprezo.
Assim que de affeição via os indicios,

Voava a gratidão sempre em seus labios.
Porqu'outrem não soffr'esse, impunha ás dores;
Com suas proprias mãos curava as chagas!
As bemfazejas mãos qu'inda estou vendo
Erguidas para o céo, a Deus orando.
Inda me sôa n'alma a voz quebrada,
«É baldado pedir, o céo me chama.»
Inda o que disse seu retrato vendo:
«Perdeis o original, guardais a cópia»
Inda... e é religião soffrer?.. não posso.
Quanta vez os gemidos suffocando,
Sobre o chagado corpo quantas vezes,
O meu corpo estreitando, a mão convulsa
Desfallecida já, secou meu pranto;
E com frio sorriso procurava
Um consolo me dar, forçando a angustia?
Com a patria sonhava: e quando a febre
Abalava, pungia o assento d'alma,
Era para exaltar o amor da patria,
A saudade dos seus, o amor paterno.
Se ao Brazil não serviu, morreu por elle.
Nem ao menos ó céo! lhe deste o gôsto,
De ver, morrendo, a patria libertada!
Da Divindade arcano impenetravel,
Inda na infancia; e já virtude tanta!..
Tinha dez annos!.. Religião, conforto.

Sagrada habitação d'alma celeste
Lamentoso penhor, tristes reliquias!
Não, não sereis entregue á terra estranha.
Vivo com nosco tu peregrinaste,
Morto acompanharás nossos errores,

O' tu que encerras, urna respeitosa.
O puro coração do infante puro,
Para tanta virtude estreito estadio:

Aquelle coração tão compassivo
Tão bom, tão sancto, além da idade sua..
Urna que encerras da bondade o templo,
Do desditoso pai te banhe o pranto.
Dá que te abrace em quanto a alma ao corpo.
«A seus pais, e ao Brazil» doce verdade,
Que me lascera o peito, ai!.. ja não sente,
Immovel, frio!.. nunca mais? oh! filho! filho!
O halito de Deus, alma divina,
A Deus voltou, no mundo não cabia.

Canto II.

Memória, o que és tu? bem, ou tormento?
Porque lembras a dôr, sem dar-lhe allivio,
E o prazer porque se mais não torna?
Rodage intellectual o pensamento,
A despeito de nós, ou marcha ou pára;
Dá-lhe impulso, invisivel movimento,
Potencia d'alma, é no teu crepusculo
Onde antigas lembranças vão perder-se.
Eu peço ao coração minhas lembranças,
E vivo tabernaculo que guarda
Os nobres, os felizes sentimentos;
Não mente o coração, falha a memória:
Tende a memória á obscuridade, ao nada,
O coração á luz; tende a Deus mesmo.
Lembrança, tu por quem revive o homem
Na passada existencia; espelho magico
Que reflectindo os casos, os objectos
Emprestas essa vaga poesia
Dos vislumbres suaves da existencia:
O longe, a ausencia, geram esperança,
Que sem ella o porvir fôra martyrio.

Sombra querida do querido filho,

O amor de teus pais cumpriu teus votos,
E satisfez o nobre teu desejo;
Elle um dever sagrado nos impunha;
Teu corpo não consome terra estranha,
Está na terra de que foi formado,
Entregue ás auras que lhe deram vida:
Essa terra, essas auras, teus encantos.
A luz que te animava, e ver cuidaste
Do Brazileiro sol na hora extrema,
Quando a ultima voz que nos chamava
Repetiu balbuciando «Deus e patria»
«D'outro sol, d'outra terra nada quero,
»De meu paiz té gósto dos defeitos;
»Estrangeira pronuncia imittem outros,
»Meu assento bahiano guardei sempre,
»E lembrança dos sons da minha infancia:
»Não, não deixem meu corpo em terra d'outros.

Da fallaz illusão em seus enganos
Cuido abraçando o ar, tocar sua alma.
Do orbe o espaço attrahe o pensamento,
Qual o abysmo ao que n'elle mete a vista.
Como os corpos, o espirito procura
De seu ninho as caricias, os costumes.
Quer a côr de seu céo, quer os seus astros.
Dos Tropicos a planta se estiola,
Morre abafadas de pezadas nuvens,
Que de seu claro sol os raios furtam.
Qual filante meteóro, faiscando
Na etherea via seu phosphorio lume,
Assim foi seu espirito entranhar-se
N'abobada azulada em facho d'oiro,
E largar uma lagrima suave
Que infiltra o coração, e a dôr adoça.

Lá do fóco da luz, centro das fôrças,

Em derredor das quaes os mundos giram,
Lá na mansão do justo e da innocencia,
Ao Todo-Poderoso o filho leva
A nossa, a tua fervorosa préce,
Pelo nosso Brazil, por nossa gente.
Quanto aos olhos do pai o filho agrada!
Quantos viram o meu, bençãos lhe deram.

Homem de bronze manda o filho á morte,
E se parceiros tens, heróe te chamem,
Se da vida cortando o fio a morte
Nos matasse a saudade, esse agro-doce,
Esse laço que prende o vivo aos mortos,
Como vivera o pai, morrendo o filho?
O filho que seu pai leva ao futuro;
Continuação do pai, do nome e feitos,
O passado, o porvir, tudo está n'elle.
Arrancando de nós parte da essencia,
E a viver obrigando-nos, oh! fôra
Decreto horrivel de poder tremendo!...
Onde me arrasta a dôr? perdão! piedade!
Dôr que blasphema, não é dôr, é raiva.

Seja qual fôr a mão, qual a barreira,
Que de meu charo filho me separa,
Hei de tornal-o a vêr, a alma não morre,
Sopro de Deus, é como Deus eterna.
Só o que é falso e máo é impossivel.
Revelações ás vezes tem nossa alma
Do que ha de accontecer, nós não só vemos
Pelos olhos do corpo; mysteriosos
Mais penetrantes são d'alma os sentidos,
Quando a fim prematuro declinamos.
Quantas vezes erguendo as mãos e os olhos
Para a imagem da immaculada Virgem,
Seu angelico aspecto, me enlevava!

Punha seu coração em sua préce.

Da pia contrição necessidade
A préce é, a préce é o perfume
Que só deve incensar de Deus os passos.
Devota relação de Deus com o homem,
Meio glorioso de tratar com o Eterno,
Cadeia que suspende o pensamento
Dos mundos, e que os prende á Divindade:
Delicia, alivio d'existencia afflicta,
Privilegio sem pár com que podemos
Em lampejos de luz, a furto a vista,
Pôr no horizonte de futura vida;
Vida sem fim, e não essa que marca
Oscillações do pendulo, e que passa
Como a roda do carro, que rodando
Encurta o espaço; e nem como da nave
A prôa que após si as vagas deixa;
Gôso do coração, gôso da mente;
Eu sinto a préce elevar-se ao Empireo
Qual das flôres o aroma, qual das aves
A maviosa vóz que o bosque alegra:
O fresco orvalho qu'em neblina sobe,
Da madrugada as roupas branqueando,
De fino aljofar enfeitando Flora.
Macia viração, do quasi dia
Do sol inda furtiva claridade,
No sombrio do templo magestozo.—
Madrugada gentil c'os teus encantos
Acorda a devoção nos entes todos:
E toda natureza a Deus festeja,
Respeitozo holocausto offerecendo.
En carinhoso aveludado sopro,
Em suaves aromas, puros cantos
Que são da préce o som que sabe do peito.
As funestas idéas se esvaecem

Com a noite que foge, despertando
A mimoza da vida, a esperança.
De sublimes prodigios enlevado
Scintilantes espiritos divinos
Em religiozo arrobo o pensamento,
Entrar por todo eu, sinto devoto,
E creio absorto na immortalidade.
Quanto empenho incred'lo porque obtenhas
D'um rei, e d'um ministro uma audiencia!
Com que anhelo o colloquio de uma bella?
A préce é colloquio, a audiencia
Do Senhor dos ministros, reis e bellas.

E tu impio o que vês em tanta glória?
Em tanta luz, em tanta maravilha!
Se teus olhos se offuscam, miseravel!
Tua fraca razão o que te mostra?
Olhos que Deus não veem, vendo o universo!
Recorre n'affliccção ao teu acaso:
Tu que da préce o lenitivo arredas.
Lá vem do desengano a fatal hora,
Vem o remorso, roubo do socego,
Rasgar-te o peito co'viperio dente.
Aquelle que ao supplicio sobrevive,
Traz ante os olhos o supplicio sempre,
Furta-lhe a consciencia a sombra d'elle.
Atheo, dize em que pões tua ventura,
Patria, amigos, familia que te importam?
Sem religião o que é sociedade?
Que nexo póde haver que ligue os homens?
Se a virtude co'vicio se confundem
Se o bem premio não tem, castigo o crime?
Tanta filaucia em si, é insolencia
Que insulta a natureza, inverte a ordem:
Porque ha-de trabalhar quem nada espera?
Para quem nada espera, tudo é nada:

Quem um fito não tem sabe ser homem,
Sabe amor o que é, sabe o que é patria?
A coração de lama do que valem
Carinhos de hymeneo, mimos da prole;
Esse tecto que cobre respeitozo
Casto conchego, paz, amor, delicias?
Que é tão deserto quando falta o filho!
Imperio quem te formou? foi teu acaso,
Teu acaso que é? palavra ôca,
Refugio d'ignorante soberbia.

Dizes que não ha Deus, e existe o acaso!
Ha obra sem author! eia responde!
Eu adoro o meu Deus, tu o que adoras!
Tão nobre sentimento não conheces!
Infeliz! que te pões a par dos brutos:
Seremos fumo que se vai nos ares?
Um fantasma será essa potencia
Que inventa, que compõe? O que é o homem?
Quem fez a luz qu'oriente inunda,
E estende esse horizonte immensuravel?
Foi para em um momento confundir-nos
E nas trevas do nada submergir-nos?
Quem alçou esses picos que o sol doira?
Desdobrou esse immenso espaço de aguas?
Quem ordenou que o coração batesse,
Sem que se explique o espirito pensasse?
Amizade e amor são meros ditos?
São meros ditos, honras patriotismo?
Teu Deos são algarismos e phenomenos,
Tua revelação a natureza,
Teu Evangelho, tua biblia o instincto?
Se crês no instincto, e crês na natureza,
Porque não crês em Deus, se Deus é tudo?

Eia mostra o que sabes, das sciencias

Cuidas subir os gráos, e nunca chegas
Ao último que toca a Divinidade.
No ronco do trovão que a terra aballa,
E no rouco ribombo o ar estruge
No fuzil do relampago que silva,
No raio que crepita, offusca e estala,
No mugido do mar, relando irado,
No vento que sibila, zune e açouta,
Um poder sobr'humano não descobres?
D'onde, aos astros vem o brilho, e o curso,
D'onde do mar o fluxo e o refluxo?
Vez nas sementes arvores e fructas,
E raças d'animaes da terra, na serenidade.
Não vez a imagem na risonha noite
D'essa eterna verdade de que os homens
Turbar não podem a divina fonte?

Tu que só crês nos corpos, porque os tocas,
E que negas do espirito a existencia,
Vem ao albor d'aurora ver os campos,;
Olhar quanta alegria o sol difunda,
Sentir da flôr no aroma, de Favonio
Affaveis beijos que fugaz espalha;
Tocas a luz, os cheiros, a alegria?
E negarás seus mimos deleitozos?
Se os sentidos falhando, a crença é erro,
E se engana a razão, feliz engano,
Que faz mirar ao longe uma ventura.
A mundana fortuna transitoria
Outra melhor fortuna não promette?
Qual a terra no orbe fragmento
Attesta, e aos olhos apresenta os mundos?
O desejo constante que nos segue
É de feliz futuro uma promessa:
Felicidade, dom não é da terra,
Tem origem no céo, e não se perde:

Ha um eterno amor cuja faisca
O nosso é, e vai lá confundir-se
Nos profundos arcanos d' onde veio.
Da eternidade no fiel depósito
Tudo está, dores, lagrimas, prazeres,
Acha-se tudo qu'existiu e existe.
Quem medir póde a orbita grandiosa
Da sublime divina intelligencia,
De que nós somos minima parcella?
Sem atingir, sentindo o infinito,
Absorto perante a magestade,
Em tal aprehensão vendo o que vales,
Ajoelhado adora, pede espera—
Seu presente o desejo não preenche,
É que o porvir o quer-que-seja occulta;
O thesouro de Deus guarda o futuro;
E o que espera tem delle alguma graça?
Do feliz a expressão gostosa é «Hoje,»
Como o frio «Amanhã», pertence ao triste;
Amar é quando o coração admira,
Admirar é quando o espirito ama;
Quando é completo o amor é paciente
E' absoluto, e julga-se perpetuo.

Progresso e fim reproducção demonstram,
Nada é perfeito, tudo é transitorio,
Tudo acaba e revive, o homem mesmo
Que ufano cuida ser de Deus imagem,
Seria eterno se perfeito fôra.

Deus é mysterio, adoração, grandeza,
Omnipotencia, amor, justiça, glória,
Termo não ha qu'exprime o inexplicavel.
Tentem sophismo, pedantismo embora,
Trocando uns termos, inventando outros,
Explicar o que a mente não alcança.

Ente rasteiro pára em tua esfera.
É de tua razão curto o limite,
D'essa razão além, tudo é delirio.

Ente dos entes quem negar-te ousa?
Para em mim contemplar-te, eu fecho os olhos.
Sentindo humilde a fraca humanidade,
N'um enlevo de luz, curvado adoro
E beijo a madre terra que nos nutre.

Apezar dos esforços da impostura,
E futeis devaneios da filaucia,
Em nossos corações conserva a crença,
O sentimento religioso ainda
Nos habitos, nos usos, nos costumes.
Nas tradições que a fé tem consagrado,
A sempre-viva flôr inda se colhe;
Inda viva essa pia reverencia
Qu'ao aspecto da cruz curva os joelhos.
Desvairados espiritos nutridos
De ficções mentirosas da demencia
Riscar da consciencia em vão pretendem
A convicção de um Deus, refugio amigo
De quem, soffrendo, pega-se á esperança.
É a fé, a esperança realisada,
A fé sustenta, a esperança anima,
A caridade une consolando.
Vanglorioso sofista não arrosta
Do seu talvez tremendo a hora horrivel;
Não, um talvez não é a vida eterna.
Sem fé e sem esperança a existencia
De desesperação fôra o martyrio,
E a suspeita seus olhos envesgando
Olhára de través o juramento,
Os laços de familia, os d'amisade;
Respeito ás leis, dever, direitos do homem,

Promessas, convenções, palavra de honra,
Foram ludibrios em falaces termos:
De seu chefe o soldado duvidoso
Ao rufo do tambor largára as armas,
Nem fiando no medico o doente
Tocára a taça que saude encerra;
O duvidoso estado a paz espanca,
Nem ha satisfação quando ha suspeita:
Sem fé, sem crença, o animo franquea,
Sem caridade o coração resfria,
Apaga-se esse fogo sacrosanto
Que no seu bemfazer a Deus imita:
Murcha da vida a flôr, por Deus plantada—
Vós que mães deshumanas engeitaram,
Negando-vos um seio amaldiçoado,
D'onde o materno amor fugiu de pejo,
E vós qu'a morte deixa em orfandade,
E vós pela doença acabrunhados,
Vós honradas ruinas mutiladas
Pela ira do ferro e das bombardas,
Victimas da mizeria e do abandono,
Erguei ao céo as mãos esperançozas,
Nas filhas d'esse heróe da caridade;
Firmes na fé obstaculos não conhecem
Deixando paes, irmãos, amigos, patria;
A sua patria é lá onde outros soffrem.
Dos mares desdenhando as tempestades,
De zelo caridoso apoderadas,
Vem amimar o filho abandonado,
Dar meiguices de mãe ao orfãozinho,
Ao que chora, uma lagrima sentida;
De conforto um sorrizo ao moribundo,
N'essa muda espressão, n'esse segredo
Que a mulher só conhece, e a dôr percebe,
De paciencia, de bondade imagem,
Vós que do coração sabeis os trilhos,

Vós virtude em acção, mulheres santas,
Vinde, da caridade irmãs benignas,
Por vós espera o desvalido, o pobre,
O soffrimento, a dôr, doença e fome:
Vinde, o Brazil vos chama abrindo os braços,
Vinde, acceitai do pobre a hospedagem,
Ella é do pobre o simples agazalho.
A dôr mais que a ventura as almas liga,
Melhor do que gosar, é soffrer juntos.
A paz e a esperiencia da velhice
São os adornos que lhe ganha estima,
Dão-lhe respeito as cans, sciencia o estudo
É a velhice junto á juventude,
Sombra da tarde na manhã viçosa.

Da influencia do clima, e seus productos
Tão ricos n'este prodigo hemisferio,
Quanto d'estrellas é o céo que o cerca
Pedi ao ancião lições proficuas,
Mil segredos á analyse inda occultas,
«Pois inda que em scientes muito cabe,
»Mais em particular o experto sabe.»

Tu dos impios terror, glória dos justos
O' morte! porque em flor e tão mimosa
E tanto azinha me roubaste o filho?
Avarenta dos bons, mais alguns dias
Porque não déste ao pai, para mirar-se
Gosando o melancolico reflexo
D' esse olhar que diz mais do que a palavra
D' esse olhar que calara no meu peito?
D' esse sereno aspecto, esas mãos juntas
Por seu paiz orando, aos céos erguidas?
Nem vacilaste ouvindo os ais pungentes
Do pai, da mãe, e a supplica innocente
Da tenra irmã chorando o amor fraterno?

Porque a foice, ó Brasil não desviaste
D'um digno filho que esperava a fama?
Não sabias que joia te furtava?

Uma porção de mim, de mim sumiu-se,
Só metade da vida me acompanha;
Minam meus dias afflicção, saudade;
Como é vazio o mundo sem meu filho!
A dôr do coração aggrava tudo.
Fôra um deserto o Eden, quando fosse
N'elle a separação dos que se amaram.
A demora entre a perda e a esperança
Grato intermedio é que nos foi dado,
Para enganar o mal, bem como aos olhos
No golpe do machado, é o som que o segue:
Assim tendo perdido quem amamos
Dura a prolongação d'essa miragem,
Como quando do sol fitando o occaso
O astro já sumido no horizonte,
Sentem-se inda seus raios que esclarecem,
E cuida-se inda vêl-o radiando
Longo tempo depois dentro da idéa,
E só depois que pouco a pouco apaga
E' que julgamos ter em fim morrido:
E a morte o que é? Sumiço, olvido.
Mas do filho a lembrança acaba nunca?
O filho é outro eu, em mim reside
Fôra esquecer-me, esquecendo o filho.

Deixas da morte, restos preciosos,
Reliquias de saudade, eu vos respeito!
Esta é sua lettra, sua penna
O coração guiava amor dictando:
Estes eram seus moveis favoritos:
Seus jogos tinham sempre em patrio fito,
Que desse a seu paiz prol e renome;

Testemunhas fieis são seus desenhos,
Seu coração, seus nobres sentimentos,
Tudo era Brazil; como o vi bello
Ante a estatua do nobre mutilado
Terror de Trafalgar, d'Albión glória,
Mentiroso porvir ancho aspirando,
Pensativo exclamar «sim eu te juro
«Meu modelo serás, hei de imitar-te!!!»
Aqui brincava, ali... leito de angustias
Quanta resignação, quanta ternura!
Do justo a impavidez, a paz do santo.
Quando o espirito do corpo se desprende
Livre soltando da materia os laços,
Fulguram n'elle assomos de divino:
«Debalde procuraes guardar-me a vida
«Não deparastes de meu mal com aséde;
«Ahi está da morte o espectro, d'olhos fitos,
«C'o frio dedo aponta a eternidade.»

Saudade esperançosa que disfarças
Os pezares d'ausencia, é a morte illudes,
Que fingida doçura dás ás lagrimas,
Que n'um ai, n'um suspiro dás alivio,
Que desenhas aos olhos da memória
Meigos abraços, sitios deliciosos,
Os sitios onde bem vivemos juntos,
Onde tranquillos bonançosos dias,
Passavam como o limpido Jacuipe,
Sitios amigos que comigo choram
Tão alegres então, hoje tão tristes,
Sitios que o nascimento aformoseam,
Arvores que plantamos, esperando
Gosar de vossa sombra, vossos fructos.
Tão frondosos estaes, e onde está elle?
Vós sitios que prodigios celebraram,
E que em nossos errores visitamos,

E que a fiel lembrança entregue á fama,
Lembrando os genios que lhes deram nome,
Mais um marcara a brasileira terra
Se a morte.... Vai-te embora aflicta idéa,
Saudade, triste enlevo da ternura,
Deixa correr meu pranto, não me roubes
Fagueiras illusões, deixa-as comigo,
Não as tire de mim, são meu sustento;
Ralam-me o coração, e eu gósto d'ellas.
Dão-me frio prazer, mais não se apagam
Consome-se a memoria dos sentidos,
Mas para a d'alma não existe o tempo,
Esse poder esquecedor de tudo,
Menos da gratidão, patria, amizade.
Vem, magia da vida, vem saudade,
Co' teu segredo de animar chorando.

O amor que o dever creou no peito,
Que razão e virtude confirmaram
Um elemento faz de nossa essencia,
Que anciosos buscamos; se o encontramos
A vida é, e se nos foge, é morte:
Dentro do coração existe um molde
Qu'a simpathia preencher procura;
O meu perdeu-se na esposa, e onde?..
No tumulo ella jaz em terra estranha!
Onde esse sitio tão sanctificado?
De meus ais, meus suspiros testemunha,
Essa lousa banhada de meu pranto,
E do pranto da filha, quando juntes
Ajoelhados, mudos e convulsos
Em religioso paternal abraço,
Nossa devota préce ao céo subia?
Se longe vos deixei, sagrados restos,
Foi porque lá ficou comvosco a filha,
Penhor de puro amor, penhor querido.

Que tu casto hymineu me confiaste;
Oh! lá não ficareis, eu vou buscar-vos.
Vosso jazigo é junto ao nosso filho;
E se em vida a fortuna nos foi falsa,
Em nossa terra junte-nos a morte.
Se do destino o quero inextrincavel
Inda uma vez levar-vos, cara filha,
Ao sitio onde perdi esposa e filho,
Ide ao lugar tristonho onde ajoelhados
Confundiamos lagrimas e préces;
Lá onde juntos tanto recorremos
Com respeitoso pé da morte o estadio.
Da virtuosa mãe faze que os ossos
Aos do pai e do irmão venham juntar-se:
Não, não fique um de nós em terra estranha:
Ella que a seu Brazil idolatrava,
De patrio fanatismo glorioza,
Ella!.., Deos de piedade socorrei-me;
Resignação, conforto no abandono,
Tu coragem da dôr, do justo amiga,
Companheira fiel na desventura
Dó que a miseria cobre, que repelles
A desesperação blasfemias, crimes,
Acode-me co'teu celeste influxo.
Do velho pai e do viuvo esposo
O frio adeus perfumo de esperança.
Se ao do pai o amor supre o da patria,
O' minha patria! supre a esposa e o filho.
Venturosos esposos, pais felizes
Alegre descuidada mocidade,
Deixai da morte o merencorio estadio:
Festiva gala fuja ao mesto luto
O riso d'alegria insulta ao triste,
Mansão da morte, augusto cemiterio
Tu mostras que são dôr, mizeria, angustias
O sustento amargoso da existencia,

A! quanto observo em ti, sinto em meu peito:
Não sei que força invicta a ti me arrasta:
A dôr convida á dôr, o pranto ao pranto.
No impassivel silencio dos tumulos
Ante mirrados ossos, fria cinza,
N'essa muda eloquencia do sepulchro,
É que o seu nada reconhece o homem.
As graças, prendas que a belleza enfeitam
As bellas fórmas qu'encantavam hontem,
O que são hoje? Abri-vos sepulturas.
A vida dos sentidos dura um dia,
As illuzões no feretro se apagam
E da imaginação as vãs mentiras
Ao clarão da verdade se esvaecem:
O desengano o coração resfria.
Viver, é esperar que a morte chegue.

XLII.

(*)

O matrimonio de um Bisavô
ou
O Caramurú.

(Romance historico brazileiro.)

I.

Introducção.

Oh tu que conheces
A linda Bahia
De Todos os Santos,
Qu' ostenta á porfia

Co' as plantas, co' as aves,
Na terra baldia,

* Não pensavamos cair na debilidade de apresentar producção nossa a figurar no Florilegio. Havendo porém sido mais de uma vez interrogado acerca da forma que haviamos adoptado no assumpto do Caramurú, a que nos referimos a pag. 718 do 2.° vol. desta obra, vemo-nos obrigados a incluir esta producção, na qual, alem da rima aturada, como usavam os antigos, procuramos conservar a naturalidade, attributo essencial deste genero de composições, a que hoje em Portugal chamam *xácaras*.

Co's peixes sab'rosos
Do mar e da ria, *

C'os montes, c'os valles,
Que tempos havia
O Indio por caça
A pé percorria:—

Consente que eu conte,
Que o sei todavia,
Um conto d'amores
Que li n'outro dia.

I.

A Deserção.

Dez annos passados
Depois que á Bahia
A gente d'Europa
Aportado havia,

Uma caravella
Ali discorria,
Em busca do lenho
Da tinturaria:

Surgindo no porto,
De bordo fugia
Um pobre grumete
P'ra terra bravia,

* Ria é o nome verdadeiramente portuguez para designar o que n'alguns pontos da nossa costa se diz mar pequeno, ou aguas salgadas sem onda. Em Portugal dizem a *Ria d'Aveiro.*

—Que fazeis Diog'Alvares?
Com essa ousadia
Deixardes os vossos,...
E' quasi heresia:

«Soffrer antes quero
Qualquer tyrannia
Que o vil contramestre
Que a mim me zurzia.»

Mas outro motivo
Por certo existia:
Leitor! imagina
Qual elle seria...

Atinas por certo
Que nisso andaria
D'alguma moçoila
A feiticeria...

E como era guapa,
Toda galhardia,
A tal que a fugir
Assim o movia!...

II.

A Assaltada.

E já terra dentro
Diogo se ia;
Nem vê os perigos
De tal tropelia.

Descuidado passa
A veiga sombria

Não attende ás plantas
Nem á monteria:

Nem prova um só fructo
De tantos que via;
Tão pouco dos passaros
Ouve a melodia:

Só leva occupada
Triste a fantezia
Na que ardentemente
Amava e queria.

Eis que de improviso
A turba gentia
Assalta em magote
Com gran roncaria.

Vede o pobre amante
Se não soffreria
Com a tão inhospita,
Hostil correria!

E bem que o «pagé»
(Feitiço ou espia)
Revela os intentos
Qu' o estranho trazia.

Maldito o gentio,
Com aleivosia,
Não tarda a marcar
O festivo dia

Em que esse infeliz
Tragado seria:
E para o matar

Os gumes afia.

III.

Oratorio e amor.

E para ceval-o
P'ra carniceria,
Lh' offerece manjares
Com grã bizarria.

E dão lhe agasalho
N'uma rancharia;
Tambem o distrahem
Da melancolia;

Pois que lhe consentem
(Que galanteria!)
Que escolha uma noiva
De tantas que via.

Dar gosos á victima,
Por mais barbaria
Tal é o brazão
Da antropophagia.

A bella escolhida,
Que tal companhia
Ao pobre captivo
Agora fazia

Podeis figurar-vos
Que a mesma seria
Que tanto o presava
E ali o seguia.

De Paraguaçú
Sobrenome havia;
E' filha mimada
Do valente Uivia,

Principal da terra,
Que á filha queria
Mais que ás suas armas,
E toda a iguaria;

Mais que á sua gloria
E supremacia;
Mais que aos outros filhos
E quanto haveria.

Por não desgostal-a
O que não faria!
Matará quem fira
Da filha a cutia!...

IV.

A manifestação.

Mas chega a final
O marcado dia:
Os vinhos são feitos
E tudo é folia:

E Paraguaçú
Ao pae descobria
Que com o captivo
Fugir-se queria;

Que o ama de veras;
Que não viviria

Mesquinha sua alma,
Se o noivo morria:

Que estava com elle
Em tal harmonia,
Que ella era a só causa
Porque elle soffria.

E mais lhe revela
Que parir devia
Um filho de Diogo,
Que o céo mandaria.

E qu'o coração
Lhe não consentia,
Por ser de captivo,
Lhe matem a cria.

»Não sejas tontinha»
O pai respondia;
»Dos usos antigos
»Respeita a valia:

»Sem bailes, sem festas
»A vida enfastia:
»Sem vinho e moquem
«Não ha cortezia.»—

V.

O Supplicio.

E atado a uma corda
O noivo trazia;
E a turba o saudava,
Com grã vozeria.

Entre dois morrões
O triste prendia;
Alguem por escarneo
Uma arma lhe fia—

Então se avançava
E galas vestia,
Com plumas e contas
De mais louçania,

O fero carrasco
De cara judia,
Que se proposera
P'ra tal barbaria;

E o seu «tangapé,»
(Que assim se dizia
A espada que empunha),
A cair já ia,

Quando prêso o braço
Subito sentia;
E soltar o golpe
Por si não podia.

Qual era o novo anjo,
Que assim suspendia
Um golpe fatal,
Quem não desconfia?

Um anjo da terra
E', sem poesia,
A filha do forte,
Do valente Uitia.

Quando este tal viu,

Bem s'enfurecia,
Por ter uma filha
Que o assim confundia!

E ella ao captivo
Ai! toda s'unia;
C'os proprios cabellos
Seu corpo cubria.

«Que morram os dois!»
A turba dizia,
Outra nova turba
O voto aplaudia.

VI.

Vingança!—

«Não!» grita offendido
O valente Uivia:
E salta ao terreiro,
E arengas tecia;

Logo ao matador
De morte feria:
E a filha liberta,
E o que ella queria,

Já tem por si parte
Da tal mouraria:
Punir querem outros
Tanta rebeldia;

Eis travam peleja
Com gran gritaria;
E mal dos amantes,

Se não vence Uivia!..

A um e a outro
Ninguem resistia;
Qual mais s' esforçava
Causando avaria...

Té que, Deus louvado,
Já tudo fugia...
E livre o captivo
Abraça a gentia.

D'então em diante
Os seus soccorria,
Que a sorte ou o intento
Ahi conduzia...—

VII.

O mosquete do naufragio.

Mas quando Coutinho,
Que a capitania
De parte d'elrei
Tem desta Bahia,

Por velho e sem forças,
Nem sabedoria,
Fugir-se aos «Ilheos»
Inerme entendia,

Julgou Diog'Alvares

E a raça d'Uivia,
Valer ao bom velho,
Que aflicto se via.

Com Alv'res, Coutinho
E mais fidalguia
Então regressavam
A' linda Bahia.

Rebramava o norte;
A onda crescia;
Aguava o baixel;
A enxarcia rompia..

Amaina!.. Orça!.. Ferra!
Fatal,gritaria!.,
Ninguem já s'entende,
E o barco s'abria...

Salvos, ai! os tristes
Daquella agonia,
Nas praias da Ilha
Contraria aos d'Uivia,

Em mãos caem presas
Da cafila impia;
E que fim tão triste
Diogo teria...—

Se Paraguaçú,
Que ali tambem ia,
Lhe não dá socorro:
Com soberania.,

Mostrando o mosquete,
(Que salvado havia

Com polvora e balla
O noivo), dizia:

«Que ao homem do raio
O céo protegia
E ali o mandára
Provar valentia...»

«O raio que vêdes»
(Então proseguia)
«A morte com fogo
Ao contrario envia.»—

Pum!.. Oh que estampido
Nos ares zunia!..
No chão um «guará»
Ferido caía;

E o bruto gentio,
Co' susto fugia;
De longe é qu'olhava
P'ra tal arma esguia.

E «Caramurú,»
(Que em sua aravia
Quer como dizer
Tremelga ou enguia)

Nomeia o mosquete
E quem ousadia
De o disparar teve
Quando elle descria.

VIII.

O casamento.

Presou Diogo o nome,
Que rima fazia
C'o da guapa noiva
P'ra quem só vivia.—

Com ella ha quem diga
Que á França se ia:
O conto nem nega
Que fosse á Turquia;

Mas era christã
A tal monarchia:
Que o conto nos diz
Que a nossa gentia

O sancto baptismo
Ahi recebia:
E foi Catherina
O nome da pia.—

Tambem diz o conto
Que em certa abbadia
Tomára primeiro
A Eucharistia:—

E que, ambos, devotos,
A' virgem Maria
Fizeram promessa
D'uma romaria —

E que já bisnetos
Nosso par havia

Quando em lei da graça
A estola os unia.—

Segundo o que reza
(Se o sei todavia)
O conto de amores
Que eu li n'outro dia.—

SUPPLEMENTO PRIMEIRO,

CONTENDO ALGUMAS POESIAS MAIS

DE

AUTORES JÁ CONTEMPLADOS NOS DOIS PRIMEIROS TOMOS, E QUE SE DEVEM AJUNTAR EM OUTRA EDIÇÃO NOS LOGARES COMPETENTES.

11

BOTELHO D' OLIVEIRA.

Sobre os males originados do ouro

Canção

Os monarchas sustenta poderosos
Co'este metal prezado
Imperios opulentos, generosos;
Porém, tendo os reis imperio armado,
Executando faceis vituperios,
Tem imperio nos reis, é rei de imperios.

A justiça corrompe verdadeira
No ministro imprudente,
Quebra as regras de justo, as leis de inteira,
Pois esta fórma ao interesse ardente
Não com fiel, mas infiel desprezo
Da cobiça a balança do ouro o peso.

Inferno se padece lastimoso,
Não se logra ouro claro
Nas graves pretenções do cubiçoso,
Nos obsequios solicitos do avaro;
Um o procura, outro não goza delle,
Este Tantalo está, Sisypho aquelle!

Quando faltava d'ouro a gentileza,
A gente pobre e rica
Lograva idade de ouro na pobreza;
Mas quando n'esta idade se publica
Em contrarios motivos de impiedade,
De ferro idades fez, não de ouro idade.

Qual aspid que entre flores escondido,
Na florida belleza
Brota ao peito o veneno mal-sentido;
Assim pois na luzida gentileza
Mata o metal, matando brilhadores,
Nos luzimentos um, outro nas flores.

Profanando de Danae a vã pureza
Em chuvosos amores,
Apezar de engenhosa fortaleza,
Apezar dos cuidados guardadores,
Murchou na chuva de ouro rigorosa
O modesto jasmim, a virgem rosa.

Entre o logro da paz solicitada
A guerra determina,
Bem que ouro brilha, engeita a paz dourada;
E quando marciaes profissões affina,
A paz compra, de sorte que na terra
Guerra se vê de paz, e paz de guerra.

A natureza em vêas escondidas
Cria o metal occulto,
Quiçá piedosa das mortaes feridas;
Mas quando o desentranha humano insulto,
Da mesma vêa d'onde nasce bello
Corre logo a ambição, mana o desvelo;

O rigor se arma, a guerra se refina;

A cubiça se apura,
A morte contra o peito se fulmina,
O engano contra o peito se conjura,
De sorte que accumula o peito humano
Rigor, guerra, cubiça, morte, engano.

Canção, suspende já de Euterpe o metro,
Que em Philis tens para cantar no Pindo
De seu cabello de ouro, ouro mais lindo!

SANTA MARIA ITAPARICA

A morte do rey dom João VI

Canção funebre

Oh tu grande cidade e populosa,
Que és do Brazil metropole florente,
Hontem tão festival e tão contente,
Hoje porém tão triste e tão saudosa;
Ja sei que te moveu a este pranto,
E luto tanto,
A nova triste
Que bem ouviste,
(Oh cruel sorte!)
Da feliz morte
De teu grande monarcha, que reinando
Te foi com novas glórias exaltando!..

Essa tua continua primavera,
Privilegio do clima em que nasceste,
Bem te posso dizer que hoje a perdeste;
Não é agora ja o que antes era:
Pouco importam as arvores frondosas
E bem vistosas
Com muitas flores

De várias cores,
E as campinas
Com mil boninas,
Se toda esta frescura e esta belleza
Se confunde com pena e com tristeza.

Cruzando vão os paramos do vento,
Sem festejar o sol com melodia,
Os seus habitadores que algum dia
Faziam coro e musico instrumento,
Algum tempo se ouvira a voz canora.
Porém agora
Os passarinhos
Nos seus raminhos
Não dão recreios
Com seus gorgeios;
E só no alto silencio gemem graves
Com vozes tristes as nocturnas aves.

Esses que de crystal com prisões frias,
Ou de liquida prata com correntes,
Prendem de abril delicias florescentes,
Soltam de Flora verdes alegrias,
Todos correm ao mar de que nasceram,
Mas se poderam
Recolher a agua,
Que a triste magoa
Deste desgósto
Te traz ao rosto,
Grande parte da terra inundariam,
Porque grossas enchentes tomariam.

Correndo pelo bosque, o tigre horrendo,
Dá morte ao javali, que vai fugindo;
A voraz onça com furor bramindo
Ao cervo segue que já está tremendo:

Mas todos estes animaes ferozes
Muito velozes,
Tão matadores
E tragadores,
Ouvindo a pranto,
Que causa espanto,
As saborosas presas deixariam,
E para as suas covas fugiriam.

Tudo sem ordem e confuso assiste;
Pallido o sol com nuvens se escurece;
E no occaso tambem não apparece
A alampada que alegra a noite triste;
Só se ouvem os gemidos lastimosos
E, dolorosos
Que o sentimento
Incita ao intento;
E todo o dia,
E noite fria,
Soam as vozes do metal fundido,
Retumba o bronze a espaços repetido.

Sonetos.

Pela morte de D. João V.

I.

Aos sinos e salvas.

Esses estrondos, que da noite e dia
Fazem estremecer a esfera ambiente,
São da morte signal claro e evidente
Do Salomão da lusa monarchia.

Não só a Lusitania, que regia,
E o seu povo o chorou amargamente;
Mas tambem lamentál-o eternamente
Asia, Africa e Europa bem devia:

De Allemães, Hespanhoes, Belgas, Francezes
Compoz discordias, com saber profundo
Tão magnificamente, e tantas vezes

Que bem posso dizer (nisto me fundo)
Que não faltou o rei dos Portuguezes,
Mas que morreu o Imperador do mundo.

II.

A morte.

Morreu em fim o rei dos Lusitanos;
Mas como homem não sentiu a morte,
Como fenix morreu, que desta sorte
Acrescentou morrendo os proprios annos.

Um rei tão singular entre os humanos,
Se acabára da parca ao duro córte,
Fôra tão grande o sentimento e forte
Que causára no mundo immensos damnos

Mas como a fenix já desfalecida
Deste modo acrescenta a sua idade,
Não se sente essa morte, é applaudida:

Oh mitigue-se a nossa saudade,
Que deu o nosso rei, perdendo a vida
Tão cedo, mais augmento á eternidade.

III.

O mausoléo.

Urna pequena, americano povo,
E' para o rei dos homens a presente,
Porque é só mausoléo conveniente
O mundo todo, o velho, e mais o novo.

A coberta que tem tambem reprovo,
Pois limitada a julgo e indecente,
E só o céo azul e transparente
Por digna campa lhe consigno e approvo.

Essas tochas, que luzem cento a cento,
Poucas e escuras são, e só serviam
As estrellas, que vês no firmamento.

Aguas, que de tristeza os olhos criam,
Pequenas gotas são, que em tal tormento
Ser lagrimas diluvios só podiam.

III.

PARANAGUÁ.

Allegoria.

O rio e o regato.

A um manso regato um dia
Soberbo rio dizia:
«Desgraçado, eu te lamento
»Em teu curso pobre e lento;
»Pois fazendo voltas tantas
»Por entre rasteiras plantas
»Corres sem nome, escondido:
»Emtanto que eu conhecido
»Nas cidades mais famosas,
»Minhas ondas copiosas
»Metto, levando a abundancia
»A' mais remota distancia.

* Deste A. propomo-nos em outra edição a suprimir a integra da Primavera; deixando desta só a «saudação» Salve, etc. (p. 655 a 657), e o remate dirigido á Academia. «Salve» etc. (p. 664 a 666). Deve notar-se que de Paranaguá são as quatro oitavas que vão a pag. 97 e 98 deste tomo, e foram glosadas por Luiz Rodrigues Ferreira.

»Cem regatos orgulhosos
»De minha alliança, anciosos
»Se vem metter no meu seio
»Sem fazer um só rodeio.
»De mais eu tenho coragem,
»E nada em minha passagem
»Encontro, que eu não arrede,
»Pois tudo a meu valor cede.»
Disse; e ainda mais fallava,
Quer da sua origem rara,
Quer das suas qualidades,
Quando a taes fatuidades
Mais sabio o pobre regato
Lhe responde, e mui pacato:
«Quê, amigo! Da matriz
»Ou lago, d'onde saes,
»Não tenho eu tambem saído?
»Logo depois de nascido
»Um e outro n'esta selva
»Debaixo da mesma relva
»Nossas aguas não correram?
»D'onde é pois, que vos vieram
»Tantos fumos de altivez?
»Só o acaso é que nos fez
»Deixando o materno berço
»Correr por lugar diverso.
»Vós em terreno inclinado
»Caminhaes mais apressado
»Absorvendo estes ribeiros
»Que em vós se mettem ligeiros
»Vossas aguas engrossando.
»Eu ao longo costeando
»Estas formosas collinas,
»Minhas aguas cristallinas
»Conduzo tranquillamente
»Mas por isto, francamente,

»Julgaes ser mais, do que eu, nobre?
»É verdade que mais pobre
»Eu sou de agua, porém ella
»Não é clara, pura e bella?
»Vós causaes o medo e espanto
»Por onde passaes, emtanto
»Que eu com murmurio sereno
»Regando mais de um terreno,
»Fertilizo estas campinas,
»Sem causar essas ruinas,
»Que por vós causadas vejo:
»Antes, sempre bemfazejo,
»Até que a minha corrente
»Se confunda finalmente
»N'esse mar vasto e profundo,
»Onde um dia, sem segundo,
»Tocando os mesmos extremos,
»Ambos junctar-nos devemos.»

A Rosa.

Bella rosa,
Que vaidosa
Vaes ornar o niveo seio
Que faz todo o meu enleio,
Se maligno
Teu destino
Quer que as bellas companheiras
Mais não vejas nas roseiras:
Outras rosas
Mais formosas
Tu verás nas lindas faces
Sempre frescas e vivazes.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Ah! consente,
Que um ardente
Beijo imprima n'esta folha;
Toma-o antes que eu te colha.
Quando a bella
Vires, e ella
Te beijar, seus labios logo
Sintam d'elle todo o fogo.
Mas já Flora
Triste chora!
Mais os seus jardins não ornas,
Mais aos seus jardins não tornas.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Lá no meio
D'esse seio
Tens teu throno qual convinha,
Pois das flôres és rainha.
Porém tremo
Todo, e temo
Que um rival tenha a lembrança
De ir roubar-te por vingança
Um espinho
Teu damninho
Lhe reserva então, prompta.
Fere a mão, que assim te affronta.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Se ao ferires,
Tu sentires
Que seu seio não palpita,
Tem por certa a tua dita:
Se se enfada,
Magoada,
Morre logo; pois receio,
Morras fóra do seu seio.
D'esta sorte
Com a morte
Tens ao menos a ventura
De ter n'elle a sepultura.

Vai, ó rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
N'esse altar que um céo resume.

Cançonetas.

I.

O Beijo.

O mel, que das flôres
A abelha extrahíra,
Não vale a doçura
De um beijo de Elvira.

O aroma que exhala
A rosa, que abrira,
Não vale o perfume
De um beijo de Elvira.

O arpejo mimoso
Da harmonica lyra,
Não vale o ruido
De um beijo de Elvira.

As chammas do raio,
Que rapido gyra,
Não valem o fogo
De um beijo de Elvira.

O nectar, que aos deuses
Langor terno inspira,
Não vale a embriaguez
De um beijo de Elvira.

II.

O retrato.

De amor por ordem
A Marcia bella
Em fina téla
Vou retratar.

Vós, que ao redor
Lhe andaes nas tranças
Co'as auras mansas
Rindo a brincar:

Subtis amores,
Deixai-as ora;
Ide da amora
A côr buscar.

Pintar com ella
Quero o cabello,
Que a vista ao vel-o
Faz enlear.

Os longos fios
De quando em quando
Vereis fluctuando
Prisões armar.

A lisa testa,
Feliz assento
Do pensamento,
Vê-se alvejar.

Para ella a côr,
Que a tem assim,
Do mogorim
Vinde-me dar.

Bem como estrellas,
Que o Céo adornam,
Idéas a ornam,
Menos de amor.

Não vos esqueçam
Purpureas rosas
Para as formosas
Faces corar:

Faces aonde

Tenta o desejo
Timido bejo
Ir assaltar.

Mas vós de assombro
Paraes, amores?
Ide os fulgores
Ao sol roubar.

Ide, que eu quero
Pintar-lhe os olhos,
Que podem mólhos
De settas dar.

Ah! té parece,
Que já se movem,
Que d'elles chovem
Farpões ao ar!

A bocca breve,
Que é toda mel,
Falta ao pincel,
Com que imitar.

Desmaia o cravo
Morre o carmim,
Onde o rubim
Só tem lugar.

Trazei-me pois
Os do Oriente
Filhos do ardente
Raio solar.

E logo um riso
Dos labios nasça

Com tanta graça,
Qu' obrigue a amar.

A voz mimosa,
Ou cante ou falle,
Aroma exhale,
Perfume o ar.

Dos alvos dentes
De fino esmalte
A luz resalte,
Que faz cegar.

Para imital-os,
Como careço,
Perolas peço
De Manaar.

De fino jaspe
Brancos pedaços
Roliços braços
Venham formar.

Braços tyrannos,
Que prisões negam,
E se se negam,
É por zombar.

Porém que estranho
Suave enleio!
Quem é que o seio
Póde pintar?

Quem, sem convulsos
Sentir effeitos,
Os niveos peitos

Ousa encarar?

Numes dos céos,
Vós que os fizestes,
Vinde-me prestes
A mão guiar.

Já do marfim
Dous globos tomo;
Vou-lhes de pomo
A forma dar.

Limões, que tremem
N'um ramo, imita,
Quando palpita
O niveo par.

Da vista encanto,
Prazer do tacto,
Nobre recato
Sabe-os guardar.

Sómente é dado
Ao pensamento
O atrevimento
De os contemplar.

Vou pois... mas céos?
Que mão cruel
Ora o pincel
Me vem tirar?

Tyranno amor,
Se era teu gôsto
Este composto
Não acabar;

Não me incumbisses
Empreza assim;
Mas eu, teu fim
Sei penetrar:

Sei que não queres
Que acabe a obra,
Porque o que sobra
Póde matar:

Mata-me embora,
Mas deixa aó menos
Os pés pequenos
Delinear:

Pés, a que leda
A flôr mimosa
Se dobra anciosa
Para os beijar.

IV.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA.

Odes

I.

A' Poesia.

Não os que enchendo vão pompózos nomes
Da adulação a boca;
Nem canto tigres, nem ensino a feras
As garras afiar, e o agudo dente:
Minha musa orgulhoza
Nunca aprendeu a envernizar horrores.

Genio da inculta patria, se me inspiras
Acceso estro divino,
Os porfidos luzentes não m'o roubam,
Nem ferrugentas malhas, que deixaram
Velhos avós cruentos:
Canto a virtude quando as cordas firo.

Graças ás nove irmãas! meus livres cantos
São filhos meus e seus!
A lauta meza de baixela d'ouro,
Onde fumegam siculos manjares,

Do vulgo vil negaça,
Mal comprados louvores não me arranca.

Divina poesia, os alvos dias,
Em que pura reinavas,
Já fugiram de nós.—Opacas nuvens
De fumo os horizontes abrazando,
A luz serena offuscam,
Que sôbre o velho mundo derramaras.

A' sede d'ouro, e á vil cobiça dados
Os filhos teus (ingratos!)
Nas niveas roupas tuas aljofradas
Mil negras nodoas sem remorço imprimem.
Mascarada lisonja,
Fome, baixeza os venaes hymnos dictam,

Então que densos bosques e cavernas
Os homens acoutavam,
Pela musica e dança acompanhada
Benefica poesia a voz alçando,
Do seio da mãe terra
Nacentes muros levantar fazia.

Então pulsando o vate as cordas d'oiro,
A populoza Thebas
Altiva a frente ergueu, ao som da lyra;
E os horridos costumes abrandando
A sentir novos gozos
Aprende a feroz gente, bruta e cega.

Assim Orpheo, se a doce voz soltava,
Os Euros suspendidos,
O rio quedo, as rochas attrahia:
E os raivozos leões e os ursos feros
Manso e manso chegavan

A escutar de mais perto o som divino.

O selvagem que então paixões pintava
Com uivos e com roncos,
Pelas gentis camenas amestrado
Os ouvidos deleita, a lingua enrica,
E com sonoro metro
Duraveis impréssões grava na mente.

Qual a tenra donzella branca e loira
Da Paphia deusa inveja,
Os olhos côr do céo, vermelha a face,
O peito faz sentir que não sentia;
Assim musas divinas,
Corações bronzeados ameigavam.

Entre os frios Bretões, e os Celtas duros
Reinaram as camenas.
De pó, de sangue, de ignominia cheios
Mostra os vencidos Ossians á patria;
E a frente coroando,
Canta os triumfos, canta a propria glória.

Qual das aves magica harmonia,
Que a primavera canta,
Assim teus feitos, grandes e sublimes,
No dia da victória, herculeo Fingal,
Teus bardos celebravam,
E a testa sobrançuda desfranzias.

Soberbos templos teve, teve altares
Na Grecia a poesia.
Genios brilhantes! seus antigos vates
Os sociaveis nós, uteis e doces,
Humanos apertaram:
Simples e poucas sabias leis fizeram.

A frente levantar não se atrevia
O fanatismo ferreo;
Co'a gotejante espada dos altares
Arrancado, vermelho sangue quente,
Que lagos mil formára.
Dos propiros filhos não vertia à terra.

Nem absurda calumnia perseguia
A razão e a virtude...
Se a terra via, via heroicos crimes.
Tu monstro horrendo, horrendo despotismo,
Ah! sobre ti cahiram
Accesos raios, que na mão trazias.

Maldição sobre ti, monstro execrando,
Que a humanidade aviltas!
Possam em novos mares novas terras,
Por britannicas gentes povoadas,
Quebrados os prestigios,
Os filhos acoitar da liberdade?

Então a fome de oiro, mãe de crimes,
Negra filha do inferno,
Não tinha o braço matador armado
Do tyranno europeo.—A Africa adusta,
E a doce patria minha
Seus versos innocentes entoavam.

Vós lhes dictaveis, heliconias deusas,
Ternos versos chorosos
Do doce amigo morto á sombra ausente!
Outras vezes as vozes levantando,
A glória dos heroes
Em choréas energicas cantavam.

Então nascendo altiloqua epope

Celebra os semideuses:
Tal da Grecia recente em alvos dias,
A trombeta embocando sonorosa,
Fez ver á luz Homero,
Que depois imitaste, augusta Roma!

Não mil estatuas de fundido bronze,
Nem mármores de Paros
Vencem as iras de Saturno idoso:
Arrazam-se pyramides soberbas,
Subterram-se obeliscos,
Resta uma Illiada, e uma Eneida resta!

Qual rouca rã nos charcos, não pretendam
De mim vendidos cantos.
Se a cythara divina me emprestarem
As filhas da memória, altivo e ledo,
A virtude cantando,
Entre os vates tambem terei assento.

O poeta desterrado.

O' lyra brazileira, que inspiravas,
Com teus hymnos, no peito amor de glórias:
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro
Já não accendes de Mavorte o fogo:
Nem cantas os trophéos da patria amada
Com magica harmonia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
De secco ramo; ou temperada agora

Em tom mais brando, vai soar tristonha
Em acanhado estylo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se procurando lenitivo á magoa,
Sob a copada rama solitario,
Enseja amor na lyra.

Um mavioso coração afflicto
Que abandonado em terra estranha geme,
A qual recorrerá propicio nume
Senão a Venus meiga?

Mas a causa, que a alma ora lhe agita,
É tambem de Narcinda a santa causa:
Da terna lyra os sons enchem-lhe o peito
De dôr e de saudade.

Os suspiros que a lyra aos ares manda,
Ella com suspiros accompanha:
São sorrisos da lua, que embellece,
Da negra noite o manto.

Não do regato o placido susurro,
Nem o travesso zephyro, que esperta
Do lethargo da sombra a flôr cheirosa,
Ao pastor é mais grato!

Fresca e gentil, qual matutina rosa
Pelas gottas de maio rociada;
Assim do teu dilecto olhos e peito
Arrebatas sorrindo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se ainda se acolhe de Narcinda ao seio;
Pois no meio do sonho dos amores,

Tambem co'a patria sonha.

Para a molleza não nasceu o vate:
Em ditosos dias chammejava,
Sua alma ardente, do heroismo cheia,
Quando uma patria tinha!

A corda que sicia docemente
Sobre a doirada lyra malfadada,
Outr'ora ousou curvar arco guerreiro,
Vibrar rapida settá:

Os labios, que ora movem molles versos,
Já levantar souberam da vingança
Grito tremendo, a despertar a patria
Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a glória!
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brazil, hoje emmudeee
Entre grilhões e mortes!

Sobre suas ruinas gemem, choram,
Longe da patria os filhos foragidos:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil, infame bando.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se aos lares seus não volta acicalado,
Subito ferro afogaria o grito,
Que pela patria erguesse.

Ali da santa liberdade os filhos,
Esses poucos, que restam, fugidos
Vivem inglorios; pois as honras dão-se
A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vedes
Que o facho horrivel, que allumia a senda
Das falsas honras, accendeis no fogo
Que abraza o Brazil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia,
E calca aos pés o merito e virtude,
Uma lagrima se quer não vos arranca
A terra, em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas!
A táça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas
Da Cisplatina plaga.

Suspirai pelo céo, morrei no inferno
—Contentes, paz e glória de vós fujam
Como as aguas de Tantalo fugiam
No Tartaro dos Gregos.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate
Si a Paphia deusa algum consolo pede
Si a aguda dôr, que pela patria sente,
Sonha abrandar um pouco!

Que um raio de esperança o fado accenda,
Que um relampago só penetre as trevas,
Que o seu Brazil envolvem, n'esse instante
Em pé se alçará forte!

Então seu coração no altar sagrado
Da liberdade, deporá ligeiro
A branda lyra—então com nova murta
Coroará a espada.

Oh! quanto é forte um vate, se nutrido

Entre perigos foi Se denodado
Da morte os brados retumbar ouvira
Com não-mudado rosto!

Que um Trasybulo novo se levante
C'um punhado de heróes, á tyrannia
No ensanguentado throno já lutante
Cahirá aos pés exangue.

Mas em quanto o Brazil adormecido
Brilhantes dias renovar não sabe,
Repita ao menos o seu nome amado
A lyra dos amores.

Da dôr profunda, que a seu vate opprime,
Extranhos se condoam; e os suspiros
Da lyra, que através dos mares voam,
Façam chorar a patria.

Adeus, ó lyra; basta: já se embruseam
Cada vez mais os ares:—sombra espessa
Involve em torno a placida ramada,
Em que teu vate geme.

Fica pois suspendida d'alto cachopo:
Nem mais afflicta mão as cordas fira:
Ao murmurio da fonte só responde;
Os zefiros te movam;

Aos apartados echos da collina
Muda teus sons; e do pastor a gaita
Fremito doce em ti sómente excite,
Ou zunidoura abelha.

Adeus emfim, adeus, lyra piedosa!
Ah! quantas vezes o teu pobre vate

Ameigava comtigo a dôr profunda
Em desveladas noites!

Se tantos males supportou constante,
A ti o deve, ó lyra—já não pódes
Ora mais consolar dobradas magoas!
Adeus, em paz descansa!

III.

A sepultura.

Ali repousa o divinal poeta,
No tumulo! ali donde mansamente
A descansada vaga temerosa
Se arreda com respeito,
Vós singelas bellezas da natura.
Ah! vinde, levantai-vos,
E ornai do vosso vate a sepultura.

Ali n'aquelle fundo verde leito
De juncos murmurantes enterrada
A frauta está, que annosos troncos duros
Attrahia ligeiros.
Ah! quem tiver o coração afflicto,
Em tristeza ensopado,
Visite uma e mais vezes seu sepulchro!

Aqui tenros mancebos e donzellas
Mil lagrimas darão ás cinzas frias;
E em quanto seus sons tristes o contorno
Encherem de amargura,
Á compaixão c'os olhos desvellados
Crerá que ainda lhe escuta

Suas meigas palavras derradeiras.

Melancholica saudade quantas vezes
Lá pela margem vagará pensando,
Em quanto a fronte adorna o patrio rio
De vernaes grinaldas!
E quantas vezes golpeante remo,
Nos ares supendido,
Tranquillos deixará seus gentis manes!

Quando o prazer e a festival saude,
Fugindo das cidades se retiram
Aos prados geniais, onde lascivos
Os zefirinhos folgam,
Triste amigo a cabana descubrindo
Entre a varia paisagem,
A face regará com pranto justo.

Mas tu, vate getil, que friamente
O campesino humido leito habitas,
De que te hão de servir lugubres tristes
Que afflição entôa?
De que te hão de servir lagrimas tristes
Que amorosa saudade
Chora debaixo de ligeira véla?

E inda haverá mortal desasisado,
Que sem temor os olhos seus demore,
Sobre pálido tumulo sagrado,
Que lá reluz ao longe?
A' vista delle, doce vate, morre
Toda a alegria minha,
Morre o prazer da amena primavera...

E tu paterno rio despresado,
Cujas margens tristonhas desamparam

Que tristes vão seccando,
Ah! da vista me tira aquelle outeiro,
Cujas humidas fraldas
O sepultado caro vate encerram.

Murchos já vejo os valles florescidos!
Habitação de barbaras napêas!
Que opaca noite escura vem cubrindo
Esta vista solemne!
Inda uma vez, amada sombra ausente,
Da candida natura,
Inda mais esta vez, Adeus filhinho!

IV.

Ao Senhor dom João VI.

1820.

Co'a santa paz, com teu benigno mando,
A fera esfaimada, mansa ameiga
O timido cordeiro.

O infante que apenas lava os beiços
No leite maternal, teu doce nome
Já repete risonho:

Faz chover tua mão celestes dons,
E vaza mil venturas, qual chuveiro
Por Boreas sacudido.

E os vastos campos, que avisinha o Prata,
Ora de mato e d'herva mal vestidos,
Serão jardins do Edem:

Mas seo colono ibero nos provoca,
Nossos ginetes beberão com gosto
Do sangue as aguas tintas.

Da reluzente espada, teus paulistas
Irão sobre os rebeldes sacudindo
Apinhoadas mortes.

E Mavorte, que em sangue ensopa as fauces,
Fará seus membros vis pasto de tigres
E de famintos corvos.

V.

Ao principe regente de Portugal.

Rasgando o véo de trevas,
Esparge aurora as matutinas rosas;
Assim divina Urania, quando os deuses
No Olympo diamantino em largo gyro
Os extaticos cantos escutavam
Que a lyra acompanhava,
O mesmo padre Jove desfranzindo
A fronte sobrancenda,
Os ouvidos fitáva
Banhados em riso; em jubilos nadava...
A mim, não as corôas alcançadas
Na pythica carreira,
Que Pindaro cantára
Móvem meu estro, — Só quando celebras
Os heroes sobrehumanos,
Que virtude e sciencias embalaram;
A quem povos amaram,
Então deitando mão da lyra d'oiro,

Da lyra, que me deras,
Qual de Cumas a horrisona caverna
Retumba em torno c'o furor divino;
Assim, ó musa, de teu nome accesa
Chameja a mente, ferve todo o sangue...
E ledos hymnos, filhos teus, voando
Os ares vão cortando!

Ah! quem não sente estremecer-lhe o peito
Ouvindo os cantos dos Argivos Cysnes,
Odio das musas é—Odio de Jove!
Teu nome amado
Alados hymnos levarão sem susto
Ao templo da memória
João do Brasil, glória, esperança!
E pois que Apollo, e tu divina Urania,
Prenhe de dons eternos
Puro regaço sobre mim vazastes,
Com mão segura de mil novos cantos
Rico feixe ajuntemos,
Com que lhe a frente heroica coroêmos.

Mas que scena funérea
Ante meus olhos se abre!
Eis o Tejo tristonho, reclinado
O corpo sobre a urna,
Das Tagides cercado,
Assim o ar povôa de queixumes!
«Já fui Tejo! já fostes Lusitanos!
(E pára um pouco) ó dias!
»Dias de Henrique, Manuelinos dias!
»Já fugiram da patria!
»Os lenhos portuguezes
»Que cem mares arando não trilhados,
»Tres mundos arredados,
»Por cima de milhões de insanos medos

»Ousados conquistaram
»E as quinas indomitas plantaram,
»Minhas margens não saudam.—
»Mil piraticas quilhas
»Do Gallo, do Bretão, do Escandinavo
»Aporfiadas roubam
»O oiro e o sangue da indolente Lysia!
»Meu nome augusto que infundia outr'ora
»A' terra toda espanto,
»Hoje apenas se ouve no Universo.—
»Cumpriram-se os destinos:
»Foi victima de crimes Lusitania!»
Assim falou.—E na torvada mente
Revolve um grão tropel de ideas cento
As Tagides chorosas
Se arremeçam ao Deus, e tentam meigas
Amaciar-lhe a magoa:
Mas a magoa que sente
Vive no peito impressa eternamente.

Ah, sim! já fomos Lusos,
Prole somos de antigos semideuses!
Eis de arredadas terras busca a patria
Rico de noções mil, rico de glória
Aventureiro Pedro!
Eis se electriza a mente mais que humana
Do creador Henrique!
A um seu acêno só, ergue-se em pé
Navegação altiva!
Na frente os murchos loiros reverdecem-lhe.
Nunes, brilhante de saber profundo,
A douta penna empunha,
E da rica Astronomia as fontes abre.
Então abarca no pejado seio
A bella Lusitania, que remoça
Em ardimento e glória,

Sabios estranhos e varões ousados,
Que transpondo do inerte patrio sólo
O vastissimo deserto,
Encontram nova Patria e asylo certo.

Lusas soberbas Argos
Vão lustrar novos ceos, e novos mundos
Acama-se o Oceano respeitoso
Ante estranhadas prôas;
E o douto astrolabio, que reune
Os mundos, o universo inteiro abre
De mil nações diversas
O mar dissociavel e oliame.—
Colombo, que Lysia ensina e nutre,
Vai embicar n'um mundo,
Que do Tártaro filhos, negros monstros
De crimes assellaram.
Eis o Gama afrontando infindos p'rigos
Ao berço se abalança
Da Aurora apavonada!
Domam os gelos da Hudsonia costa
Corte Reaes ousados.—
Dos inclytos heroes se expande o peito;
E rompendo as prizões da estreita patria,
Vão respirar um novo ar immenso!
Gravidam-lhes a mente desmedida
Novos climas e leis, novos costumes;
Mil novas producções, mil novos entes.
Mas ó ceos, que transtorno!
Louco mancebo! aos crús alfanges mouros
Dar vás da gente miseranda o collo!
Velho desasisado! ergues fogueiras
Contra a patria, que entregas
Do ibero leão ás impias garras!
O Netos desgraçados,
O' inclytos trabalhos mallogrados!

Mas Jove ama a justiça, e pune os crimes:
Nem sempre o céo é surdo
Dos miseros mortaes ao pranto e aos ais.
A patria que gemêra agrilhoada
Pelas armas e ardis do Ibero infame
Doze lustros inteiros,
Já levanta a cabeça;
E beija a mão libertadora e santa
Do inclyto Bragança.
João o Quarto, Jozé, Maria Augusta
A quem leão ibero não assusta,
Da Lusitania as lagrimas enxugam:
Acham nelles asylo
A razão, a virtude, as artes bellas.
Já sobre a Lusitania vai raiando
Brilhante luz, de novos bens presaga.
Mas, ó Fado cruel, que scena horrivel!
Infame negro monstro,
Que o inferno criou, nutriu, cevou,
A bella Lysia esmaga;
E a luz, que já raiava, abafa e apaga.
Qual túrgida torrente,
Que precipite cae da rocha ingreme,
Tudo súbito alaga:
Assim das furias o esquadrão cerrado
Sobre Lysia caiu.
Em gomo mata as debeis esperanças
Gallicano granizo.
Eis fusco véo de nuvens atras, grávidas
A Lusitania envolve.
Liberdade, razão, virtude e honra,
Filhas do céo! ao carro maniatadas
Levam de rojo as furias-foragidas;
As artes perseguidas
Pávidas fogem.—Nas campinas áridas
Não brincam prazenteiros

Co'a loira espiga os zéfiros travessos:
Filhas do inferno impias
Abafaram de Lysia os novos dias.

Justos benignos deuses,
Deuses outr'ora aos Lusos favoraveis,
Basta de males, basta!
Ouvi os rogos que do peito arranco!
Que súbito portento!
Rasgando os ares que d'amor se accendem,
De Jove omnipotente ao solio eterno,
A Paphia deosa vôa.
Qual depois de borrasca negra e horrenda,
Branquêa os cumes destrançada aurora,
E a creação remoça:
Assim ao ver a bella Cytheréa
O Olympo exulta e goza.
Eis chega a Diva ao pai: Jove estremece,
E para a abraçar do solio desce.

A criação.

La sobre um alto do nascente mundo,
Donde as aguas tremendo recuaram,
Quando ouviram a voz do Deus do raio,
Poderoza energia discorrendo
Por entre a denegrida humida terra,
Que do abysmo a cabeça levantava,
Organizados, moveis entes cria,
Viçozas plantas, de que o globo pasma!
Pelos ventos aromas mil espalham
Os verdejantes ramos seus diffusos,
Que do ar expansivo a vida tiram:

Os zéfiros brincões dependurados
Alegres batem as lascivas azas.
Já d'entre o firme verde labyrinto
Voam, cortando o ar, canoras aves:
Entoando canções em seus gorgeios
Ledas saúdam a menina aurora.
Então amor de prole em laço estreito
As une todas. Laços que natura
Forjou para os viventes, meigos laços,
Que em vão intenta ferreo fanatismo
Quebrar d'entre os humanos, Deus piedoso!
Eis pelo novo campo vem saltando
Animaes de cem formas, cem figuras!
Lá da noite do nada, em que jaziam,
Deus lhes faz ver a luz; a luz que tinha
Do esteril cháos fecundado o seio.
Ah! de prazeres mil gozam contentes.
Que natureza liberal derrama;
Nem austera razão, injusta e fraca
Os atormenta com seus vãos remorsos.
Porque teu braço aqui não suspendeste,
O' sabia, compassiva divindade?
A criadora mão parar devera.
Pobres humanos, ah! porque os geraste?
Leves momentos em prazer gastados,
Que os crimes avenenam, sepultados
Jazer deviam no vazio nada!
Nos campos geniaes de Edén formoso,
Gentil morada, que nos destináras,
Ligeiro somno apenas encetaram
Nossos primeiros paes, a quem o fado,
Invejozo! segou em flor os gozos.

Então o negro averno, impio e tirano,
Das sujas fauces vomitou sanhudo
Cerrados esquadrões de horrendos males,

Mil sanguinosos malfazejos crimes.
O filho infame, bravejando de ira,
No sangue maternal ensopa os braços;
E pensa, ó meu bom Deus, qu'assim lho mandas!
Eis la na costa d'Aulide saudosa
C'o vivo sangue de Ifigenia bella
As sacras aras da triforme deusa
Manchou deslumbrada a Grega frota.
Ao vento dadas as madeixas d'oiro,
Cingida a frente de sagrada faixa
Ao altar se avisinha. O sacerdote,
Em alto alçando o barbaro cutello,
O golpe lhe prepara. Ternas gotas
A dôr espreme dos bisonhos olhos:
Cruel, suspende o golpe: e de que serve
Para ventos domar sangue innocente?
Triste Ifigenia, misera donzella!
Em vez dos laços de hymineo suaves,
Que amor compadecido lhe tecia,
De surdos deoses victima cruenta
Cega superstição a sacrifica!
Lá de Haiti nas praias assustadas,
De ver cavados lenhos, que orgulhosos
Cerram em largo bojo espanto e morte,
Desembarcam ousados homens-monstros;
E apóz o estandarte correm, voam;
Que fanatismo, que cubiça alçaram,
Imbelles povos, Indios innocentes!
Do armado Hespanhol provam as iras.
Que Deus fizera um mundo crem os tigres
Para ser preza sua. Em toda parte
Americano sangue, inda fumando,
A terra ensopa, e amollenta as patas
Dos soberbos ginetes andaluzes.
Deus do Universo! a natureza freme,
E de horror na garganta a voz se prende!

Tiranos europeos! e tanto póde
Esse loiro metal divinizado!
E tu, que os crimes dos mortaes conheces,
Deus piedoso, Deus que nos criaste,
Porque cruentas mãos livres lhes deixas?
Devias antes seus nefandos feitos
Manso atalhar, do que punir irado!
E se para o castigo é que os consentes,
Sendo punidos, deixam de estár feitos?
Se a maquina imperfeita não regula,
O artista é só culpado, que não ella.
Ah! se a obra de túas mãos benignas
Rebelde havia ser a teus preceitos,
Antes, ó Deus, antes a não formasses:
Criar folgaste eternos infelizes?
Que perspectiva horrenda! densas nuvens
O horizonte da razão me embruscam!
Immenso abysmo me rodéa todo!
Fraca razão humana, chãos vasto
De orgulho e de cegueira, oh! não presumas
Misterios penetrar a ti vedados:
Ama os homens e a Deus: isto te basta.

O Brasil.

Que é isto, ó musas! porque a lyra empunho,
A lyra que ao silencio consagrara?
De novo os labios não molhei nas aguas
De Aganippe e Castalia do Parnaso
Não dormi, nem sonhei! Porque estro santo
Me inflama a mente de Apollineo fogo?
Mas eu já vejo o numen que me accende.
Es tu, ó bom João: teus são meus versos;
Gratidão m'os bafeja, a patria os pede.

E tu, João Augusto, ouve estes versos,
Que o Brazil me arrancou do experto peito;
E lança um volver d'olhos piedoso
De amor paterno, sobre a nova China
Que teus Lusos povoam, fertil, rica
Sobre tudo o que vê o sol doirado,
Quando nasce e se põe! Teu é inteiro,
Desde o longo Pará ao largo Prata
Este immenso paiz, mimo do céo!
Que deve merecer-te amplos cuidados.

Não te enganem com vil hypocresia
Astutos cortezãos, sombrios bonzos,
E os que nos molles vicios ser afectam
«Albuquerques terriveis, Castros fortes,
»Em quem poder porém já tem a morte.»
Mas em torno de ti te adejem brandas,
Filhas do céo! Verdade, sã justiça,
Meiga e candida paz, risonha Flora,
Ceres, Pomona, os Sylfos bemfazejos
Que os tesouros te abram, entranhados
Nas vastas serras, nas impervias matas.
Illumina teus povos; dá socorro,
Prompto e seguro, ao Indio tosco, ao Negro,
Ao pobre desvalido.—Então riqueza
Teus cofres encherá. O mar inchado
Verás manso acamar-se, como otr'ora,
De novos argonautas ante as proas:
Verás o Genio da gentil botanica,
A quem a bemfeitora medicina
Corteja, e acompanha a agricultura,
A corôa enramar-te de mil louros:
A criadora chimica escoltada
Das artes todas; verás o rico seio
Revazar sobre ti, sobre teus povos
Dos tesouros que o patrio solo encerra.

Mas hoje justo é que te offereça
A nova Lusitania agradecida
Grinaldas mil de immarcesciveis flores,
Que amor e lealdade te hão tecido.
De jovens e donzellas chóros cento
Com ledos hymnos seus troam os ares;
E bemdizem-te hoje, ó rei Augusto,
Porque commércio e industria tu lhes abres;
Tu lhes dás novas leis e novos foros:
Tu lhes ensinarás a arar a terra,
Os rios navegar, rasgar os cerros;
Porque despedaçando vás benigno
A immunda vestidura da pobreza;
E de brutos farás homens e heroes!

Uma tarde.

Como esta mata escura está medonha!
Não é tão feia a habitação dos Manes!
Este ribeiro triste como soa
Por entre o pardo emaranhado bosque;
E como corre vagorozo e pobre!
O sol, que já se esconde no horizonte,
O quadro afeia mais.—O vento surdo
De quando em quando só as folhas move!
A rouca voz pararam temerozos
Os esquivos «jacús» nos bastos galhos
Cheios de «caraguataes» das «cupiubas».
Das azas vai lançando a fusca noite
Terror gelado; o grito, agudo e triste,
Nos velhos «sapezaes» dos verdes grillos
Somente soa; e o ar cheio de trevas,
Que as arvores augmentam, vem cortando
Do agoureiro morcego as tenues azas.

É este da tristeza o negro alvergue!
Tudo é medonho e triste! só minha alma
Não farta o triste peito de tristeza!

Anacreontica.

Os brincos, as meiguices,
Os arrufos, os risos,
Os odios e caricias,
Termos, «quindins,» denguices,
Eu já cantei d'Almira;
Ah! faze, meiga Venus,
Que ella me dê amores,
Já que lhe dei a lyra.

A Nize.

O rosto de Nize amada,
Se c'os meus seus labios toco,
Surrindo-se envergonhada,
É qual matutina rosa
Pela aurora rociada.

Outra.

Pretendes encubrir, ó nescio amante,
O amor em que ardes todo,
Quando suspiras, e andas delirante!
Se assim não fôra, o doce murmurio
Desta fonte, que Nize outr'ora honrara,
Nunca teus olhos humidos tornara!

V.

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

I.

A tempestade.

Fraco batel em tormentosos mares
Vou sem vela, sem leme, e sem piloto:
O turbulento Nóto
Revolve as ondas, e as eleva aos ares,
E Boreas, que em tufoens subir costuma,
Borrifa os astros co' a salgada espuma.

O feroz Euro, o Africo atrevido
Quebram ferrolhos, e prisoens eternas
Nas Eolias cavernas,
D'onde saem com horrido bramido,
Varrendo e devastando em dura guerra
As campanhas do mar e os fins da terra.

E' este o váo, o rouco váo, que habitam
Surdos naufragios, e implacaveis medos:
São estes os rochedos,
Que o vasto golfo sorvem e vomitam,

E já sobre os perigos horrorosos
Ouço da infame Scylla os caens raivosos.

Turba-se o ar, as nuvens se amontoam
Da negra tempestade ao fero açoute:
Do Erebo surge a noute,
O horror e as sombras: os rechedos soam
Estala o Ceo, e o raio furibundo
Desce inflammado a ameaçar o mundo.

Ao clarão do relampago apparecem
No fundo pégo de Nereo as cazas,
E sobre as fuscas azas
Das grossas nuvens os chuveiros descem;
E em tanto, ó lenho, combatido tocas
As estrellas no Ceo, no abismo as phocas.

O' Genio tutelar, Astro brilhante,
Que enches de luz o Imperio lusitano,
Aparta o fero damno
Da destroçada quilha fluctuante,
E o fragil resto do batel quebrado
Toque feliz o porto desejado.

E em quanto alegre a inclita victoria
Vai seguindo os teus passos, e a piedade,
A candida verdade,
As graças, a justiça, a fama, a glória,
E o prazer immortal, que o Ceo reserva
Ao real coraçáo, que a paz conserva:

Ergue benigna a mão, Rainha Augusta,
A poderosa mão. a quem adora
E teme o occazo, a aurora,
Os frios polos, e a região adusta;
Ampara o novo Genio Americano,

Que sóbe a par do Grego e do Romano.

Sobre o Ménalo as Muzas o educaram
Para cantar a glória dos monarcas:
Mas logo o tempo, e as Parcas
Negro fél nos seus dias derramaram,
Falta o suave alento á curva Lyra,
E já cançada de chorar suspira.

Voa, canção, á nobre foz do Tejo;
Não temas ir de climas tão remotos,
Pois te acompanham os mais puros votos.

II.

A' inauguração da estátua equestre de José I.

Pende de eterno loiro
Nos vastos ermos da espinhosa estrada
Suave Lyra de oiro,
Que do Phrigio Cantor foi temperada.
Dá-lhe o som, corta o ramo, e cinge a frente,
O' da America inculta Genio ardente!

Arrastando agarenas
Luas pelos teus campos, Lusitânia,
Qual o Rei de Micenas
Sobre os vencidos muros de Dardania,
Torna cercada do seu povo intonso
A sombra invicta do primeiro Affonso.

Veste dobrada malha:

Tem no robusto braço o largo escudo:
Inda terror espalha,
Tinto do mauro sangue, o ferro agudo.
Eu ouço a tua voz, raio da Guerra,
E os teus echos repito ao Ceo e á Terra.

«O' bravos Portuguezes,
Gente digna de mim! a Fama, a Glória,
Buscada em vão mil vezes,
Vos segue sempre, e os loiros e a victo-
ria:
Ou vós domeis dos Barbaros a sanha,
Ou os fortes Leoens da altiva Hespanha.

«Vistes ligando as tranças
No berço ainda de Titan a espoza;
De escudos e de lanças
Em vão Asia se eriça; e temerosa
Escuta o bronze, com que a negra morte
Enche de espanto as furias de Mavorte.

«Mas hoje, ouzados povos,
Dai altas provas do valor antigo,
Tendes combates novos,
Encarai os trabalhos e o perigo;
Quem as armas vos deu, quem tudo rege,
Do Ceo estende a mão, e vos protege.»

Falava o bellicozo
Illustre fundador do grande Imperio,
E o ferro victoriozo
Vibrando, encheu de luz todo o hemisferio,
Já mugem as abobadas eternas,
E os echos se redobram nas cavernas.

Para engolir os montes

Gargantas abre o mar: a terra treme:
Cobrem-se os horizontes
De negro fumo e pó: a Esfera geme,
E eu vi (ai justo Ceo!) sobre ruinas
Desfalecer as vencedoras quinas.

Chovem crueis abutres,
E monstros infernaes de raça amphibia;
Quaes nem, Caucaso, nutres,
Nem vós, torradas solidoens da Lybia.
Dormes, Lisboa, e nos teos braços cinges
Hydras, Chiméras, Gerioens e Sphynges!

O Parricidio arvora
Triste facha no impuro Averno acceza:
Esconde o rosto, e chora
Infeliz Lealdade Portugueza;
Mas Affonso o predisse, o Ceo não tarda,
E novo Alcides a taes monstros guarda.

Aos seculos futuros,
Intrepido Marquez, sirvam de exemplo
Vossos trabalhos duros,
Longos, incriveis, que da Fama o templo
Tem por estranho e glorioso ornato,
Onde não chega a mão do tempo ingrato.

Essa em crimes famoza
Arvore, que engrossando o tronco eterno,
Já feria orgulhoza
Co'a rama o Ceo, e co'a raiz o Inferno,
Ao ver a mão, que accêzo o raio encerra,
Murcha, vacilla, pende e cae por terra.

Fogem do roto seio
Guerra, morte, traição, odio, impiedade:

O sol teve receio
De ver o rosto a tanta atrocidade,
Caiu em fim, e ouviu-se o estrondo fero
Desde o Scytico Tauro ao Caspe Ibéro.

Longe nuvens escuras
Arrogem sobre os mares os coriscos:
Deixem subir seguros
Altas torres, soberbos obeliscos,
D'onde a nova Lisboa ao mundo canta
A mão robusta e firme, que a levanta.

Vapores empestados
Derramam n'outros climas o veneno;
Sobre os risonhos prados
Respira alegre o Zefiro sereno;
Abre a Paz os thesouros de Amalthéa,
Tornam os tempos de Saturno e Rhéa.

O' marmórea Lisboa,
Nova Roma, que adoras novo Augusto!
Feliz a patria entoa
O magnanimo pai, o pio, o justo,
E sua imagem vai cheia de loiros
Inspirar glória aos ultimos vindoiros.

O' Bronze, O' Rei, O' Nume,
Esperança e amor do Mundo inteiro!
Do tempo a voraz fome
Respeita a Estatua de José Primeiro:
Que não deu menos honra ao Luso Solio,
Que as delicias de Roma ao Capitolio.

Póde o volver dos annos
Mudar a face á terra, ao mar o leito;
Izento de seus damnos

José o Grande irá de peito em peito.
Outro Tito quebrou entre os monarcas
A fouce ao tempo, e a tizoura ás Parcas.
Que Sparta bellicoza
Veja cair seus muros, que renasça
Na terra generoza
Do Sybarita vil a frouxa raça;
O nome do bom Rei contra as Idades
Dura mais que as Naçoens, e que as Cidades.

VI.

DOMINGOS CALDAS BARBOSA.

Do seguinte epithalamio feito por Caldas nas nupcias de Antonio de Vasconcellos, Conde da Calheta, e impresso avulso em Lisboa na off. regia typographica, em 1777, em 7 pag. de 8.º, não tinhamos antes conhecimento. E aqui nos cumpre igualmente dizer que depois que publicamos a 2.ª ed. da biographia do mesmo Caldas no tomo 14.º da Rev. do Instituto Historico do Rio, tivemos occasião de ver (e de adquirir) a 1.ª edição do poema «A Doença,» o qual não se deve considerar posthumo; por quanto a dita 1.ª edição se publicou na mesma officina regia, no dito anno de 1777, em um folheto de 49 pag. de 8.º Nos quatro cantos deste poema, em rimas pareadas, ha pouco numen; para o que baste dizer que a Doença consistia em uns bem prosaicos tumores. Colhem-se entretanto

neste folheto muitos esclarecimentos para a biographia do poeta. Deixando o Brazil aportou primeiro em Lisboa: passou depois á «frondigera» Barcellos onde conheceú os dois Vasconcellos. Dahi «um acaso infeliz» o levou outra vez a Lisboa. Daqui, depois de soffrer miseria, passou a Coimbra, onde o novo trovador era ouvido com gosto, e em suas proprias mãos o Conde de Lippe lhe fez presente de seu retrato em agradecimento de uns versos que o mesmo Caldas lhe dirigiu.—Chegando a ferias viu-se de novo na desgraça, e um novo protector o trouxe a Lisboa; porém falleceu logó. No fim do canto 2.º decide Caldas a questão da seu natalicio, com estes versos:

«Por entre a gente, que a ouvir se ajunta,
Moço alegre rompeu, que lhe pergunta
Se é elle o mesmo Caldas brazileiro
Que tem por patria o Rio de Janeiro.»

Daremos aqui tambem noticias da existencia: 1.º de uma 3.ª edição da «Recopilação da Historia Sagrada:» é de Lisboa.—imp. de Alcobia, 1819: 2.º das duas seguintes composições mui raras, de cada uma das quaes possuimos um exemplar, que devemos á generosidade do nosso amigo o Sr. J. C. de Figaniere.

1.º Descripção de Bellas (em prosa) Lisboa 1799—87 pag. 4.ª

2.º «A Vingança da Cigana,» drama jocoserio de um acto, representado no thea-

tro de São Carlos em 1794; 47 pags. 8.º

EPITHALAMIO.

Musas, favorecei meu doce canto,
Porque eu temo, que possa
Soster segura a voz, que aos Ceos levanto.
Musas, a empreza é vossa;
Nem podem os humanos fracos, rudes
Cantar sem favor vosso altas virtudes.
Vós entoastes já suaves hymnos
Aos grandes Vasconcellos
Do vosso canto heroico sempre dignos;
Como illustres modelos,
Mostrastes suas inclytas façanhas
A' gente propria e ás nações estranhas.
Do immortal Martim o nome illustre,
Que conserva Lisboa,
Sem que o tempo lhe embace o claro lustre,
Calliope inda entoa;
E voa honrado nas sonoras rimas
Remotas regiões, remotos climas.
«Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos»
Quem não lhe cede em gloria?
Os outros, Clio, podes tu dize-los,
Que em verdadeira historia
Tens á futura idade transmittido
Os nomes dos que ao Ceo já tem subido.
Africa adusta timida se enfia
A ouvir o nome delles;
Inda lhe lembra triste o que algum dia
Soffreu das mãos daquelles;
Se Gonçalo, se Ruy inda vivêram,
Tanger e Ceuta nos grilhões gemêram.
Renova o pranto, que soltou mais vezes
A chorosa Camena;

Mostra aos fieis e honrados Portuguezes,
João em Carthagena.
E o bannido Luiz, cuja lealdade
Conserva a Catharina a magestade.
Não mais: conheço bem a estirpe rara,
De que Antonio nascêra;
Eu sei, com que altos troncos s'enlaçara,
Quantos a si trouxera:
Tu mesma, ó Gallia, sim, tu mesma o dize
Que vês florente a rama de Soubize.
Desejam muito as Lusitanas gentes,
Que mais heróes produza,
Com poucos frutos não estão contentes:
Revolvamos, ó Muza,
Os arcanos, se póde ser, divinos,
Vamos ao grande templo dos destinos.
Tu, que sóbes ás nitidas estrellas,
E com seguro passo
Vês o maravilhoso gyro dellas;
Tu, que em certo compasso
A carreira ao Sol medes ignorada,
Guia-me, Urania, á perigosa estrada.
Não de outra sorte aos ares se arrebata
De Jove a conductora:
Que largamente a vista se dilata!
E quão pequeno agora
Se offerece aos olhos quanto o mundo encerra!
Quão pouco me parece o mar e a terra!
Altos lugares só dos vates dignos,
A vós em fim eu chego;
Vejo a morada dos brilhantes signos,
E em tranquillo socego
Passeio a estrada, por que o Sol passeia
De mil estranhas maravilhas cheia.
Inda vôo mais alto; já no peito

O coração palpita:
Horror sagrado, divinal respeito,
O que vejo me excita:
Es tu, ó templo santo, onde eu procuro
Cantar ao Grande Antonio um louvor puro.
Sobre redondas nuvens sustentado
Vejo o sacro edificio;
Cupido á porta vejo desvendado
No horrivel exercicio
De aguçar uma setta, mas tão linda,
Que igual não víram os mortaes ainda.
Senti abrir-se a porta refulgente,
E o carinhoso Nume
Provando na pequena mão contente
O afiado gume,
Entrou no templo, e eu entrava, quando
O destino lhe estava assim falando:
O' filho da razão, ó Amor puro,
De poucos mortaes digno,
A' terra desce rápido e seguro
Cumpre a lei do destino;
Une por bem da gente lusitana
O terno Antonio á linda Marianna.
Cysis m'o pede, Lysia o necessita;
Voa, não te detenhas,
Assim consola a terra ha pouco afflicta:
A illustre Mascarenhas
Enlaça a Vasconcellos, e dos dois
Veja o mundo nascer novos heróes.
Dos estimaveis paes imitadores
Serão os filhos cáros,
Que hão-de a memoria honrar de seus maiores;
E dar exemplos raros
De valor, de justiça, de piedade,
Que façam pasmo á pressurosa idade.

Raio das densas nuvens despedido
Não desce mais violento,
Do que o modesto, alligero Cupido
Baixou; e em um momento
Feriu os dous co'a preparada setta,
Que faz nascer uma paixão discreta.
Casto Hymineo os corações lhes prende
Quando as mãos lhes enlaça,
Lucina ao longe a rubra faxa accende,
E uma e outra Graça
O leito nupcial alegres ornam,
Puros prazeres ao redor entornam.
Ouzei examinar, que aberta estava
A urna do Destino,
Dos meus heróes o nome se guardava
Em cofre diamantino;
Do defensor de Diu, e de outros muntos
Mascarenhas em outro cofre juntos.
Bradou-me então a austéra Divindade,
E eu treinta escutando,
Vê, me disse, ó mortal, futura idade,
Que o tempo vai formando;
E eu vi, de doces alegrias
Tecer aos meus heróes ditosos dias.
Tu participarás (me continúa)
Destes dias ditosos:
Depende a sorte tua
Da mão benigna dos fieis esposos:
Canta, quem te segura
Dos insultos da hórrida ventura:
Ouça o mundo na Lyra Americana
Sempre os nomes d'Antonio e Marianna:
Mas eu não posso tanto,
Musas, favorecei meu doce canto!

VII.

JOSE ELOY OTTONI.

Para as poesias deste mineiro, que publicamos de p. 25 á 41 do presente volume servimo-nos de impressos modernos, que não concordam em tudo com as primeiras edições, segundo a confrontação exacta que posteriormente fizemos.—Dessas primitivas edições possuimos quatro folhetos, a saber: 1.º «Poesia dedicada á condessa de Oeynhausen.»—Lisboa, na off. Patr. 1801, 30 pags. 8.º; 2.º «Analia de Josino.»—Em Lisboa, off. Patr. 1802, 30 pags. 8 º; 3.º «Drama allusivo ao caracter e talentos de M. M. de B. du Bocage.»—Lisboa, imp. regia, 1806, 15 pags., 8.º—4.º A' Seren. Princesa de Beira Nossa Senhora por occasião do seu faustissimo consorcio, etc.»—Rio de Janeiro, imp. regia 1811: 16 pags.—A lyra I da nossa pag. 27 a 30 é a 2.ª da «Analia de Josino,» e deve ter no fim mais os dois seguintes versos:

«Vindouros aprendei, que eu vos ensino,
Qual foi a sorte do infeliz Josino.»

Na lyra II (pag. 30 a 33) dedicada á Princesa da Beira, devem ler-se depois das no-

ve primeiras estrofes ou oitavas as duas seguintes, conforme a edição original de 1811:

Sae das mãos do Creador,
Como sae da obra o sello
O par, que fora modello,
De sensação virginal.
No mesmo instante s' ouviram
Sabias leis da natureza,
Ligou-se amor e belleza
Com armonia social.

Era o berço de verdura
E assucenas matizado,
N'este sitio afortunado
Do Eden o par descançou:
De ouro a purpura fulgente,
A natureza se veste
O Paranympho Celeste
O Epithalamio cantou.

Na lyra IV (pag. 33 a 36), 1.ª da «Analia de Josino» faltam duas quadras: a 1.ª depois da 14.ª:

Se o todo é perfeito,
Em que base se move?
E' sobre dois pontos
E a obra é de Jove.»

A outra no fim da lyra, é como segue:

«O numen que adoras
Te abraza e consome;
Que é numen tu sabes;
Analia é o seu nome.»

Na lyra III (pag. 32 e 33) ha tão notaveis variantes que preferimos reproduzil-a:

Por mais que á lyra me ajuste,
Por mais que as cordas affine,
A voz da lyra enrouquece,
O som das cordas naõ tine.
Inmortal filha de Jove,
Para que me déste a lyra?
Se o teu vate as cordas fére,
Em vez de cantar suspira.
Apenas o canto ajusta,
Unido ao som do instrumento,
Treme a voz, e a maõ cançada
Dando o som disperso ao vento.
Se á força dos áis que arranco,
Sólto um ai do peito fóra,
O écco naõ me responde,
E quando responde, chora.
Queres, que a mente inspirada
Se occupe de amantes queixas?
E o canto alegre dos hymnos
Se torne em tristes endeixas?
Eis que abrindo o seio á nuvem
Rasga celeste claraõ:
Sobre ardente espaço corre
Luminosa exhalação.
Os meus ultimos accentos
Se interrompem de um desmaio
Mais veloz, que a chamma ardente,
Inda mais veloz, que o raio.
Baixa entaõ do Olimpo a Musa,
Desperta, me diz, mortal,
Vê, que a força te protege
De maõ sobre-natural.
Naõ desmaies, eu t'inspiro;

Se te fraquêa o valor,
Aqui tens na taça o nectar
Contra-veneno do amor.
Disse: mal empunho a taça,
Naõ gyra o sangue nas vêas
Taõ violento, como gyram
Em bortotaõ as ideas.
O mágo encanto, a beldade,
Que os meus suspiros accende,
Profane agora os decretos,
Que a maõ de Jove despende.
Amor as trégoas ordena:
E do despojo, que ajunta,
Vai erguer troféos no templo
De Pafos e de Amathunta.
Um genio os passos me guia
Sobre campos matizados
De frescos lyrios, que ao longe
Parecem gruppos nevados.
Sob um docel de verdura
Tecido por maõ campestre
Matrona de aspecto grave
Tinha a maõ no livro-mestre.
Volvendo as folhas mostrava
Caracteristico emblema,
Que representa em figura
Das estações o systema.
Em grande circulo estavam
No plan'isferio indicados
Aquelles dias, que foram
Por maõ de Jove marcados.
Solar agulha, que as horas
Reparte ao dia, apontava
O mais solemne dos dias,
Que o frio Inverno guardava.
Do livro annoso pendia,

Voltando a um e outro lado
A vista alegre e risonha
De um velho grave e rosado.
Até que em fim desatando
A voz o Numen Celeste,
De nova murta auri-verde
Toda a campina se veste.
Correi os reinos, que fórmam
Do meu poder a grandeza:
Correi (dizia a Matrona)
Os reinos da Natureza.
E' curto o espaço, que tem
De meus dominios o nome,
Para gozar um prazer,
Que o tempo audaz naõ consome.
Hoje as virtudes remóçam,
Remóçam hoje os humanos,
A Natureza remóça,
Porque hoje Analia faz annos.
De aroma os ares se toldam,
Retumbam hymnos suaves:
E a ouvir-lhe o nome, estremecem
De gosto os peixes, e as aves.
As féras tornam-se humanas:
Como em penhor do que ouvíram,
Os entes mudos se movem,
Os insensiveis respiram.
Todo em prazer embebido
Eu sinto impulso mais fórte,
Que vem quebrar as prizões
Do meu sublime transporte.
Formosa Analia, os teus olhos
Movem toda a Natureza:
Tu és o encanto de amor,
Tu és de amor a nobreza.
Mais dignos vates te cantem:

A minha voz é pequena;
E a musa, que m'inspirava,
Que cesse o canto me ordena.
De verde loiro naõ quero
Por premio a fronte adornada;
Mór premio, Analia, seria
Beijar-te a maõ delicada.

Do primeiro dos folhetos mencionados aproveitamos a seguinte

IV.

CANTATA.

AO DEZ. M. J. DE A. T.

De soltas vagas, que batem,
Rebentam gruppos d'espuma;
De mágoa o sangue costuma
Nas frias veias gelar.
Aonio parte, e saudoso
Josino fica a chorar.
Respira brando susurro
De roxinol, que se queixa;
Do fulvo Téjo a madeixa
Começa o vento a espalhar.
Aonio parte, etc.
Prudente nauta suspira
Ao som de rouco trovaõ,
Varre o luso pavilhaõ
A superficie do mar.

Aonio parte, etc.
Da curva praia os delfins
Já vaõ puxando o batel,
Debalde um peito fiel
Pretende o pranto enxugar.
Aonio parte, etc.
Qual níveo cisne, branqueja
O solto pano infunado,
O lenho desancorado
Principia a manobrar.
Aonio parte, etc.
Em quanto nutre a amizade
De puros vótos o effeito,
Suspiros ferem o peito,
E a celeuma fére o ar.
Aonio parte, etc.
Os ais, que voam dispersos,
Em solto pranto involvidos,
Depois que vaõ, reflectidos
Vem ter ao mesmo logar.
Aonio parte, etc.
Cerúleo Numen encosta
A' tona d'agua a cabeça:
Manda ao noto, que adormeça,
Em quanto o Euro soprar.
Aonio parte, etc.
De pont'agudos rochedos
Desvia o toque inimigo
A maõ, que marca o perigo,
Para o saber desviar.
Aonio parte, etc.
As brancas vélas se allongam
Da foz amena do Téjo:
De incauto, ardente desejo
Começa o fogo a ateiar.
Aonio parte, etc.

Vai, affoito bergantim,
Contra o auspicio de Juno,
Ver nos braços de Neptuno
Fria Ursa resonar.
Aonio parte, etc.
Verás na zona crestada,
Que adusta ao trópico avança,
Aonde Thetis descança,
E Phebo vai repousar.
Aonio parte, etc.
Patente, aberta enseada,
Dos Genios santos cortejo, (*)
Verás de gosto sobejo
Na curva quilha beijar.
Aonio parte, etc.
Verás, que ao filho de Themis
A toga apenas encara,
Humilde beija-lhe a vara,
Que recto deve empunhar.
Aonio parte, etc.
Mas oh! saudade cruel!
Por mais que a vista remonte,
Mal diviso no horizonte
Raza nuvem branquejar!
Aonio parte, etc.
Se acaso allivio procuro,
E a novo objecto me encosto,
Naõ vejo mais que desgosto,
Naõ vejo mais que pezar.
Adeos, Aonio: saudoso
Josino fica a chorar.

(*) A Bahia.

VIII.

GREGORIO DE MATTOS. (*)

Aos caramurús da Bahia.

Ha coisa como ver um «payayá»
Mui prezado de ser caramurú,
Descendente do sangue de tatú,
Cujo torpe idioma é «copebá!»
A linha feminina é cariná,
Moqueca, petitinga, carimá,
Mingáu de puba, vinho de cajú,
Pisado n'um pilão de Pirajá:
A masculina é um Aricobê,
Cuja filha Cobé c'um branco Pahy
Dormiu no promontorío de Pacé:
O branco era um marão que veiu aqui;
Ella era uma India de Maré,
Copébâ, Aricobê, Cobê, Pahy.

(*) Publicamos aquí este soneto de Gregorio de Mattos por ser elle uma das suas mais característicasa composições, que por omissão deixoude ir no logar competente.

ADVERTENCIA.

O suplemento segundo que devia comprehender as composições dos poetas antigos, não contemplados no texto dos primeiros volumes, não sae por ora a publico, por nos não haver sido confiado, como esperavamos, o texto, donde podessemos copiar as poesias, alias impressas, do P. João de Mello, de Manuel José Cherem e de José Pires de Carvalho.—Algumas poesias mais modernas, v. gr. de Pedro Jose da Costa Barros e José Pedro Fernandez (Rio.—1830 typ. de Gueffier) e de Paulo José de Mello (Rio—1841), não pedem reimpressão; e uma ode do conego Cão d'Aboim (Lisboa—1801), bem como varias das poesias contidas na «Relação dos Festejos, etc.» (Rio de Janeiro—1818) não nos pareceram poder de modo algum interessar aos amantes das lettras. Registando porém aqui a noticia dellas, pedimos que se nos não taxe de omissão o que foi accordo intencional. Quem venha a possuir as obras dos tres autores citados, ou ao menos copia de alguma composição de cada um delles, prestaria serviço ao paiz reimprimindo-as, ou confiando-as para este fim ao editor desta collecção, para ás unir no segundo supplemento a algumas contidas no vol. das composições da «Academia dos «Selectos» erigida no Rio de Janeiro em 1752, e que em 1754 publicou em Lisboa Manuel Tavares de Sequeira.

ERRATAS DESTE TOMO III.

PAG.	LIN.	ERR.	EM.
25	5	aras	azas
27	22	nã	ũa
28	4	o	oh!
Ib.	12	acode	acodes
Ib.	últ.	ás	que ás
29	18, 22	ficaram, viram	ficarão virão
Ib.	24	vendo	sendo
30	26	braço	bravo
35	23	Tal	Fiel
53	6	Aligeira	aligera
238	17	De longe é q'	Só de longe
277	1	seo	se e

Igualmente ha que acrescentar em seus respectivos logares no «Indice geral» que vai no fim deste volume todas as composições que se acham da pag. 288 em diante.

SUPPLEMENTO FINAL.

INDICE GERAL ALPHABETICO

DOS AUTORES CONTEMPLADOS NOS TRES VOLUMES D'ESTA COLLECÇÃO, E SUAS RESPECTIVAS COMPOSIÇÕES (*a*.

a) Citamos a ordem ou logar em que se acha o autor: depois, em romano, o volume; e em arabico a pagina.

b) Appareceu reformada na Rev. do Inst. Hist. XII, p. 400,--2, t. XIII, p. 513.

AA.

a) Apareceu reformada na R do Inst. t. x, p. 240.

a) Saiu reformada na R. do Inst. Hist. t. IX, p. 114.

a) Saiu reformada na R. do Inst. Hist. t. IX. p. 124.

a) Saiu reformada na R. do Inst. Hist. t. x, p. 116.

a) Saiu reformada na R. do Inst. Hist. t. XII p. 529.
b) Saiu reformada na R. do Inst. Hist. t. VIII p. 276.

a) **Saiu reformada na Rev. do Inst. Hist. t. XII p. 120, t. XIII. p. 405.**

a) Saiu reformada na Rev. do Inst. Hist. t. VIII, p. 540.

BB.

FIM.

ERRATAS DE 1.º E 2.º TOMOS.

PAG.	LIN.	ONDE DIZ.	EMENDE OU ACRESCENTE.
11	17	vivo	viva
47	6	vi	viu
133	14	de Lima	e Lima
177	12	deu o	deu
223	8	Anacreon-ticas	Anacreonticas, madri-gaes, etc.
308	1	Sôbre o U-ruguay	Sôbre o Uruguay e a Arte poetica em geral.
310		acrescente	Epistola escripta do Rio de Janeiro a Termindo.
311	15	»	A' Paz.
315	1	»	A' reforma da Universi-dade de Coimbra.
322	15	»	O cajueiro d'amor.
323		»	O amor irado—

«Pela glória a que aspiraste
Despresaste os meus thesouros
De teus livros adornado
Desgraçado vai chorar
Pastor
Doce amor, benigno escuta
Por piedade as minhas queixas
Terno amor! e assim me deixas
Nesta gruta a suspirar?
Vem ó nymfa, etc.
Vem tecer uma capella
Ao amor que nos inspira

E na voz da curva lyra
Glaura bella soará
Vês o amor e não o entendes?
Tem occulto a ti seu ninho;
E te diz que é passarinho
Se o não prendes voará.
Vem ó nymfa, etc.

346	4	texto	tema
364	30	e no	esta
389	31	pazes	pares
398	9	galacés	galões
449	32	sagrada,	sagrada, 1ª Ed. L. 1776-8.
456	5	orangotang	orangotango.

497 a 500 Esta ode entrou no prelo por engano; e é de Stockler, bem que dirigida a Caldas.

518	21	rudo	tudo
519	31	dos	das
523	12	Cmo	Com
524	7	recedem	recendem
590	8	Na cidade	Nas cidades
614	11	Flumine	Fulmine.
685	25	Conser-vando	Conversando

FLORILEGIO

DA

Poesia Brazileira,

CONTENDO, UM NOVO SUPPLEMENTO, COM PRODUCÇOES DE VINTE E QUATRO POETAS AINDA NAO CONTEMPLADOS.

TOMO III. — APPENDICE.

VIENNA.
Typographia do filho de Carlos Gerold.
1872.

Edição or conta do autor.

SUPPLEMENTO SEGUNDO

CONTENDO PRODUCÇÕES

DE

VARIOS AUTORES ANTERIORES A INDEPENDENCIA, OU CONTEMPORANEOS DO PRIMEIRO IMPERADOR, QUE HAVIAM DEIXADO DE SER CONTEMPLADOS.

1*

SATISFAÇÃO.

Publicâmos estas poucas paginas, mais por descargo de consciencia que na persuasâo de que ellas possam vir a ser mui lidas e apreciadas. Mas uma vez que chegámos a ter destas composiçôes notícia, pareceu-nos que ficávamos como em divida, nâo só com a memória de seus autores, como tambem com os possuidores do nosso pequeno *Florilegio*, nâo as publicando. Se nâo incluimos nenhuma do P. Joâo de Mello, nem de Manuel J. Chorem, é porque as nâo conseguimos obter; pelo que só nos resta emprazar a quem as possua a dar dellas alguma notícia. — Quanto ás poesias de varios Pernambucanos, dadas a conhecer pelo Sr. Commendador Mello, dispensamo-nos de contemplal-as aqui por varios motivos.

Nâo nos deteremos rectificando alguns erros commettidos no *Florilegio*, principalmente no que respeita ás biographias de

muitos poetas, especialmente dos que tiveram parte na conspiraçâo mineira ou do Tiradentes.

Muitas dessas rectificaçôes, em virtude da leitura do processo acham-se publicadas por nós mesmos, nas Revistas do Instituto, onde se poderâo encontrar. Devemos aqui acrescentar que a 2ª ediçâo de Gonzaga (ainda sem a 2ª parte) foi feita em 1792, na Typographia „Nunesiana" em um vol. de 118 pag. in 8º, em papel forte, de que possuimos um exemplar.

E' hoje sabido que Gonzaga, bem que oriundo do Brazil e ahi creado, nascera no Porto, que Manuel Joaquim Ribeiro era filho de Sanhoane em Portugal; e julgamos haver, por mui fortes inducçôes, mostrado *) como as *Cartas Chilenas* (alias *Mineiras*) devem ser consideradas producçâo de Claudio Manuel da Costa

Em todo caso, declaramos que nunca suppuzemos Caldas Barboza autor de taes cartas, com o julga o amigo Sr. Innocencio na pag. 186 do 2º vol. do seu *Diccionario*. O primeiro serviço que fizemos foi reconhecer que a crítica se referia a Minas, e nâo podia ser obra de Gonzaga. Quanto

*) Veja-se a nossa „*Carta ao Sr. dr. L. F. da Veiga acerca do autor das Cartas chilenas*" — Rio de Janeiro, 1867.

ao mesmo Caldas já dissemos (pag. 297) que desde 1855 possuimos a *Descripçâo de Bellas*, a *Vingança da Cigana*, a 1ª ed. da *Doença* (com as iniciaes D. C. B.), a 3ª (1819) da *Historia Sagrada*, e um exemplar (unico de que ha notícia) da composiçâo intitulada „*Nas felicissimas Nupcias*" etc. que reproduzimos na pag. 298 e seg.

Os versos que damos de Bento Teixeira Pinto, o mais antigo dos poetas brazileiros, sâo copiados do unico exemplar, que talvez exista, da sua *Prosopopêa*, ediçâo de 1601, o qual se guarda na Bibliotheca Publica de Lisboa. Acha-se o dito poema annexo á 2ª ediçâo da relaçâo da viagem da náo Santo-Antonio, em 1565; relaçâo nâo escripta pelo mesmo Bento Teixeira, que nâo vinha a bordo, e sería entâo criança. O poema é composto já no reinado de Filippe 2º.

Dos versos mysticos do Pernambucano (natural do Recife) Salvador das Neves, possuimos um exemplar, unico que temos visto, da ediçâo de Serva, Bahia, 1816.

Na primeira quadra deste seculo, publicou, em França, Ed. Corbière umas poesias, com o nome de *Brésiliennes*. — Apezar deste nome, e da insistencia do poeta a querel-os fazer passar por apenas traduzidas por elle ao francez, sâo-lhe geralmente attribuidas.

Assim pois com as composições que ora offerecemos ao publico damos por concluida a tarefa que ha perto de trinta annos emprehendemos, e que começámos a imprimir em 1846, enviando, desde logo, para o Rio de Janeiro as biographias que iamos aprompttando, e que não deixaram de ser aproveitadas... Tanto a nossa collecção, como o esboço de historia litteraria que a precede, foram então recebidos com bastante favor no Imperio e fóra d'elle, e uma e outro serviram de muito para o academico austriaco Fernando Wolf escrever a sua chamada *Historia da Litteratura Brazileira.* No Imperio a nossa publicação, com certa unidade, se não contribuiu para a fraternidade de algumas de nossas provincias entre si, tinha aspirado a taes miras, e, se não recrutou proselytos da politica para a litteratura, não foi por que deixasse de prégar essa nova cruzada.

Devemos aqui acrescentar que das composições de Gregorio de Mattos possuimos hoje dois differentes manuscriptos, um de excellente lettra em quatro tomos, que já possuiamos ao publicar o primeiro volume de *Florilegio*; e outro de lettra contemporanea, muito mettida, e em um só volume, bastante grosso, encadernado toscamente, por ventura na propria Bahia, ha mais de seculo e meio. Um e outro serão postos á dispo-

sição de quem, offerecendo as necessarias garantias, quizer emprehender uma edição separada das obras do satyrico bahiano.

Concluimos declarando que este „Segundo Supplemento" deverá entrar no tomo III, depois da folha de Advertencia e Erratas que seguem á pag. 310, e antes do „Supplemento final" que contêm o Indice alphabetico, ao qual só resta a acrescentar as composições contidas neste „Segundo Supplemento."

Vienna d'Austria,
Outubro de 1872.

B. de Porto-Seguro.

I.

BENTO TEIXEIRA PINTO.

Descripçâo do Recife de Paranambuco.

Pera a parte do sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Ceo luminoso mais serena
Tem sua influiçâo, e temperada,
Junto da Nova Lusitania, ordena
A natureza, mai bem atentada,
Um porto tam quieto e tam seguro,
Que pera as curvas náos serve de muro.

E' este porto tal, por estar posta
Ua cinta de pedra inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa
Onde quebra Neptuno a furia esquiva.
Antre a praia e pedra descomposta,
O estanhado elemento se diriva,
Com tanta mansidâo, que ûa fateixa,
Bast'a ter a fatal Argos anneixa.

Em o meio desta obra alpestre e dura,
Ua boca rompeo o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura,
Paranambucó, de todos, é chamado:
Ne *Para-ná*, que é mar, *Puca*, rotura,
Feita com furia desse mar salgado,
Que sem no dirivar, commetter mingua,
Cova do mar se chama em nossa lingua.

Per a entrada da barra, á parte esquerda,
Está ũa lagem grande e espaçosa,
Que de piratas fôra total perda,
Se ũa torre tivera sumptuosa.
Mas quem por seus serviços bens não herda
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do rei que não é franco,
O vassallo faz ser nas obras manco.

(Do Poema *Prosopopêa*, ed. de 1601.)

II.

DIOGO GRASSON TINOCO.

Estancias do poema „Descobrimento das Esmeraldas", escripto em 1689.

Partida de Fernâo Dias Paes. (Est. 35.)

Parte emfim para os serros pertendidos,
Deixando a patria transformada em fontes,
Por termos nunca uzados, nem sabidos,
Cortando mattos, e arrasando montes,
Os rios vadeando mais temidos
Em jangadas, canoas, balsas, pontes,
Soffrendo calmas, padecendo frios
Por montes, campos, serras, valles, rios.

Indio do lago Vupabussú. (Est. 61°.)

Era o silvestre moço valeroso,
Sobre nervudo, de perfidia alheio,

O gesto respirava um ar brioso,
Que nunca conhecêra o vâo receio:
Pintado de urucû vinha pomposo,
E o labio baixo rôto pelo meio,
Com tres pennas de arara laureado,
De fléchas, de arco e de garróte armado.

III.

SEBASTIAO DA ROCHA PITTA *).

Sonetos.

1º.

Ao tumulo do rei Pedro IIº na Bahia.

Este horroroso Alcacer da saudade,
Da magoa soberbissimo aposento,
Onde mora a lembrança por tormento,
Onde vive por culto a Magestade:

Altar ao melhor Rei da nossa idade,
Que logra em firme e duplicado assento,
Como humano na terra, monumento,
E cadeira no Ceo, como deidade:

*) Tanto estas poesias do historiographo bahiano, como as de seu compatriota o licenciado Gonçalo Soares da Franca são tomadas do rarissimo folheto (que possuimos) impresso pelo proprio Rocha Pitta em Lisboa, no anno de 1709, com o titulo de *Breve Compendio e Narraçam do funebre espectaculo que na insigne Cidade da Bahia* etc.

E memoria, que ao seu segundo Marte
Pedro eterniza em magoas a Bahia,
Onde competem dor, grandeza e arte:

Mostrando nesta grande fansasia,
Que lhe tocou do amor a maior parte,
Como parte maior da Monarquia.

2º.

A' Imagem da Morte, sobre o Tumulo, coroada, e tendo n'um a das mâo a fama e n' outra a eternidade.

Oh tu, que do poder fazes vaidade,
Quando ao sceptro de Pedro nâo perdoas,
E mostras que no fragil das Coroas
De ser mortal nâo livra o ser deidade.

Se chegas a prostar-lhe a Magestade;
Como tanto as virtudes lhe apregoas,
Rue dellas o clamor na Fama entoas,
E a memoria lhe poens na Eternidade?

Se sempre dos teus golpes foi effeito
Pôr ao applauso fim, como a esperança;
Que amor é este agora? Que respeito?

Mas é, que o ser de Pedro tanto alcança;
Que, se chega a acabar quanto ao preceito
Nâo se póde extinguir quanto à lembrança.

3°.

A' morte do mencionado rei.

Oh Rei, por cujo amparo o Luso clama
Com pranto, com horror, e com tristeza
Morto per pena, vivo por fineza:
Cinza fria, mas sempre ardente chama.

Se contra tanto resplandor se inflamma
A Morte: sò vos tira nesta empreza
A vida, que vos deu a Natureza;
Mas nâo a vida, que vos deu a Fama.

A Morte pertendeu nesta victoria
Triunfar de Vós: porèm com dor interna,
Ella despojo foi da vossa gloria.

Porque o grande Motor, que nos governa,
Porque fosses Trofeo sò da memoria,
Vos deu vida mortal, mas fama eterna.

Romance.
(Em Castelhano.)

Ao mausoleo.

Compendio de luz y sombra:
Cielo de Estrellas y horrores:
Para les Esferas gala,
Y luto para los Orbes.

En el resplandor, que vistes,
De que nube te compones
Con multitud de tinieblas
En tanta copia de Soles?

El traje, de que te aliñas,
Es todo contradiciones:
Y no conoces tu mismo,
Sie eres dia, ò si eres noche.

Que Planeta en ti se ostenta
Con deliquios y candores,
En el Oriente ufano,
Y triste en el Orizonte?

Que Astro pues en ti se mueve
Sin curso, pero con orden;
Y parece al mismo tiempo
Sol que nace, y que se pone?

Si eres Emisferio en rayos,
Nublada Esfera en colores;
Como enbueltas con las glorias
Puedes juntar las pasiones?

Di: que mysterios son estos,
En que publîcas, y escondes
Mucho para los discursos,
Tanto para los dolores?

No hagas del silencio alarde;
Que arder, y callar se oponen:
No se callan los gemidos,
Quando los pechos se rompen.

Si eres Volumen de Amor
Con Estrellas por renglones;
En ti las quexas se escrivan,
O' las memorias se borren.

Si eres carcel, donde estan
Nuestros afectos conformes;
O' nos suelta los suspiros,
O' nos quita las prisiones.

Si eres Sepulcro de un Rey
Mayor, que ha tenido el Orbe;
No solo en incendios pagues,
Quanto en Magestad recojes.

Publica en tu voz tu empeño:
Y haràn luego tus clamores
(Pues la grandeza te ensalça)
Que los ecos te coronen.

Pero harto en brillar lo dizes:
Todo en arder lo propones;
Porque en las lenguas del fuego,
Los movimientos son vozes.

Palabras son tus centellas,
Tus incendios son razones,
Que con las luzes se han hecho,
Quanto màs claras, màs nobles.

Arde pues, y a Pedro ofrece
Apurada en tus crisoles
En ese Templo de Amor
Toda la fé de los hombres.

IV.

GONÇALO SOARES DA FRANCA.

Na morte do rei Pedro Segundo.

Texto de Camoens. Cant. 4. Oit. 50.

Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tam ditoso se lograsse
Portugal; mas os Córos soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse.
Mas para defensão dos Lusitanos,
Deixou quem o levou quem governasse,
E aumentasse a terra mais que de antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

Depois que à Monarquia Lusitana
As redeas applicou Pedro o Segundo;
Abatida na guerra a furia hispana,
Na paz o Reino foi assombro ao Mundo:
Inveja porèm, cega, e tiranna,
Deste de Portugal bem tam fecundo,
Que lograsse tal bem, sem ver taes damnos,
Não consentio a morte tantos annos.

Doze lustros, ainda não compridos,
(Esfera curta a Sol tam luminoso)
Tinha do Luso o Sol; quando vencidos
Vio seus raios de eclipse tenebroso.
Decretos são do Ceo não comprehendidos,
Que dando a Portugal Rei tam famoso,
Não quiz mais, porque mais triste o chorasse,
Que de Heroe tam ditoso se lograsse.

Ou foy de nossas culpas digna pena,
Ou dos meritos seus foi premio digno;
Que a mesma dor, que a magoa nos condena,
A Pedro sobe ao solio cristallino.
Oh como justamente o Ceo ordena
A sua gloria, o nosso desatino!
Não mereciam, não, dons mais que humanos
Portugal; mas os Córos soberanos.

Foram deste Monarca relevante
Tantas as prendas, tal a virtude era;
Que inda a menor virtude, Astro brilhante,
Da terra a esfera pouca transcendèra.
Novo Alexandre pois seu peito ovante,
Porque mais Mundo o Mundo lhe não dera;
O Reino, que era bem só suspirasse,
Do Ceo supremo quiz que povoasse.

Justo foi, que assim viva sublimado;
Mas não que o Reino assim fique abatido:
Porque ser entre os Anjos collocado;
O não livra entre os homens de esquecido.

Nâo foste, ó grande Rei, Rei só creado
Para o Ceo; para nós tambem nacido:
Nâo só para troncar vicios profanos,
Mas para defensâo dos Lusitanos.

Consente a nossa queixa; se consente
Attençâo esse Trono, onde subiste:
Que quando a queixa é justa, a dor vehemente,
Rompe o foro ao respeito um peito triste.
Mas ja vejo, que fallo cegamente;
Pois bem que Portugal sem Pedro existe,
Portugal (quando Pedro se apartasse)
Deixou quem o levou quem governasse.

Nâo podia a suprema Providencia
A' palavra faltar sempre observada,
Que nunca ao scetro nosso descendencia
Na prole ha de faltar attenuada.
Nâo temo a successâo, temo a potencia;
Que a tanto Heroe é pouco o Mundo, é nada:
Sò, se estendesse termos mais distantes,
E aumentasse a terra mais que de antes.

Se sómente ao primeiro, que hoje é Quinto,
(Herdeiro digo) vem o Orbe inteiro
Estreito Mappa, Epilogo succinto;
Que Mundo ha de bastar ao derradeiro?
Eterno a Portugal de agora sinto:
Faltam Reinos, nâo falta ao Reino Herdeiro;
Pois hoje nos seguram relevantes
Inclyta geraçâo, altos Infantes.

Soneto.

Epitafio em versos dos Luziadas.

Ouvi o nome engrandecido
Do justo, e duro Pedro: nace*) obrando,
De Nações differentes triunfando,
Com vulto alegre, qual do Ceo subido.

Pois contra o Castelhano tam temido
Os fortes Portuguezes incitando;
Contra vontade sua, e não rogando,
Pazes**) cômetter manda arrependido.

Mas entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte; fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado:

Que nenhum dizer póde que é primeiro
De um Rei, que temos, alto e sublimado,
Outro Joanne, invicto Cavalleiro.

*) Naceu entre triunfos.

**) Allude à paz de Castella, solicidada pelos mesmos Hespanhoes.

V.

SEBASTIAO BORGES DE BARROS.

Sonetos*).

Ao mausoléo do abbade Manuel de Mattos Botelho (irmâo do arcebispo da Bahia).

1º.

Esse tumulo egregio, esse aposento
Dos affectos do Emporio Americano,
Se horroroso theatro ao desengano,
Obelisco mayor do sentimento:

Se é compendio de sombras, se instrumento
Da saudade, da dor, mais deshumano,
Como em lutos ostenta soberano
Essa luz, esse lustre, esse ardimento?

*) Transcriptos da *Relação Summaria* etc., publicada pelo Dr. João Borges de Barros, em Lisboa no anno de 1745, in 4º.

2

Parece, que no horror a luz se infama,
Na vaidade o respeito pervertido,
Quando em mágoa cruel o Mundo inflamma;

Mas oh, que os rayos sâo, que esclarecido.
O Sol de Manoel hoje derrama,
De entre as sombras da morte renascido!

2º.

Essa de assombros, fabrica sublime,
Que entre o palido horror a luz desata,
Promulgando nos lutos, que retrata,
Os Sabéos odoriferos, que exprime:

E' de um Fenix a pyra, que se exime
Da ley fatal, que tudo desbarata,
Porque se mais nas cinzas se recata,
A melhores incendios se sublime.

Alumno, e genitor de si, procura
Do Divino Panchayo o ardor fragrante,
Por ter a um tempo o berço, e sepultura:

Assim pois do caduco respirante,
Desde o horroroso pó da morte escura
Renasce à eterna vida triunfante.

VI.

CONEGO FRANC. XAVIER DA SILVA*).
1748.

Soneto.

Maranhão e Mariana são dous mares,
Que por mar cada um delles principia:
Mariana mar de gosto, de alegria;
Maranhão mar de dores, de pezares.

De um e outra paixão, como exemplares,
Cada qual no seu nome traz a guia;
Elle a Mara passando, ella a Maria,
No amargor, na doçura singulares.

*) Publicamos o seguinte soneto como amostra das poesias de differentes autores sem duvida brazileiros alguns, que se recitaram por occasião da posse, em 1748, do 1o bispo de Mariana, que acabava de ser bispo de Maranhão; por isso que o tema de quasi todos é o que consta deste soneto; amargura do Maranhão pela ausencia do bispo, e alegria de Marianna pela sua presença.

A inteireza do I figura é clara
Do insigne Bago do Pastor de Jetro,
Quando assiste em Mariana e deixa a Mara.

E sem Bago, ou com elle, soa o metro,
No Maranhâo de pena Lyra amara,
Em Mariana de gloria doce plectro.

VII.

Dr. JOAO BORGES DE BARROS *).
1750.

Sonetos.

A' morte de D. Joâo V.

1°.

Do Luso Salamâo, monarca invicto,
Todo o Universo a perda infausta sente;
Porque a quanto illumina o Sol ardente,
Chega do Imperio seu o amplo districto.

Da immensa dor o circular conflicto
Ao Setimo Triâo, ao Austro ingente,
Ao Berço Eóo, à Plaga do Occidente,
Verte igualmente o pranto, forma o grito.

*) Tanto as poesias deste autor, como as dos tres que seguem e as de Itaparica, contidas no *Supplemento Primeiro* de p. 247 a 251, foram impressas em 1753, em Lisboa, no livro in-folio „*Relação Panegyrica das honras funeraes que consagrou a Bahia*" etc. pelo proprio Dr. Joâo Borges de Barros.

E inda a Circulos novos se estendera
De affectos immortaes fineza rara,
Em fé de quanto amára o que perdêra.

Nâo cabe em fim no mundo a dor amara:
Novos orbes suspira, nova esféra;
Pois se mais mundo houvera, lá chegàra.

2º.

Foi Salamâo no dote da sciencia,
Do regio throno singular ornato:
Da riqueza, com maximo apparato,
Teve, qual Salamâo, toda a affluencia.

Ao culto sacro prodiga assistencia,
Qual Salamâo, prestou sempre a Deos grato;
De Salamâo na paz foi o retrato,
Com dócil coração, branda clemencia.

Foi gentil, justo, e pio; e em fim notoria
Semelhança lhe fez, sem menor falta,
Dando assumpto immortal a nova historia:

Mas sobre Salamâo tanto se esmalta
Do egregio successor na illustre gloria.
Quanto Joseph a Roboâo se exalta.

VIII.

SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA.
1750.

Cançâo.

O Monarca das luzes proeminente,
Que dá com seu esplendor glorias ao dia,
Pompa da Esféra, em que todo o vivente
Dos olhos a pezar tem alegria:
No zenith quando alarde
Faz das brilhantes luzes,
Arrastra sobre a tarde
Os funebres capuzes,
E acha no mar, que as luzes lhe retrata,
Mausoléo de crystal, urna de prata.

O agradavel jardim, que tâo florîdo
Se ostenta, na manhâa alegre e clara,
Dos ardores da calma combatido,
Murcha de tarde a pompa, que o exaltàra:
Porque o Sol violento
As folhas desbarata,

Quando a força do vento
As flores lhe arrebata.
Quem cuidàra que tanta bizarria
Teria a duraçâo menos de um dia!

Ramalhete animado o passarinho,
Que as flores desafia e galantêa,
Brincando alegre em um, e outro raminho,
Com quebro natural solfas gorgêa.
Quando mais descuidado
Do ar goza o indulto,
Se acha prezo e atado
No laço ali occulto.
Avezinha infeliz, que com engano
Entre flores tiveste o mayor damno!

O edificio eminente, a torre erguida,
D'arte primor, escandalo do vento,
Que vendo-se das nuvens competida,
Levanta a grimpa ao alto firmamento.
De repente assaltada
Do furacâo vehemente,
A pompa arruinada
Em breve espaço sente.
Dura sorte! que a torre em tanta altura
Sugeita esteja a uma desventura!

Assim o Fidelissimo Monarca,
Da Lusitania Sol resplandecente,
Ao duro golpe de traidora Parca,
A pezar nosso vé-se no Occidente.
Como jardim sem flores,
Qual ave em prizâo dura,

Da tuba nos horrores
Em estancia escura;
Nâo lhe valeu ser torre peregrina,
Para escapar à ultima ruina.

Nove annos resistiu ao fero assalto
Da doença varias vezes repetido,
Se do seu proprio esforço nunca falto,
De auxilio superior sempre assistido.
Nessas adversidades
Tinha a sacra Aurora,
Que das Necessidades
E' divina Senhora,
E do mal contra a furia repetida
De escudos mil foi Torre guarnecida.

De suas forças o braço, que é o direito;
Empenhou a favor da Igreja Santa;
O mal por isso tendo-lhe respeito
Sómente o braço esquerdo lhe quebranta.
Foi alta providencia
Do Senhor soberano,
Se outra vez à pendencia
Tornasse o Otomano,
Que no escudo real das sacras Quinas
Teria o Turco infiel mortaes ruinas.

Esse mesmo feliz e regio braço,
Que com mâo liberal, que com grandeza
Para o culto de Deos nâo foi escaço,
Nem avarento foi para a probeza;
Sempre incorrupto e forte,
Nos seculos futuros

Gozará contra a morte
Privilegios seguros:
Será de Portugal eterno gozo
A mâo próvida, o braço officioso.

Tambem livre de tanta violencia
Viu-se a cabeça por mercê divina,
Que da sabedoria e da prudencia
Com grande admiraçâo era officina.
Jaz agora escondida
Em silencio profundo;
Mas ainda temida
Dos Principes do Mundo;
Que as suas normas no geral conceito
Vivas ainda estâo para o respeito.

Um Rei tâo sabio, um Rei tâo poderoso,
Que dos Vassallos seus por maior gloria
Mostrando-se na Europa generoso
Com a paz soube conseguir victoria.
Deixando ao Mundo absorto
Na morte intempestiva,
Inda depois de morto
E' preciso que viva;
E em sinal de victoria preeminente
O tumulo escolheu em Sâo Vicente.

Mas ah! Musa! suspende o enthusiasmo,
Que deste Rei o transito penoso
Sendo para o Universo assombro e pasmo,
Ha de ser para a Historia assumpto honroso;
E ao discurso a razâo discreta aponta,
Que a fama o tem tomado à sua conta.

Já é, Senhora, forçoso,
Que deixeis pezar tâo justo;
Vivo em vosso Filho Augusto
Tendes o defunto Esposo.

Já que vos deixou com vida,
Senhora, a parca cruel,
Quando roubou de um docel
A vossa Prenda querida:
Como Rainha entendida
Suspendei o mal penoso:
Crede, que em eterno goso
Está vosso Esposo vivo,
Vede que este lenitivo
Já é, Senhora, forçoso.

Bem sei que é justo o pezar
De vos veres dividida
De um corpo, em que tinheis vida
Com uniâo singular:
Mas se elle chega a gosar
Vida da morte sem susto;
Perolas de tanto custo
Reprimi no coraçâo,
Que em tanta gloria é razâo,
Que deixeis pezar tâo justo.

Sei que aquella Magestade,
Sei que aquella gentileza,
Vos ha de causar tristeza,
Vos ha de fazer saudade.
E aqui tambem com verdade

Achais um alivio justo,
Que da verdade sem susto
Dicta o amor e a razâo,
Que tendes ao Rei Dom Joâo
Vivo em vosso Filho Augusto.

Vossa memoria applicai
(Quando eu só me maravilho)
Que do Pai a este Filho
Nenhuma distancia vai.
Vivo o Filho, e vivo o Pai
Venera o Reino amoroso:
Trocai pois a pena em goso,
Que a impulsos de amor activo
Em nossos corações vivo
Tendes o defunto Esposo.

Para o Brazil mostras dar
Da extensâo do seu tormento,
Pede suspiros ao vento
Supplica pruntos ao mar.

O Monarca Lusitano
Joâo o Quinto, sem segundo,
Faleceu, pezar profundo
Sente o Orbe Americano.
Da Parca o golpe tiranno
Vêm-se os bronzes lamentar,
Turbou-se a terra e o mar,
E acalmou em fim o vento,
Inda é pouco sentimento
Para o Brazil mostras dar.

Neste pezar verdadeiro
Quando o Brazil mais se inflamma,
Pede logo à veloz Fama,
Que dê parte ao Mundo inteiro.
E bem que não é primeiro
Em tão justo sentimento;
Com clamores cento a cento
Quer por idéa entendida,
Que o Mundo seja a medida
Da extensão do seu tormento.

Quando se mostra a affliçâo
Em seus pezares crescida,
Causa syncopes à vida,
Desmayos ao coraçâo.
Neste mal, nesta paixâo
Tem o Brazil seu tormento;
Pois que faltando-lhe o alento,
Muda a voz, o peito rouco,
Para respirar um pouco
Pede suspiros ao vento.

Da pena e amor na fragoa
Com lagrimas mil a mil
Receya triste o Brazil,
Lhe falte nos olhos agoa:
E por augmentar a mágoa
Sem dar alivio ao pezar,
Para um perpetuo chorar
Da saudade sem desvios,
Pede lagrimas aos rios,
Supplica prantos ao mar.

IX

P. JOSE DE OLIVEIRA SERPA.

Glosa ao mote de pag. 36.

Do seu Rei, e seu Senhor
Sente o Brasil tanto a morte
Que intenta de alguma sorte
Dar mostras da sua dor.
Deste damno o cruel rigor
Não tem com que comparar:
Toda a terra e todo o mar
Na sua extensão contemplo,
Nem póde haver outro exemplo
Para o Brazil mostras dar.

Tão extensa é sua dor,
Como é sua causa intensa,
E assim fica a mágoa immensa,
Porque era immenso o amor.
De tantas penas o horror

Mal cabe no pensamento:
E por mostrar seu intento
Medir a esféra deseja,
Para que retrato seja
Da extensâo do seu tormento.

Em suspiros se desata
Da sua saudade effeito,
Mas nâo desafoga o peito,
Nem pelo alivio se mata.
Do ar nos páramos retrata
O excesso de seu tormento;
E se fraquea o alento
Do peito na ardente fragoa,
Para esforçar sua mágoa
Pede suspiros ao vento.

Correm lagrimas a fios,
Nâo cessa o continuo pranto,
E com ter chorado tanto,
A mágoa nâo tem desvios.
Os seus dous mayores Rios
Neste pranto ha de esgotar;
E quando em fim quer chorar
A morte de seu Senhor,
Por credito da sua dor
Supplíca prantos ao mar.

Decima.

Chorava Europa em Lisboa,
A America na Bahia,
Africa em Loanda sentia,
Asia lamentava em Goa.

Por todo Orbe a Fama entoa
Com senti mento profundo,
Que este rei sabio e jacundo,
Da cruel Parca troféo,
Se nâo fôra para o Ceo,
Puzera em paz todo o Mundo.

Soneto.

A' perda, em um naufragio, da primeira remessa a Lisboa do Manuscripto acerca destas Exequias.

De America à Europa transportado
Da Bahia o pezar quando se via,
Ao impulso fatal da morte impîa
No crystallino centro é sepultado.

Com violencia das ondas soçobrado
Foi o baixel, que a Historia conduzia:
Sím; porque o sentimento da Bahia
Era grande, era muito, era pezado.

O Bahiense amor ainda accezo
Mostrava no papel a ardente fragoa,
Com que ama ao Rei, da Morte com desprezo.

Tragico fim! mas proprio à nossa mágoa,
Que era fraco o baixel a tanto pezo,
Se a tanto fogo o Mar era pouca agoa.

X.

JERONYMO SODRÉ PEREIRA.

Soneto.

E' morto o Fidelissimo Monarca,
De Lysia amado Rei! quem tal diria!
E' morto; pois já sôa na Bahia
A perda, que nos deu a cruel Parca.

A quanto o Sol rodêa e o mar abarca,
Creyo que a nossa magoa chegaria;
Dos olhos se ausentou; morreu no dia
De Santo Ignacio, o grande Patriarca.

Porém morto o não quer ter a memoria,
Por gozar de Joâo a Magestade
A graça nesta vida transitoria:

Peis mostra a fé mais pia com verdade,
Que elle vivo estará na eterna Gloria,
Nós neste Mundo mortos de saudade.

XI.

Dr. *) JOSE PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE.

Do *Culto Metrico* á Virgem da Conceiçâo, poema de mui pouco merito na verdade, só é conhecido o exemplar da 2ª ediçâo (Lisboa 1760), que possue o Sr. Jorge Cesar de Figaniére. Comprehende o 2º canto com 119 estancias, que nâo se continha na 1ª ediçâo. E' um vol. de XXII—102 paginas de 4º. O 1º canto contêm 89 estancias, das quaes nos limitaremos a transcrever as tres seguintes, que sâo as 56ª, 66ª e 80ª.

Depois em fim, oh Virgem pura e bella,
  Que trouxestes no ventre o Rei da gloria,
  Ficais sem corrupçâo pura donzella,

*) Em Canones, ex-provedor d'Alemquer, alcaide mór de Maragogipe, Secretario do Estado do Brazil e Censor dos Renascidos. Na „Relaçâo Panegyrica", de que fizemos mençâo, se encontra um soneto deste autor.

Tendo-o já dado ao mundo em luz notoria
Fostes divina, scintillante estrella,
Que a luz nos dais melhor para a vitoria:
Mas que muito se o Deos do vencimento
Em vossos braços posto admiro attento.

São vossos braços throno a Deos menino,
E' vosso seio o Ceo, em que se adora,
E sendo de justiça Sol benino
O tornais todo amante, alta Senhora:
Porque se em vós achou o Sol Divino
Throno, Sol, Oriente, Esfera, Aurora,
Mitigou tanto em vós o ser ardente,
Que ficou todo brando o Omnipotente.

Recebei esta offerta limitada
Da minha devoção no sacrificio,
Que em tosca lyra menos temperada
Vos dá do meu dezejo humilde indicio:
Bem quizera que fosse sublimada
A musica que entoo em vosso auspicio;
Mas porque nada posso, como vejo,
Aceitai-me os affectos do dezejo.

XII.

ANTONIO CORDEIRO DA SILVA *)
1752.

Ao Governador Gomes Freire, soccorrendo a Colonia.

Excelso Freire, em cuja illustre vêa
Inda hoje pulla aquelle sangue Hesperio;
De que tanto se anima e lizongêa
Rausona, irmâo do Augusto Desiderio:
Esse, que em Lombardia o sceptro altêa
Com valor tâo ousado, altivo imperio,
Que pretende guerreiro e denodado,
Ser do Mundo terror, do Ceo cuidado.

Vós, a quem o clarim desinquieto,
Porquanto rega o Tejo, ara o Pactolo,

*) Copiamos a composiçâo que damos deste poeta, autor de varias outras, bem como as dos cinco immediatos, do volume „*Jubilos da America*", publicado em Lisboa em 1754 por Manuel Tavares de Sequeira e Sá.

Acclama valoroso, expôem discreto,
Alma de Marte, coraçâo de Apollo:
Pois tanto deste e aquelle Astro inquieto
A Esfera illuminais, luzis o Polo,
Que vos cede contente, alegre doa,
Quando Marte o bastâo, Apollo a croa.

Vós, cujo nome generoso e claro
Mais estatuas merece e mais louvores,
Que marmores branquea a nivea Paro,
Que Arabia cheiros tem, Campania flores.
Em cujo animo esplendido e preclaro
Tantos se admiram éxoticos primores,
Que de nâo costumada, nas que acclama,
Causam vossas acçoens assombro á Fama.

Agora me inspirai, com doce agrado,
Um forte influxo, ûa harmonia fina,
Com que ûa vossa acçâo, de eterno brado,
Possa ao plectro cantar, que a Musa affina:
Que se eu, de vosso espirito animado,
Beber de Pimpla a copia crystállina,
Farei que a voz, por Vós, com fausto agouro,
Seja um clarim de prata, em bocca de ouro.

Era a estaçâo fructuosa, a idade brava,
Em que o fecundo valle, o celso monte,
Dos pomos, que Pomona sazonava,
Enriquecia o seyo, ornava a fronte:

Neste tempo o Pastor de Admeto entrava
No Animal, que mordeu ao destro Orionte:
Turvo o ribeiro o campo discerria,
Bramava o vento, o mar se enfurecia:

Quando, ao mar dando susto, á terra medo,
Com o tremendo poder, copia excessiva,
Sobre a Colonia, intrepido Salcedo,
Se posta ufano, com arrogancia altiva:
E como traz no pensamento lédo
A Praça já sujeita á furia esquiva,
Desta posse na doce confiança,
Olhava com desdem para a esperança.

Campos talando, e montes opprimindo,
Vem de Tapis um corpo innumeroso.
Que em seu soccorro, rege, conduzindo
Um Peruano atrevido e valorozo:
Os quaes, como costumam, despedindo
De suas vozes o estrondo pavorozo,
Lograram, com audace atrevimento,
Ferir o ceo, e estremezer o vento.

Nâo tantas ergue o tumido Oceano
Espumas crespas, na campanha errante.
Quando o cruel Harpactas inurbano
Sobre elle cahe, com impeto bramante:
Nâo tanto um Terremoto deshumano
Estampido levanta ao ceo rotante
Como os Tapis, com estro enfurecidos
Conduzem gentes, rompem em alaridos.

Chegado em fim o campo armipotente
A pôr a nossa Praça em sitio duro,
Planta o ataque em sitio conveniente,
Bate com o voraz bronze o forte muro:
Mas aturando este a furia ardente,
Zomba da bateria tão seguro,
Como o marino escolho burla immoto
Do mar a sanha, a cólera de Noto.

Ao fremído feroz da artilheria,
Que de ũa, e outra parte laborava,
A terra se queixava, o ar gemia,
Bramava a gruta, a penha retumbava:
De temeroso, ao mar retrocedia
O vasto Paraguay a espuma brava:
E até da linda Clicie o Deos amado
Um pouco a luz perdeu como enfiado.

Torna outra vez tyranno o bronze activo
A atormentar o muro reluctante.
Com força tão cruel, trato excessivo,
Que muros desfizera de diamante:
Mas não se perturbando o muro altivo
A tanto affar ardente e resonante,
Pelas boccas do cobre ignipotente
Responde ao dâno, em dâno mais vehemente.

Mas sendo do Inimigo a insistencia
Cada vez mais atroz e mais ignita
Bem que provava dura resistencia,
Com ella mais se aggrava, e mais se irrita:

E assim com pertinace, ardua violencia,
Do canhâo tanto as projscçoens excita,
Que conseguio, em horrida batalha,
Lançar por terra um lanço da muralha.

Acodem logo os bravos defensores
A reparar do muro a destructura,
Qual costumam os Dèdalos voadores
Redimir de suas cellas a rotura:
Alli de Lysia aos emulos mayores
Mostraram com coragem ardente e dura.
Que onde estâo Portuguezes valorosos
Frustraneos sâo os muros alterosos.

E bem que em nós, com anĩmo sanhudo,
Com ousadia furibunda e intensa,
Tâo valente é a espada, como o escudo,
Tâo forte a offensâo, como a defensa:
De Hespanha agora ao capitâo membrudo.
E do Tapi arrogante á turba immensa.
Lhes mostrámos, com rápido ardimento,
Que era mais o valor que o soffrimento.

Ao campo saem, de seu peito armados.
Os Lusitanos rîgidos e austeros,
E quanto encontram, prostram denodados.
A quanto se lhe oppôem, derrubâo féros.
Por toda a parte vibram, de esforçados.
Estocadas crueis, golpes severos:
Quanto aos olhos se expôem, quanto aos ouvidos,
Sâo cabeças truncadas e ais sentidos.

Repetem as sortidas e os rebates,
E em todos foi unanime o successo,
E so houve differença nos debates,
Foi fazer-se o valor reo pelo excesso:
Dam-lhe tâo asperissimos combates,
Fazem nas armas tâo gentil progresso,
Que parece que Marte, em seu reforço,
Seus peitos arma de seu proprio esforço.

Assim fulminam golpes sanguinarios,
Assim vibram o alfange furibundo,
Como quando, com rayos temerarios,
Jove os montes soterra, ameaça o mundo:
Tanto nos choques, nos encontros varios
Seu valor acrieolam indignabundo,
Que Cadmo na seara de seus dentes
Nâo viu colheita de homens mais valentes.

E como avaliavam por injuria
Da Praça o cerco férvido e tremendo,
Com mais sâgue do que agoa leva o Turia
Determinam lavar o aggravo horrendo:
Nâo perdoando por isto a raiva, ou furia,
Tantas clades e estragos vâo fazendo,
Que inda que foi immensa a culpa ou reato,
Sobejou a vingança ao desacato.

Nâo cessou neste tempo o som terrivel
Da Lusitana tuba bellicosa
De incitar ao conflicto atroz e horrivel
A gente mais que todas valorosa:

Nem cessa a Lusa espada irresistivel
De mostrar-se tâo crua e sanguinosa,
Que com o sangue, que verte, e que se perde,
Trocou, em mar vermelho, o campo verde.

Querer contar os golpes e as feridas,
Que o braço Portuguez deu duro e forte
Quantas Indas alli, Iberias vidas
Exhalaram o vigor, bebêram a morte;
E' numerar as furias dos Atrîdas,
E' supputar as iras de Mavorte:
Nâo o estranhem os doutos e eruditos,
Pois foram os golpes mais do que infinitos.

Já maldizêndo a Coya Peruana,
Já imprecando o capitâo da empreza,
A Indica Naçâo e a Castelhana
Cedem ao valor da gente Portugueza:
Tambem Salcedo a arrogancia ufana
Das nossas armas cede á gentileza:
E um temor concebendo imbelle ou Scythio,
Desceu da opiniâo, e ergueu o sitio.

Desiste da cruenta e dura guerra,
E da empreza cessando endurecida,
Avictoria nos deixa e a terra,
Contente de nos nâo deixar a vida:
Já por uma, e por outra estancia erra
Com tâo fero pesar, dor tâo subida,

Que no mal, que o perturba e que o assombra,
Por mais horrivel tem a luz que a sombra.

Alegre, claro, triste e macilento
Para nós, e Hespanhoes foi este dia:
A nós de gosto, a elles de lamento,
A uns do applauso, a outros de agonia:
Declarado por nós o vencimento,
Por elles declarada a sorte impia,
Da Quinta Esfera o Deos croa e reveste
A nós de louro, a elles de cypreste.

Desta luzida e prospera victoria,
Deste tropheo sumptuoso, altivo, eterno,
A quem, se nâo á vós, se deve a glória,
Quem, se nâo vós, foi delle o author superno?
Vós, a quem nos archivos da memoria
Ha de guardar o evo sempiterno,
Com valor, que influido a todos salva,
D'aquella Elvas fostes o Marialva.

Vós fizestes, dynasta esclarecido,
Com os esforços da vossa vigilancia,
Que o Salcedo arrogante e atrevido
Nâo fosse o Scipiâo dessa Numancia:
A excessos do valor reproduzido,
Para opprimir-lhe a barbara jactancia,
Conseguistes estar, sem ceremonia,
Juntamente no Rio e na Colonia.

Vós sempre aquella praça petrechastes
De muniçoens, de viveres, de alentos;
E peloque antevistes e avizastes,
Viu baldados Salcedo os seus intentos:
Tâo prompto nos soccorros vos mostrastes,
Prevenistes tâo breve os provimentos,
Que em ûa, o outra, aquella, esta occurencia,
Vencia ao pensamento a diligencia.

A nâo ser, Claro Freire, o vosso aviso
De tâo illustre e superior esfera,
A nâo ter o valor, que em Vós diviso,
De Marte a condiçâo, que esforços gera;
Fora da sorte o dâno tâo preciso,
Que a Colonia se entrara ou se perdera:
Com que ou fosse valor, aviso, ou traça,
Vós fostes redemptor d'aquelle Praça.

Por isso, ó Freire generoso e illustre,
Por isso, ó Lusitano excelso Marte,
Desse triumpho, que nunca o tempo frustre,
Comvosco a melhor parte o Ceo reparte:
Que como lhe influistes ser e lustre,
A vós se deve a mais luzida parte:
Qual producçâo de serra diamantina,
Que mais deve ás estrellas, do que á mina.

Se pois por esta acçâo gloriosa tanto
Vosso Nome modûlo peregrino
Com grosseiro furor, com humilde canto,
Em plectro menos aureo, e menos fino:

As mais acçoens, que são da fama espanto,
Cante engenho mais attico e divino,
Té que de vosso nome sem segundo
Seja annalista o sol, volume o mundo *).

*) Este poeta, bacharel em Canones, e capitão de Infanteria do Rio de Janeiro, deixou mais um soneto e um romance hendecasyllabo a este assumpto, e outro romance analoga á Conceição da Virgem, que com o titulo de „*Maria Immaculada*" publicou em Lisboa em 1760, em XXXII-68 paginas in 4. Innoc. I, 114.

XIII.

ANGELA DE AMARAL RANGEL.

(Cega de nascença.)

Soneto.

Illustre General, vossa Excellencia
Foi por tantas Virtudes merecida,
Que, sendo já de todos conhecida,
Muito poucos lhe fazem competencia:

Se tudo obrais por alta intelligencia,
De Deos a graça tendes adquirida,
Do Monarcha um affecto sem medida,
E do Povo úa humilde obediencia:

No catholico zelo, e na lealdade
Tendes vossa esperança bem fundada;
Que, na prezente e na futura idade,

Ha de ser a virtude premiada
Na terra com feliz serenidade,
E nos ceos com a gloria eternizada.

Romance lyrico.

Fundar casa para Dios
En un desierto pais,
Solo una Illustre Excelencia
Lo pudiera conseguir.

Hazer corte a un desierto
Tan opulenta, e feliz,
Que de octava maravilha
Bien pudiera presumir.

Es esa fabrica hermosa
O ese hermoso pensil
De candidas Asucenas
Un bellisimo jardin.

Corte de la Primavera,
Adó siempre hade asistir
Sin dependencias de Mayo,
Y sin favores de Abril.

Pues corre por vuestra cuenta,
A ese Vergel conduzir
Divinas flores que el Alva,
No las pueda competir.

Es un nuevo Paraiso,
Porque se suele dezir,
Que es cada Theresia un Angel,
Cada Monja un Serafin.

Dó, apezar del Inferno,
Hande brillar y luzir
Prodigios de ciento en ciento
Virtudes de mil en mil.

Dese sagrado Palacio
Quiziste el nombre excluir,
Que no quizo la modestia
Tal vanidad consentir.

Diziendo que solo à Dios
Se ha de alabar y servir,
Que solo su nombre santo
Alli se ha de proferir.

Vivid edades Nestorias
Gloria de Vuestro Brasil,
O como el Ave de Arabia,
Que muere para vivir.

XIV.

Dr. SIMAO PEREIRA DE SA *).

Pulse o plectro o Canóro movimento,
Calliope me inspire novo alento,
Ferindo o firmamento o ecco agudo,
Que o Catadûpa intenta fazer mudo;
E animado de força poderoza,
Cantará minha Musa sonoróza.
Jà levo á bocca a trompa,
E os ares tanto rompa,
Que rouca por cantar e emmudecida,
Admirada se fique, ou suspendida.
A clara Aganippe encrespando escumas
Levante de crystal flamantes plumas:
Tambem por Primaveras
De purpuras se vistam as esferas.

*) Deste fluminense encontram-se na mesma collecção outras composições mais. Vimos tambem de sua penna, em manuscripto, os *Conceitos jocoserios*, em 25 cartas em prosa (a primeira acerca do incendio do convento de S. Bento), e as *Erudições Jocosas* em verso.

Que o Principe do dia, e mais das luzes,
Sahindo dessa quarta galerîa,
Por Freire illustra a douta Academîa.
Estatuas lhe levanta,
Applausos lhe decanta,
Porque, fundando em Deos a mór ventura,
Em templos, seus agrados mais procura:
Virtude sem segunda,
Que só em Deos se funda,
Confessando discreto,
Que quem a Deos dá tudo totalmente
Logra os timbres na terra de prudente,
E lá no sacro Empireo patria eterna,
Os gostos, premios, gloria sempiterna.
Em Maximas Christãas tão singulares,
Que rompendo assombrozas esses ares,
Um heróe, um Antêo o mundo acclama,
Por mil boccas tambem o julga a Fama.
Desse barbaro feroz e arrogante
Sua espada valente e militante,
Será, com feliz sorte,
O que dezate e corte
Outro Gordio mais cego que o valente
Macedonio cortou com mão potente.
Agora mais que aquelle soberano,
Sendo o credito, e o lustre Lusitano,
Alexandre segundo,
A vossos pés rendido todo o mundo,
Vos acclamam sem força, nem violencia,
Primeiro luminar do Luzo Imperio,
Que o sceptro segurais neste hemisterio.
Se na passada idade

Vos conhecêra o seculo dourado,
Alma foreis de Marte celebrado,
Como altiva publîca (e ainda diz pouco)
A Marcial consonancia estrondo rouco.
Explendor sem segundo,
Que coraçoens attrahe do novo Mundo,
Sacrificios vos rendo tâo devotos
Que ennobrecem os cultos a meus votos,
Pois trazendo á memoria,
Dia tâo fausto em repetída gloria,
O silencio será, em bello espanto,
Vegetavel volume do meu Canto.

XV.

P. ANTONIO JOSE GOMES DA COSTA.

Ao Secretario da Academia dos Selectos
M. Tavares de Sequeira e Sa.

Dispende, Apollo, desse sacro Coro,
E altivo em tudo, as luzes, que te imploro,
Para meu desempenho,
E lustre, em fim, cabal do meu engenho;
Sendo encomio, que pede, este tâo grave,
Nobre Musa, alta voz, lyra suave.

Para assumpto elevado,
Que plectro era melhor, mais sublimado,
Que essa lyra com vozes sempre bellas,
Que pulsa encordoada entre as Estrellas?
Solta pois a corrente
Dessas agoas do Pindo, transparente.

Doce Canto formára:
Mas quem me nâo notára

Fazer, com novo espanto,
De assumpto festival nocturno Canto,
Tocando lyra, bem que acórde toda,
Que só da noite á solfa se accomoda?

A tudo expôr-me quero,
Só porque, em fim, applauda a quem venero.
Apollo me acompanhe,
Porque altivos louvores desentranhe,
Ao compasso da lyra,
Meu peito, que contente hoje respira.

E' Tavares o objecto,
A quem louvar pretende o meu affecto,
A elle hoje as minhas vozes
Em fugas se terminam mui velozes;
Pois é de seu talento a galhardia
Brazâo de Apollo, lustre de Thalia.

Aqui meu instrumento
Parára obsequiozo o seu concento
Inculto e desabrido;
Se, do seu plectro aos rasgos suspendido,
O nâo julgasse o mundo, sem engano,
Doce Amphiâo, discreto Lusitano.

Por isso continúa
Ainda o seu toque a lyra, que gradúa
Feliz a vossa dita,
Comque na Academia se acredita
Vosso Nome immortal, ó generozo
Tavares, de Helicon Principe airozo.

Agora immortaliza
A Fama a vossa penna, que eterniza
A vossa gloria, quando
Da vaga Trompa o brado reforçando,
Qual gigantino dedo, em voz preclara,
Indice faz da corpulencia rara.

Só Vós, douto Tavares,
Que Apollo vos dedique seus altares
Mereceis por exemplo
A Post'ridade, e que em seu nobre templo
Vos colloque por brio;
Pois o confessa assim todo este Rio.

Nos Annaes celebrados
Esta gloria (porque perpetuados
Fiquem vossos louvores)
Se assente; porque a Fama aos vividores
Applausos vossos, cante, em voz notoria,
Immortal o louvor, eterna a glória.

XVI.

Dr. RODRIGO DE SEIXAS BRANDÃO.

Sonetos.

1°.

Fugir á ostentaçâo, que o mundo estima,
Desprezar o louvor, que o genio abraça,
Nâo é da terra productiva graça,
E' virtude especial, que vem de cima.

Andrada o nome occulta, quando gnima
Um novo Ceo na terra. Há quem tal faça!
Se em qualquer invençâo, que o homem traça,
Quer logo que o seu nome se lhe imprima.

Como por Deos na terra o nome occulta,
Melhor o manifesta, sem vaidade,
Pela gloria immortal, que lhe rezulta;

Porque do animo pela heroicidade,
Com que a expressâo do Nome difficulta,
No grande livro o expôem da Eternidade.

2°.

Por armas, cujo sequito excitava
De Gomes Freire o espirito animozo,
As letras repudîa, em que famozo
Alumno de Minerva se ostentava:

Ao belligero estrondo o affervorava
De seus antepassados o gloriozo
Nome excelso, que em lance victoriozo
Conseguiram, e Gomes só prezava.

Mas sendo armas, ou letras, geralmente,
As que fazem ao homem conhecido,
Fez-se em letras por armas excellente;

Porque quando dos seus segue o partido,
Quem duvîda que entâo gloriozamente
As armas lhe daô nome de entendido.

XVII.

Dr. THOMAZ RUBY DE BARROS BARRETO.

Sonetos.

1º.

Quebra-se o bronze, a pedra se arruina,
Consome-se o buril na eternidade,
A inscripçâo, monumento, a antiguidade
Tudo acaba, tem fim, tudo termina.

Do que a Deos se tributa e se destina,
Querer parte, nâo é de heroicidade,
Antes sim é vangloria, ou é vaidade,
Que na infame jactancia predomina.

Dá a Deos este heróe um templo, e hospicio;
E porque das offertas nada tome,
Até das inscripçoens faz sacrificio.

Mas julgo, porque as glorias bem lhe some,
Que occultar o seu nome no edificio,
Foi meio de exprimir mais o seu nome.

2°.

De fortes inimigos nâo se alcança
O triunfo só a estîmulos do braço,
Mais faz a diligencia e o cansaço
De um general de próvida ordenança.

A faltar o conselho, ou ter tardança
Servirá o valor só de embaraço,
Sendo o estrago primeiro, que o ameaço,
E perda, o que até alli era esperança.

Nâo padeceu tâo triste e infausta estrella
A Colonia immortal do Sacramento
Sitiada das Armas de Castella.

Pois teve para o fim do vencimento
Deste heróe diligencias por cautéla,
Direcçoens de seu grande entendimento.

XVIII.

ANTONIO JOSE VAZ *).

Cantico.

Em acçâo de graças a Deus, no dia anniversario do natalicio de Principe regente (13 de maio 1810).

Causa das Causas Portentoso Ente,
Por Quem reinam os Reis,
E o mais amavel PRINCIPE REGENTE
Numera justas Leis:
Bem como conta venturosos annos,
Porque exultam fieis Americanos.

De Saturno, a cantar-te aspira a Muza,
Passar o anel chumbado,

*) Na propria dedicatoria diz: „que todos os fieis vassallos brazileiros *devemos*“ etc.

E sem recear encontros de Meduza
  No vôo arrebatado,
Na regiâo, que monstros nâo rezerva,
Vai ver auspicios da melhor Minerva.

Já me sinto elevar sobre as esferas
  Desses nadantes mundos,
As orbitas já deixo, as atmosferas,
  Desses Globos rotundos;
Já chego ao Ceo das nitidas Estrellas,
Aonde o Astro que invoco as faz mais bellas.

Tu me inspiras, beneficia me inflammas,
  Aurora Soberana:
Minha Alma toda electrizada em chammas,
  Fervida e ufana,
Nâo teme de trazer fogo do Ceo,
Melhor que Richeman, que Prometheo.

Tu que na lente ustoria da malicia,
  Voltar abrazadores,
Da popular prezumes impericia,
  Os raios criadores
Da revelada Luz, encaminhante
Da razâo sempre fraca e desvairante.

Tu agora mortal; que entorpecido
  No orgulho do Atheismo,
Cerrando a vista, ensurdecendo o ouvido,
  Segues um scepticismo;
Eu te obtesto, que attendas ao meu Hymno,
Verás nas obras um Author Divino.

Em duplice vertigem se movia
  A machina do mundo *),
E o ar, que a atmosfera lhe cubria
  Movia-se segundo
As Leis de atracçâo e gravidade,
Que o Grande Pai lhe impoz da Eternidade.

A opaca Lua, Satelite constante,
  Os passos lhe seguia;
E á proporçâo, que ao Sol firme e distante,
  Voltava-se, ou fugia,
Ora dias e noites se alternavam,
Ora as estaçôes se transmutavam.

No grande e no pequeno se admirava
  A Sabia Providencia;
O insecto, o Elefante, indicios dava
  De tanta Omnipotencia,
Que de atomos formára os Elementos,
Principios de tantos mil portentos.

Da antiga noite desse cahos horrendo
  Surgira de repente
Um theatro de prodigios estupendo,
  Que transportava a mente;
Já toda a Natureza proclamára,
Um Deos Grande, que o plano lhe traçára.

Que linhas bem tiradas a infinito:
  Do centro da materia!

*) Dito por hypotese.

Que luzimento aos Astros circumscripto
  Na regiâo etheria!
Que pezos graduados, que excellentes
Proporçôes, aos fins correspondentes!

Que solidos em fluidos nadantes
  Opacos e sombrios,
Nos espaços, que Astronomos errantes
  Supporiam vazios!
Que voloes inflammados, d'onde os raios
Sahindo troam nuncios de desmaios!

Que depozito immenso e espantoso
  De agoas e de neve?
Que alastrado granizo montuoso,
  Que se sustenta leve,
Sobre os ares ramosos, d'onde os ventos
Ou resonam, ou surgem violentos!...

Mas, onde vás, o Musa, arrebatada
  As nuvens traspassando?
Acazo em mar e terra authenticada,
  Nào pódes ir mostrando
A mesma idéa da GRANDE OMNIPOTENCIA?
Que em tudo fez sellar sua Providencia?...

Abatte um pouco as azas, e observando
  A esferoida figura
Da terra a que os mares rodeando,
  Lhe formam a estructura,
Olha que admiravel symmetria,
Que engenhosa e sublime Geometria!...

Tu já te remontaste a essas Estrellas,
  Agora aos fundos mares
Ah? desce a contemplar coisas tão bellas,
  Como viste nos ares,
Olha como da Lua pelo influxo,
Bolindo estão as Ondas em refluxo!...

Ai, se ellas dormissem estagnadas,
  Que malles causariam!
Pelo Sol em vapores exhaladas
  Tudo empestariam....
Mas, aqui vem Prometheo todo cansado,
Conduzindo o rebanho de seu gado.

Olha que vasto Imperio numerozo
  De mudos differentes?
Ricas perolas, o aljofar precioso,
  Corais mais excellentes,
Tudo se cria neste humido Elemento,
Que pasmo, que prodigio, que portento!

Porém que novo encanto me surprende!
  Que vistas sobre a terra!
Que nova maravilha que transcende
  Quantas Natura encerra?
Um Ente de mais alta dignidade
Eu diviso em quem brilha a Divindade.

Eu o vejo de aspecto magestozo,
  Sublime e levantado,
De graças mil compendio volumozo,
  Universo abreviado;

Que obra, não por instincto maquinal,
Mas por ordem de uma, Alma racional.

Eu o vejo absoluto Soberano,
  Cuja voz dominante
Dispoem dos Astros, Ventos e Oceano,
  Vejo que a turba errante
Dos animaes indoceis lhe obedece,
Que tudo aos seus desejos comparece.

Eu o vejo em Campo delicioso
  De flores matizado,
Aonde destilla aroma especioso
  Um cheiro delicado;
E as abelhas amigas da fragrancia,
Fabricam sempre meliflua abundancia.

Onde Ceres, Pomona, o seu thesoiro
  Abrindo lhe offerecem,
E as ricas messes e os pomos de oiro
  A um tempo madurecem;
Onde em fim sempre reina a Primavera,
E do Inverno o rigor já mais se espera.

Mais ai, que neste bello Paraizo,
  Em fontes cristalino,
Lá tropeça no espelho de Narcizo,
  E julga-se Divino:
Lá perde as graças, perde a formosura,
Ri-se a Serpente, e se abre a sepultura.

Plantar podéste em fim, monstro horrorozo,
  Do Erebo a semente

No mesmo Coraçâo, que respeitozo
  Devêra obediente,
Adorar dentro d'Alma a Divindade;
Insuflando-lhe a tua vaidade.

Viste nelle as bellas excellencias,
  Que orgulhosa perdeste,
E ardendo em zellos mil, em displicencias,
  De um pomo te valeste,
Para inspirar desejos tenebrozos,
Que impedissem progressos gloriozos....

Porém.... que aguarda a Urna dos Decretos
  Do Soberano Ente!...
Mal pensaste os Arcanos mais Secretos
  Mortifera Serpente...
Teus improbos prestigios, tua maldade,
La vâo formar um triunfo á humanidade.

Eis, desce um Deos, que vem a humani-
zar-se
  Victima da obediencia:
Eis, sobe o Homem já a divinizar-se
  Nos braços da innocencia,
Olha de que esplendor, nova belleza,
Nâo se reveste a humana natureza!...

Mas que... do negro baratro appareces
  De novo te arastrando,
Imperios, honras vâs que lhe offereces
  De là vens cogitando!...
Infando monstro a tanto te atreveste,
A teu Deos e Senhor tentar pudéste?...

4

Nâo vês que em hypostatica Igualdade,
De um Deos a Natureza,
Se uniu, por confundir-te, á Humanidade?
Vacillas na incerteza?
Ouve a repulsa . . . espera . . . nâo te espantes . . .
Está escripto em purissimos diamantes. . . .

Fugiu, fugiu a Serpe exasperada,
Largando-lhe a victoria,
Mas, porque fosse a obra consumada,
Quiz por maior glória,
Que o Labaro da Cruz fosse arvorado,
E com seu proprio sangue rubricado.

Que assumpto para os Anjos! . . . Deos Eterno,
Que a tua Imagem bella
No Principe nos déste o Pai mais terno,
Que todo se desvella
Por formar as delicias dos humanos,
Ditosos lhe dilata os seus bons annos.

Sustenta-lhe, co'a Regia Investidura,
Os dons da Realeza;
Os dons de Sapiencia e de cordura,
Justiça e Fortaleza;
Porque nos desempenhe sempre grato,
Teu Grande Original de que é retrato.

XIX.

SALVADOR DAS NEVES.

Natural do Recife.
1816.

Hymnos Sacros *).

Deos vos salve, Excelso
Filho de David,
No Passo do Horto
De Gethsemani.

Nesse triste Passo
Começou Jesus
A obra, que vai
Consummar na Cruz.

*) Damos somente, como amostra, estes ao Senhor dos Passos, deixando os outros, á Virgem do Rosario, juntos no mesmo folheto.

Para nosso bem
Cheio d'afflicçâo
Fazia a Deos Padre
Fervente Oraçâo.

Para nos salvar
Bem se compromette
Entre as agonias
Do Monte Olivete.

Prompto o seu Espirito,
E sempre constante;
Sua carne enferma
Quasi agonizante.

Por nós derramou
Em grande effusâo
Seu Sangue coado
Em transpiraçâo.

Pelo vosso Sangue
Vertido no Horto;
Dai ás nossas almas
Da graça o conforto.

*

Deos vos salve, Filho
De Deos d'Abrahâo,
No nocturno Passo
Da vossa Prizâo.

Divino José
Tâo esclarecido
Por vossos Irmâos,
Já prezo e vendido.

Sois Templo animado,
Sois Arca de Deos,
Entregue por odio
Aos máos Filisteos.

David Sacrosanto
Entregue aos abalos
Das mâos dos seus mesmos
Rebeldes vassallos.

Affrontoso golpe
Por todos foi visto
Darem por desprezo
Na face de Christo.

Por que nâo seccaste
Sacrilega mâo,
Como succedeo
A Jeroboam?

Prendei a minha alma
Sempre ao vosso lado
Para nâo cahir
Já mais em peccado.

*

Deos vos salve, Autor
Dos dias e noites,
No tremendo Passo
Dos crueis açoites.

Nesse horrivel Passo
Mandam que se puna
A Christo innocente
Atado á columna.

Os crueis verdugos
De Jesus raivosos
Lhe deram açoites
Os mais rigorosos.

Não são mais ferozes
Crueis leopardos,
Do que foram esses
Algozes malvados.

Qual manso cordeiro
Soffreu muitas dores
Por tantos cutelos
Dos seus matadores.

Do Sagrado Corpo
Já todo exangue
Por tantas feridas
Gotejou seu sangue.

Pela penitencia
Minha almà se una
Comvosco no Passo
Da forte columna.

*

Deos vos salve, ó Rei,
Entre desalinhos,
No amargo Passo,
Da Coroa d'espinhos.

Assim nesse Passo,
Jesus Soberano,
Foi feito o opprobrio
Do genero humano.

Tolerou constante
O mais doloroso
Deliquio mortal,
Martyrio penoso.

Serrados seus olhos
De dor opprimidos,
Banhados em Sangue
Quasi amortecidos.

Sois nosso Divino
Grande Salomâo
Mesmo no ultraje
Da vil c'roaçâo.

Cubram-se de pejo
Os nossos semblantes
Pelas nossas culpas
A Deos aggravantes.

Pela gravidade
Dos vossos tormentos
Apartai de nós
Os mâos pensamentos.

*

Deos vos salve, Christo
A todos notorio,
No tyranno Passo
Do falso Pretorio.

Perguntou Pilatos
Ao povo fallaz,
Qual queriam vivo
Christo, ou Barrabaz?

O povo insensato,
Tâo maledicente,
Condemnou ao Filho
Do Omnipotente.

Todos o desprezam
Com más expressôes,
Como a um objecto
De mil maldiçôes.

Novo Mardoquêo,
Sem culpa, nem vicio
Condemnado á morte
Do féro supplicio.

Ferido e chagado,
Dos pés á cabeça,
Inda querem que
Seu tormento cresça.

Por essas palavras,
„Eis-aqui o homem“
Livrai-nos dos males,
Que aos povos consomem.

*

Deos vos salve, ó Justo,
Com culpas impostas,
No penoso passo
Da Cruz sobre as costas.

Se as portas de Gaza
Carregou Sansâo,
Christo leva a Cruz
Para a Redempçâo.

Novo Eliacim
Ensanguentado
Carregando a chave
De David Sagrado.

Verdadeiro Izaac,
Para nós propicio,
Carregando o Lenho
Do seu sacrificio.

Vai todo em silencio
O homem de dores,
Qual ovelha entre
Os tosqueadores.

Tâo desfalecido
Tristes Passos dá
O victorioso
Leâo de Judá.

Qualquer de nós outros
Tome a sua Cruz;
Sigamos os Passos
De Christo Jesus.

*

Deos vos salve, ó Verbo
Divino encarnado
No ultimo passo
Já crucificado.

Pela luz da Fé
Contemplai e vede
O Justo Ismael
Morrendo de sede.

Divino Moysés
Com seccura e magoa,
Quem fez borbulhar
Dos penedos agoa.

Com voz moribunda
Quasi intercadente,
Pelos inimigos
Orou geralmente.

Dos Seus tristes passos
Consummou o gyro
Na Cruz exhalando
O final Suspiro.

Eu fui que dei morte,
Por minha maldade,
Ao Filho de Deos
Com impiedade.

Deste Abel o Sangue
Pede com clamores
Só misericordia
Para os peccadores.

XX.

PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO E BRITO.

Aos annos do Principe D. Pedro.
Em de 12 outubro de 1820.

Elogio.

Na quadra em que o colono o premio aguarda
Dos vertidos suóres; quando baixam
Os íncolas do Olympo conversaveis
De Lysia aos Campos, que brilhante scena
Os olhos arrebata! Aqui nos hortos
Verga Pomóna ás arvores os ramos
C'o dôce pêso dos corados fructos;
Ali reluz por entre verdes parras
O rôxo bago, que Lyeu criára
Nos combros racimosos; além Céres
C'os pâes que enlourecêra alastra as eiras
D'ellas em tôrno o segador singelo,
Singelos villancêtes modulando,

Ora empunha o mangoal, ora o g'ravanço,
Em quanto a terna espôsa, e a tenra próle
Manejando a joeira o trigo estrema:
Em longo fio da Collina désce,
De cachos carregado o vindimeiro,
Em números atados descantando
Gratos louvôres de Seméle ao Filho:
Reina a abundancia, e co'a abundancia reina
No sêio do colono alma alegria.
N'esta quadra opulenta em que os celícolas,
Como á porfía os campos enriquecem,
Do Tronco Bragancez, Lysia, tu viste
Brotar nos campos teus um novo Fruto,
Mais que todos gentil, mais prestadío:
Sálve, Lucina amiga, o Luso Pôvo
Por Dom tâo rico graças mil te rende.

De exquisito donaire ataviada,
Tithónea hoje se ergueu do níveo leito,
Risonha abrindo ao Pai c'os róseos dedos,
As claras portas do cheiroso Oriente.

Sàlve, Fructo adoravel, firme abono
D'Arvore annosa, d'Arvore Sagrada,
Que Lysia ampara, que o Brazil abriga,
Co'a vicejante magestosa Cópa:
Sálve Próle de Reis, que aos Reis da Terra
Inveja foram, foram Nórte e Rumo
Na de Póvos reger arte sublime.
Do Vate a mente no Appollíneo arroubo,
Éras invade, arcanos descortina,
Fórça os umbraes do carrancudo Fado,
Abre o férreo volume, e lê Futuros!

Espelha-Te no Pái, fiel transumpto
Dos Claros Seus Avós, João reúne
A cópia ingente das Reaes Virtudes,
Que os fez do Mundo assombro, e amor dos Lusos:
Quaes Elles foram, Tu serás um dia.

Eia, exulta, Brazil, ditosa plaga,
Que em teu opímo juvenil regaço,
Tal Fruto, antes Thesouro, agora encerras!

Debaixo d'outro Céo a luz primeira
O Regio Fruto viu; auras Celestas,
Dôces orvalhos, adequados succos,
Ali bellesa e nutrição Lhe deram:
Mas o Braço invisivel, que do nada
Tirou os Orbes, e immutaveis regras
Aos Orbes prescrevêu; ante Quem dóbra
Quanto é feitura Sua, não consente,
Que o chão fecundo que nascer O vira,
O veja sazonar; essa ventura,
Região de Cabral, a ti foi dada!

N'esta do novo Mundo porção larga,
Com a qual foi tão pródiga Natura;
N'este terreno que no plaustro de oiro,
C'os raios verticaes Phebo visita;
Onde o Sexto João, o Pái da Patria,
O Grande, o Pio, o Compassivo, o Justo,
Lançou eterna báse a Throno eterno
Verão os filhos nossos, nossos nétos
Reinar o Excelso Pedro, e a Stirpe sua.

Do Augusto Pái altas lições bebendo
Leis na Terra dará dos Céos trasidas,
E as Éras de Saturno fabuladas,
Hão de Verdade ser reinando Pedro.

De remótos dominios, de conjunctos,
Contino affluirão Póvos e Póvos,
Guarida procurando em Seus Dominios:
Nações hão de almeijar Sua alliança;
Para seu Rei, Nações hão de querel-O;
E o Mundo tem de ser de Pedro o Imperio

Principe Egregio, os cem Clarins da Fama,
Hão de cançar, Teu Nome pregoando;
Sobêjo assumpto aos que perfilha Apollo,
Irás dando, Senhor, até que nasça
Novo Camões que Te arrebate aos Évos:
Qual é Teu Coração, sereno e puro;
Qual Tua Mente, luminosa e vasta,
Tal seja a têa que Te fie Clotho!

XXI.

JOSÉ PEDRO FERNANDES.

Ao regresso de Pedro 1º da Bahia (Abril de 1826).

Nos braços da indolencia não se nutrem
Homens, quaes Deoses, que de espaço a espaço
Vem, combinando tempo, e circunstancias
Dar novo arranjo ao quadro do Universo,
Fazer uteis, activas, productoras
Massas estereis de existencia inhabil.
Só de esforçadas, colossaes fadigas
Brota possante o celebre renome
Dos grandes Genios, que rompendo ousados
Cerrada turma de apinhadas trevas,
Em Chefes de Nações, ás Nações deram
Força, Grandeza, Liberdade, e Gloria.

Mas onde esses Heroes! Acaso existem!
Das lousas sepulcraes resurgiriam
Lucidas Phases do Romano Imperio?

Tomariam talvez nova existencia
Gregos, Latinos, venerandos feitos?
Veremos renascer os aureos tempos,
Em que Tito deu Leys, deu Leys Aurelio?
Nâo que do tempo a roda nâo desanda;
Porém novas acçôes, portentos novos,
D'esse antigo esplendor o brilho eclipsam.

O Imperio do Brazil nas Mâos de Pedro
Abriu principio de épocas sublimes.
Entre os Gigantes dous, entre os dous Rios,
Cancellos que lhe poz a mâo do Eterno,
Avassallada a furia das revoltas,
Sobre extenso horisonte relampeiam
Dias sem mancha em seculo de assombros.

Lá vejo a Primogenita briosa,
Da audacia de Cabral trofeo primeiro,
Mal podendo suster commoçôes d'alma
Fervido impulso de prazer supremo,
Apertar contra o peito, contra os labios,
Cobrir de ternas lagrimas de gosto
A bemfeitora Mâo, que soube dar-lhe
Existencia de Heroes. Patria sem ferros.
Lá ouço o som dos eccos repetindo:
„Eis-Me entre vós: Sou Grato aos vossos feitos
„Eis-Me entre vós: falai-Me com franqueza;
„O vosso Defensor Ha de Attender-vos.
„Os votos do Brazil sâo os Meus votos."
Lá sinto um terno Adeos . . . . Breve que fosse
Tem azedume tal.... Nós o provamos:

Embóra o coraçâo guardasse a imagem....
Sâo quasi morte ausencias tâo sentidas.

Mas nova scena em extasis me enleva!
Eis o momento suspirado ha muito:
Eis outra vez nas margens do Janeiro
O Terno Amigo, o Defensor da Patria,
A doce Mai do Brazileiro Povo,
E a Princeza gentil delicias nossas.

O Amor, a gratidâo, o gosto, o instincto
Ao jubilo geral dâo largo impulso.
Livre expansâo do ardente enthusiasmo
Na voz, no gesto, nas acçôes, e em tudo
Magica verte deleitoso encanto.

A pura, a verdadcira Liberdade
Foragida de um Mundo turbulento,
Onde licença atroz, porçâo do Inferno,
O nome lhe infamou por varias fórmas,
Fugiu para o Brazil, veio asyllar-se
No codigo immortal das Leis de Pedro
A salvo do naufragio e das tormentas,
Já vê sem susto acapellar-se ao longe
O pavoroso mar, em que rebramam
Vagas feroces de paixôes sem freio.
Já sente a salvo o retinir dos ferros,
Dos ferros por mil vezes preparados,
Em vituperio seu, mesmo em seu nome.

Nestas, sem termo, deleitosas Plagas
Os fóros da Razâo nâo sofrem jugo.
Prole celeste da moral dos Numes,

Contente o coraçâo gosta entre os risos,
Serenos risos de um Governo affavel.
Aqui nâo vemos disfarçados Linces
Segredos prescrutar nos seios d'alma,
E em falha a sediçôes, que denunciem,
Sediçôes extrahir da propria mente,
Só afim de lucrar um pouco de ouro,
No vil salario da perfidia horrivel;
Ou talvez por fartar brutal vingança,
Vertendo o sangue de innocentes peitos.
Aqui nâo freme o ronco das procellas,
Que tem de mil Naçôes cavado a ruina:
Aqui perpetuos bens meigos adoçam
Agros destinos, turbida existencia,
A voz da intriga, o incenso da lisonja
Nâo arde, nâo troveja aos pés dos Solio,
Nem as trevas do engano alli transformam
Serviços em traiçôes, virtude em crimes.

O Genio protector, que nos defende
Nunca retorce da careira illustre,
Que do Emprego sublime o gráo Lhe marca;
Docil, e prompto no outorgar dos premios,
Sómente é tardo ao desfachar dos raios.
Inda nas crises de apurados lances
Nâo soube vacillar, tremer nâo soube.
Arduos projectos, que traçou na mente,
Pôde sempre ao seu fim levar sem custo
Impossiveis nâo vê, tudo Lhe é facil.
Sempre incansavel, desvelado sempre.
Fez abrolhar no solo Brazileiro
Todos os dons, os elementos todos
Da Gloria, do Heroismo e da Fortuna;

Fez tremolar ovante e respeitado
O auriverde Pendão da Patria nossa;
Fez, finalmente, neste vasto Imperio
Ver um Povo feliz no amor do Throno,
E um Monarca feliz no amor dos Povos.
Cidadãos, exultai! O Augusto Movel
De todos esses Dons, de Assombros tantos;
O Grande Pedro, o Fundador do Imperio,
Já respira outra vez sobre estas margens.
Cidadãos, exultai! E' nosso: é nosso.

XXII.

JOAO PAULO DOS SANTOS BARRETO.

Elogio.

(Ao mesmo assumpto antecedente.)

Se o tumido, vastissimo Oceano,
Grato recebe as copiosas ondas,
Qu'o Soberbo Amazonas, e que o Prata
Em feudo perenal nelle derramâo,
Ah! Nâo regeita por mesquinho, e pobre
O tardio regato, que submisso
Tributo vai prestar-lhe reverente.
D'est'arte, Inclito Pedro, o vate implume
Se remontar nâo pode a Phebo ignifero,
Rasteiros vôos ensaia ao bifendido
Sagrado Monte, habitaçâo das Musas.
Oh qu' assumptos nâo vejo magestosos
Para ingente Epopéa e altiva Historia!
Vejo abaladas na caduca Europa
Da Mole Social vetustas Bases,

Em quanto assoma no Brazil ovante
Magestoso Edificio, obra de Pedro.
Vejo na Terra de Cabral famoso
Novos brotarem venturosos dias
Que vão de Rhea os dias memorando:
Vejo (Oh Prodigio!) o Joven Sublimado
A gloria escurecer do Heróe, que outrora
Na Plaga Boreal seu Nome teve.
Se tanto fulgurou o Etesio Pedro,
Só porque soube Sabias Leis dictando,
Florente Imperio transmittir, que herdára;
Se pôde em fim ganhar de Grande o Nome:
Qual seja, Clio diz, qual nome pode
Convir a tanto Heróe, convir a Pedro
Quando no abismo quasi despenhado,
O convulso Brazil hia â sumir-se,
Quando das Serpes a caterva horrenda
Pestilente veneno vomitando,
O dente estragador lhe morde o peito,
Quando affrouxados, rotos os ligames,
Em partes dissolvido o Grâo Collosso,
Gigantesco Brazil tocava o termo,
Eis surge Pedro, de Mavorte Alumno,
Forrado o Peito d'aço, o sabre em punho,
Arrojando p'ra além dos Mares bravos
As imigas, sacrilegas cohortes;
Qual Sartelmo que traz a Náo do Estado
Bonança perenal, serenos dias
Surge do Abismo, surge da Discordia
O radiante, magestoso Solio,
Que Nascimento e Gratidâo lhe outorgam:
Alça o Brazil a fronte triumfante
Em Pedro encontra Divinal Arrimo.

Sopra-lhe vida, Marca-lhe a carreira,
Que em breve percorrendo á meta chega.
Nâo cessa Pedro de benigno a dextra
Solícito estender. Nâo murcha a planta
Se de sabio cultor a mâo a ampara.
D'est'arte assomam lucidos dictames,
Brotam as Artes, vingam as Scienciss:
Cede Neptuno o Reino Cristalino
A' dura quilha d'Argos renascida:
Marte abandona os campos devastados
Da prisca Europa, vem firmar seu trono
No fertil solo do Brazil benigno;
Bravos Alumnos, que Belona adestra,
D'envolta a morte com seus golpes mandam
Contra os infidos, horridos Titanes,
Que serros sobrepondo a altivos serros,
Sacro Olympo escalar ousam protervos.
Que mais pode outorgar fagueiro Nume?
Nâo tem doce Penhor na Prole Augusta
Concedido ao Brazil Jove Potente?
Nâo vemos congregados Nomothetas
Ardendo em zelo santo as Leis traçarem
A pár das Normas, que dictára Pedro,
Nâo vai doce conforto aos caros Póvos
Qual Nume tutellar prestar Amigo,
De Boréas e Neptuno despresando
Rijas procellas, sibilantes sópros?
Nâo vemos'.... Musa, basta qu'altos feitos
Cantar só podem Vates, que libando
D'Aganype o licor sacro e prestante,
Sonoroso clarim do Pindo emboçam.

XXIII.

PEDRO JOSÉ DA COSTA BARROS.

Cantata.

(Imitaçâo da de Dido.)

Aos annos da Imperatriz Amelia, em 1830.

Ja Nicteroy buscava branquejando
A suspirada Brazileira frota;
Mostrando a furto o pavilhâo dourado,
Que ora travessos ventos escondiam:
    Raivoza, mais que Dido,
Turva-se a Inveja, morde-se ululando:
Co' as serpes atirar em vâo procura
    Ao Brazileiro Eneas:
Apinhada nas ruas, e nas praças
A Brazilica gente se apresenta;
Corre em ondas á praia ha pouco nua,
Té tocarem co's pés na praia as ondas:

Muitos das altas grimpas
Das Cathedraes soberbas
Roubam, sem susto, ou medo, o pouzo ás aves:
Na morte e no sepulcro
Ali não se imagina:
Perdem-se estas ideas como as cinzas,
Que o vento leva, que dissipa as vozes,
A' mais formoza, do que o fôra Elisa,
A' Amelia igual aos Numes
Ja Nicteroy prepara,
Outr'ora esmorecida,
Queimar-Lhe incensos, erigir-Lhe altares.
A classe inferior do Povo as taças
Enche de rubro vinho,
Que em fido sangue corre a converter-se.
Ja de prazer delira
O amavel sexo lindo;
A madeixa subtil desentrançada
Sem arte aqui, ali, prende sem tino.
Do Regio apozento
Sae a buscar a amante,
A Espoza enternecida,
De Saudade esquecendo as agras queixas,
O Grande Imperador, que os Céos mostráram,
Para bem do Brazil, d'onde pendentes
Todos os Fados seus se descobrîram:
Conquistou-nos amor; não dura espada;
Para reger-nos Pedro, ah! não arranca
Jamais ferro oppressor d'aurea baînha:
Seu Paternal amor mais penetrante
Deu alma ao seu Direito, ás Leis deu corpo.

Ja se avistam: nos labios murmurando
A amoroza expressão das linguas salta;
Ao ver de Pedro as faces rociadas,
Se esquecem de Munich aureas columnas:
Amelia sente erguer-se
Dentro do Coração da Dita o leito:
Quando aos olhos do Espozo os Seus levanta,
Do Espozo dão-lhe os olhos
Mais prazer, do que dor a Dido a malha
Do infiel Dardanio.

Esta scena de amor se repetia
Entre os vivas do Povo, entre os accentos,
Que por todo o Brazil inda voando
Hão de sempre escutar-se: assim se ouviram:

Feliz Consorcio!
Ditozos Laços!
Que Amelia guias
De Pedro aos braços:
Teus claros dias
Eternos sejam.

Ao novo Imperio
Hoje asseguras
Mil bens presentes,
Ditas futuras.

Discordia bruta
De nós ja foge;
Da paz os mimos
Gozamos hoje.

O Par mimoxo,
E Magestozo,
Que d'alta gloria
Um Deos premêa;
Ja da Memoria
A elara vêa
Sulcando vai.

XXIV.

FR. JOAO BAPTISTA DA PURIFICAÇAO.

Da Provincia de Santo Antonio do Brazil*).

(A Antonio Joaquim de Abreo, em 1815.)

Deosas do Pyndo, placidas Camenas,
Que promptas florejaes-me a branda rima,
  Cedei-me a Lyra eterna,
  Que ao Luso Cysne déstes,
Para ao som modular dos aureos fios
O grato nome do Cantor Divino.

Flammifero vapor nas debeis fibras,
Serpeando embellece o frouxo alento

*) Não temos toda a certesa de que fosse nascido no Brazil este religioso; mas, ua dúvida, preferimos publicar esta ode, que recommenda o seu estro; e rogamos a quem esteja no caso de consultar os archivos da ordem de averiguar delle a naturalidade.

De um estro entorpecido:
Sôe em meu ronco peito
A linguagem Febea, a voz dos Numes
Troveje nas canções, que sagro ao Vate.

Não fito as vistas da ambição grosseira
Nos amplos cofres, que a Fortuna encinta,
Meu genio não se afana
Pélo vil interesse,
A candida amizade é quem só tenta
Do pobre alvergue requintar-me o vôo.

Transposto ao cume do Heliconeo monte
O sabio Ontanio, cuja fronte excelsa
Crystalisa a corrente
Da limpida Hypocrene,
Cinge o loiro, no Menálo cortado
Por mãos das Graças, que lhe fervem n'alma.

Faisca o Metro, que se estende aos Evos,
Ao tardio Porvir com gloria tanta,
Que a Gigantea Diva,
Deslisando as areias
De remotas Nações, fará que echôe
No brado universal, que vota em premio.

Tão galante expressão, tão linda fraze
Não doira os versos, que adorára Esmyrna
Ness' Aguia do Permesso
Por quem o Macedonio
Entre Marcias Phalanges suspirando
A sorte almeja do guerreiro Achilles.

Aprosada invençâo, que o gosto espanca,
Nâo lhe rouqueja o Canto sonoroso,
Assombrosa harmonia
Lhe ameiga a voz canora,
Ideias immortaes concebe a mente
Nos floreos quadros, que o Universo admira.

Nâo mais, Musas nâo mais; guardai-me a
Lyra,
Que de aljofar me destes enfeitada
Para louvar d'Ontanio
O nome venturoso,
Entalhado por vós em jaspe fino
A par do Mantuano e Venusino.

FIM DO FLORILEGIO.

Encontrar-se-ha o presente supplemento, bem como todo o Florilegio, no Rio de Janeiro, em casa de E. e H. Laemmert.

INDICE ADDITIVO

AO

GERAL ALPHABETICO

SUPPLEMENTO FINAL.

Paginas

INDICE.

COMPOSIÇOES DO SUPPL. PRIMEIRO

NÃO COMPREHENDIDAS NO

INDICE GERAL ALPHABETICO.

ADDENDA
AO APPENDICE DO FLORILEGIO.
XXIV bis.
NUNO MARQUES PEREIRA.*)
(1725.)

Romance.

La' cantava o Sabiá,
Um recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que ás mais aves despertou.

A este tempo se ouvia
N'um raminho o Curió,
Com sonora melodia,
E com requebros na voz.

O Mazombinho Canario,
Realengo em sua cor,
Deu taes passos de garganta,
Que a todos os admirou.

O' encontro lhe sahia,
Passarinho Bom cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por ver sahir o Sol.

*) Não havendo tido á mão, ao organisar e imprimir o 20. Supplemento, o livro do *Peregrino da America*, deste notavel Cayruense, deixámos de contempla-l-o; omissão que preferimos supprir, á ultima hora, transcrevendo este romance, recommendavel, não só pela côr local, como pela especialidade de ser em assoante agudo ou de uma só vogal.

De picado o Sanhaçú,
Taô alto soltou a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso naô levantou.

A encarnada Tapiranga
Quando mais bem se explicou,
Foi por numeros da solfa,
Com mil requebros na voz.

A linda Guarinhataâ,
Chochorriando, compôz
Um solo bem affinado,
Que seu amor explicou.

O alegre passarinho,
Que se chama Papa-arroz,
Pelos seus metros canoros
Cantava ut re mi fa sol.

A Carricinha cantando,
Tanto seu tiple affinou,
Que nas clausulas da solfa
Se naô viu cousa melhor.

E logo por esses ares
Remontado o Beijaflor,
Tocando ia nas azas
Com donaire um bello som.

O valente Picapáo,
De um páo fez o tambor,
E com o bico tocava
Alvorada ao mesmo Sol.

Despertando o Pitahuaâ
Com impulsos de rigor,

Disse logo: Bem-te-vi
Deste logar em que estou.

O Fradinho do deserto,
Contemplativo, mostrou
Que tambem sabe cantar
Os louvores do Senhor.

O Curuginha cantando,
Parecia um Roxinol;
E sempre taô entoado,
Que nunca desaffinou.

As Andorinhas no ar,
Com donaire e com primor,
Fizeram um lindo baile,
Que seu amor inventou.

O lindo Cucurutado,
Com bella voz, se mostrou
Que era musico famoso
Do real coro do sol.

O pintado Pintasilgo
Da solfa compositor,
Endechas fez, e um romance,
Que em pasmo a todos deixou.

As formosas Aracuaâs,
Sem temer ao caçador,
Em altas vozes cantavam
Cada qual com bello som.

Sahiu de ponto a dançar
A Lavandeira, e mostrou
Era taô destra na dança,
Que pés na terra naô pôz.

A formosa Jurutí
No bico trouxe uma flor,
E com taô custosa galla,
Que as tençôes arrebatou.

Sahiu de branco a Araponga
Com taô galhardo primor,
Que foi alvo das mais aves,
Pela alvura que mostrou.

Vieram em bandos logo,
Cantando com bom primor,
Periquitos, Papagaios,
Tocanos, e mais Paôs.

Nesta suave harmonia
Se divulgava uma voz
Pelos ares, que dizia:
Arára, Arára de amor.

Naô fallo aqui das mais aves,
Nem dos Sahuins e Guigós,
Que com bailes de alegria
Festejam ao Creador.

ERRATAS NOTAVEIS DO APPENDICE.

Pag.	*lim.*	*onde se diz:*	*lêa-se:*
12	5	Ne	Que
"	7	sem	sem,
16	16	Rue	Que
40	3	jacundo	jucundo
93	27	Sartelmo	Santelmo
94	ult.	emboçam	embocam